



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**

**DEPARTAMENTO DE DESPORTO E SAÚDE**

**PROGRAMA DO DESPORTO ESCOLAR 2017-2021.**

**Perceções dos coordenadores locais de Desporto**

**Escolar sobre as metas propostas.**

João Luís Fernandes Brotas Ramos

Orientação:

Professora Doutora Conceição Leal da Costa

Professor Doutor Mário Rui Coelho Teixeira

**Mestrado em Direção e Gestão Desportiva**

Dissertação

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

## **ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**

DEPARTAMENTO DE DESPORTO E SAÚDE

### **PROGRAMA DO DESPORTO ESCOLAR 2017-2021.**

## **As perceções dos coordenadores locais do Desporto Escolar sobre as metas propostas.**

João Luís Fernandes Brotas Ramos

Orientação:

Professora Doutora Conceição Leal da Costa

Professor Doutor Mário Rui Coelho Teixeira

**Mestrado em Direção e Gestão Desportiva**

Dissertação

Évora, 2018

## AGRADECIMENTOS

Ao longo da preparação, conceção e redação deste estudo tive o apoio de diversas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a materialização deste projeto. Deste modo gostaria de expressar sinceros agradecimentos a algumas delas, em particular:

- ✓ À Professora Doutora Conceição Leal da Costa, orientadora desta investigação, pelo seu apoio, pela sua postura e disponibilidade que sempre demonstrou ter e pelos conselhos bastante úteis que me deu, que juntamente com o seu conhecimento, foram vitais para a realização da dissertação;
- ✓ Ao Professor Doutor Mário Teixeira, orientador deste trabalho, pela sua ajuda na definição do tema e, sendo diretor do mestrado que frequentei, proporcionou uma aprendizagem a diversos níveis, onde adquiri conhecimentos necessários para a realização deste trabalho;
- ✓ Aos meus pais, não só pelo apoio financeiro, mas pelo carinho e paciência que sempre me transmitiram, pelo incentivo e possibilidade que me dão para continuar a formar-me e enriquecer o meu currículo academicamente;
- ✓ A todos os meus amigos que contribuíram para a realização da dissertação, dando conselhos e ideias e que me motivaram durante o decurso da mesma;
- ✓ Aos meus colegas de mestrado, por termos percorrido juntos esta etapa da minha vida, em especial ao Paulo Pereira, que sempre me ajudou e me acompanhou em todo o percurso.
- ✓ À professora Clarinda Pomar pelos conselhos na definição do tema e pela validação do guião de entrevista;
- ✓ Por fim, mas não menos importante, a todos os coordenadores que participaram no estudo tornando o mesmo possível, sempre mostrando disponibilidade em me auxiliar, em especial ao coordenador Nuno Santinha, por toda a paciência e tempo que dedicou quando foi necessário.

Podemos concluir que este trabalho reflete o meu esforço e a minha dedicação, mas que sozinho seria de todo impossível chegar ao fim. Nesta investigação está presente o esforço, ajuda e o contributo de todos que através de manifestações diversas de carinho e amizade tornaram possível o resultado final.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Nesta dissertação, realizada no âmbito do mestrado em Direção e Gestão Desportiva, desenvolvemos um estudo sobre as perceções dos coordenadores do desporto escolar, que atuam na Coordenação Regional do Desporto Escolar do Alentejo, sobre o Programa 2017-2021, emitido pelo Ministério da Educação e Ciência, tendo por base a sua experiência e vivências na área. Através da revisão bibliográfica é perceptível uma consciencialização do Ministério da Educação em torno dessa temática, denotada a partir da observação e análise dos programas emitidos pelo mesmo. Estes programas têm o objetivo de transmitir diretrizes a todos os estabelecimentos onde se pratique Desporto Escolar de forma a que este se desenvolva corretamente como é perceptível através de Menezes (2016), em 2009, surge pela primeira vez um Programa de Desporto Escolar para um quadriénio 2009 – 2013, que o vem credibilizar ainda mais e dar-lhe alguma estabilidade.

É, recorrendo aos Programas de Desporto Escolar formulados pelo Ministério da Educação, com especial atenção para o último e vigente, Programa de Desporto Escolar 2017-2021, que começa a recolha de dados que se baseia na identificação e compreensão de algumas metas propostas com incidência, sobretudo, na qualificação da oferta desportiva e na articulação da atividade desportiva com a organização escolar.

Tendo em conta a pergunta de partida e os objetivos que se pretendiam atingir foi adotada uma metodologia qualitativa de paradigma interpretativo.

No seu todo, fizemos pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas. As fases de análise e interpretação envolveram análise de conteúdo e permitiram a comparação dados na fase de interpretação.

Concluimos que as metas propostas no Programa do Desporto Escolar 2017-2021, relativamente aos parâmetros abordados, são objetivos ambiciosos, mas atingíveis. Entendemos, através de perceções recolhidas, que os coordenadores estão a criar condições para que a prática deste desporto chegue aos patamares pretendidos e concluiu-se que o desenvolvimento do Desporto Escolar pode passar não só por uma aproximação com o desporto federado, mas também por fazer chegar junto dos mais

novos (1º ciclo) atividade desportiva escolar, cativando-os para o Desporto Escolar e inculcando hábitos desportivos de forma a combater a obesidade e sedentarismo infantil.

Palavras chave: Desporto Escolar; Programa de Desporto Escolar 2017-2021; Coordenadores de Desporto Escolar; Perceção, Alentejo.

## ABSTRACT

In this dissertation, carried out within the scope of the Master in Sports Management and Management, we developed a study on the perceptions of school sports coordinators, who work in the Regional Coordination of Alentejo School Sports, about the 2017-2021 Program, issued by the Ministry of Education and Science, based on their experience and experiences in the field. Through the bibliographic review it is possible to perceive an awareness of the Ministry of Education around this theme, denoted by the observation and analysis of the programs issued by it. These programs have the objective of transmitting guidelines to all establishments where School Sports is practiced so that it develops correctly as it is perceived through Menezes (2016), in 2009, for the first time a School Sport Program for a four-year period 2009 - 2013, that comes to give you even more credibility and give you some stability.

It is, using the school sports programs formulated by the Ministry of Education, with special attention to the last and current, School Sports Program 2017-2021, that starts data collection which is based on identifying and understanding some goals proposals affecting, especially in the qualification of the sport offer and in the articulation of the sport activity with the school organization.

Considering the starting question and the objectives that were intended to be achieved, was adopted a qualitative methodology of interpretive paradigm.

We did documentary research and semi-structured interviews. The analysis and interpretation phases involved content analysis and allowed the comparison of data in the interpretation phase.

We conclude that the goals proposed in the 2017-2021 School Sport Program, are ambitious goals, but attainable, according to the School Sports coordinators. We understand, through perceptions gathered, that the coordinators are creating conditions for the practice of this sport to reach the desired levels and it was concluded that the development of School Sports can pass not only by an approximation with the federated sport but also by practice school sports activity in younger ages, captivating them for School Sports and incorporating sports habits in order to combat obesity and child sedentariness.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

---

Keywords: School Sport; 2017-2021 School Sport Program; School Sports Coordinators; Perception, Alentejo.



## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Pires (1990), identifica que no século XXI entrar-se-ia na era de complexidade, do aleatório e do instável. Quanto mais o ambiente social e desportivo se complexifica, mais as suas estruturas orgânicas de suporte devem variar, diversificar-se e complexificar-se.

O mesmo autor (1990) acrescenta que sendo na escola que estão os jovens, que estão grande parte das instalações desportivas, que estão os técnicos mais habilitados do país, logo, é na escola que têm de ser feitas as apostas na construção de um futuro diferente. Seguindo a sua linha de pensamento, o Estado tem como obrigação, assumir a organização e monitorização do Desporto Escolar.

Como o desporto nas escolas é um tipo de prática desportiva que engloba uma quantidade enorme de praticantes, em escalões etários cruciais para a aquisição de estilos e hábitos de vida saudáveis, onde a prática da atividade física deverá ser uma constante, urge que este seja regido e estruturado de forma eficaz para potenciar a sua abrangência, diversificar a sua prática e ser um tipo de desporto de excelência.

Atualmente, o Ministério da Educação está responsável pela coordenação e orientação do Desporto Escolar e definiu uma estrutura a três níveis: nacional, regional e local. (Conde, 2012)

É no processo de coordenação do Desporto Escolar que este estudo incide e ganha particular importância, procurando perceber o processo que relaciona o Programa do Desporto Escolar 2017-2021, com as políticas desportivas adotadas a nível local e regional, entendendo as perceções destes coordenadores sobre o programa vigente, qual a tendência atual do desporto escolar na sua área de intervenção e quais as medidas, futuras e em funcionamento, que irão levar os níveis de prática desportiva escolar reais para patamares como os descritos e pretendidos nas metas do programa para o Desporto Escolar 2017-2021.

## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO .....	ii
ABSTRACT .....	iv
ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	vi
Índice de tabelas .....	xi
Índice de figuras .....	xii
Abreviaturas/Siglas .....	xiii
Introdução.....	2
Motivações e justificação da escolha do tema .....	2
Objetivos do estudo.....	3
Estrutura da dissertação.....	4
PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	6
CAPÍTULO I - Caracterização do Desporto Escolar .....	6
1.1    Conceitos de Desporto Escolar .....	6
1.2    Finalidades e objetivos do Desporto Escolar .....	11
1.3    Enquadramento legislativo do Desporto Escolar em Portugal .....	13
1.4    Estrutura organizacional do Desporto Escolar.....	15
CAPÍTULO II - Programas do Desporto Escolar .....	18
2.1    Caracterização do Programa de Desporto Escolar 2017-2021 .....	18
2.2    Programas do Desporto Escolar 2007-2009 e 2009-2013.....	20
2.3    Programa do Desporto Escolar 2013-2017.....	21
2.4    Vetores estratégicos de ação do Programa de Desporto Escolar 2017-2021	29
2.4.1    Qualificação da oferta desportiva .....	30
2.4.2    Incentivar a procura do Desporto Escolar .....	36
2.4.3    Articular a atividade desportiva com a restante organização escolar .....	37

2.4.4	Consolidar a gestão do desporto escolar .....	38
2.4.5	Metas propostas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021.....	39
CAPÍTULO III - Coordenação do Desporto Escolar .....		41
3.1	Caracterização da Coordenação do Desporto Escolar.....	41
3.1.1	Coordenação Nacional do Desporto Escolar.....	42
3.1.2	Coordenação Regional do Desporto Escolar.....	43
3.1.3	Coordenação Local do Desporto Escolar.....	44
CAPÍTULO IV- Dados relativos ao Desporto Escolar no Alentejo .....		46
PARTE II- METODOLOGIA .....		49
CAPÍTULO V- Metodologia .....		49
5.1	Problemática do estudo.....	49
5.2	Abordagem qualitativa .....	50
5.3	Estudo exploratório .....	51
5.4	Campo de estudo .....	52
5.5	Instrumentos de recolha de dados .....	53
5.6	Entrevista semiestruturada.....	55
5.7	Guião de Entrevista .....	56
5.8	Procedimentos de pesquisa .....	57
5.9	Análise de conteúdo .....	60
5.10	Validade e Confiabilidade.....	61
PARTE III- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS .....		63
CAPÍTULO VI- Apresentação e discussão de resultados.....		63
6.1	Categorização dos dados .....	63
6.2	Dimensão Caracterização do entrevistado.....	64
6.2.1	Percurso académico e de formação.....	64

6.2.2	Percurso profissional, cargo atual e tempo de serviço.....	65
6.3	Dimensão Conhecimento sobre o Programa do Desporto Escolar .....	66
6.3.1	Conhecimento sobre as metas propostas.....	66
6.3.2	Tendência recente do Desporto Escolar.....	67
6.4	Dimensão Qualificação da oferta desportiva .....	68
6.4.1	Fatores considerados na escolha da oferta desportiva escolar .....	69
6.4.2	Acesso a modalidades tecnicamente mais complexas .....	70
6.4.3	Promoção da igualdade de participação entre géneros e inclusão de alunos NEE	70
6.4.4	Oportunidades de formação aos docentes de melhoria das suas competências.....	72
6.4.5	Competências que os professores de Desporto Escolar deverão melhorar.....	73
6.5	Dimensão Articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar.....	74
6.5.1	Relação do Desporto Escolar com o desenvolvimento curricular.....	75
6.5.2	Formulação dos horários de Desporto Escolar.....	75
6.5.3	Impacto do Desporto Escolar no Projeto Educativo das Escolas .....	77
6.6	Dimensão Desenvolvimento e tendência do desporto escolar.....	78
6.6.1	Grau de ambição e concretização das metas propostas no Programa do Desporto Escolar 2017-2021 .....	78
6.6.2	Tendência futura e desenvolvimento do desporto escolar .....	80
PARTE IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		81
CAPÍTULO VII- Conclusões e recomendações .....		81
7.1	Conclusões.....	81
7.2	Limitações e sugestões para estudos futuros .....	89

Referências bibliográficas .....	91
Legislação.....	94
Apêndices .....	96
Apêndice A - Guião de entrevista .....	96
Apêndice B - Modelo de Consentimento informado.....	102
Apêndice C- Quadro síntese de dados dos entrevistados .....	104
Apêndice D- Entrevistas .....	105

## Índice de tabelas

Tabela 1- Comparativos do desporto escolar em alguns países da União Europeia (Adaptado de Cunha & Durão, 2014) .....	10
Tabela 2- Diplomas legais que suportam o desporto escolar .....	13
Tabela 4- Valores associados ao DE (Adaptado de PDE 2017-2021. pág. 12).....	19
Tabela 5- Modalidades no PDE 2017-2021 (Fonte: Regulamento do PDE 2017-2021, pág 4).....	19
Tabela 6. Variação do número de alunos inscritos no Sistema Educativo em Portugal .	23
Tabela 7- Alunos e escolas participantes no Corta-mato escolar .....	23
Tabela 8- Alunos e escolas participantes no Mega Sprinter escolar .....	24
Tabela 9- Participação no Projeto Basquetebol 3x3 .....	24
Tabela 10- Intervenientes na Festa do Futebol Feminino .....	25
Tabela 11- Número e variação de alunos inscritos nos Grupos-Equipas a nível nacional .....	25
Tabela 12- Número e variação de Grupos-Equipas inscritos a nível nacional .....	26
Tabela 13- Número de alunos participantes em cada uma das fases .....	27
Tabela 14- Relatório de execução do PDE 2013.2017 (Fonte: DGE) .....	27
Tabela 15- Metas estratégicas de execução do PDE 2017-2021 (Fonte: Adaptado do PDE 2017-2021, págs. 14 e 15).....	40

## Índice de figuras

Figura 1- Estrutura organizacional do DE (Fonte: PDE 2017-2021, pág. 3) .....	16
Figura 2- Mapa da Direção Geral de Serviços de Estabelecimentos Escolares (Fonte: PDE 2017-2021, pág. 3) .....	17
Figura 3- Níveis de desenvolvimento da oferta desportiva do CDE (Fonte: PDE 2017-2021, pág. 6) .....	32
Figura 4- Níveis de organização da oferta desportiva escolar (Fonte: PDE 2017-2021, pág. 16) .....	34
Figura 5- Estrutura orgânica do DE (Fonte: Riscado, 2013) .....	41

## Abreviaturas/Siglas

CFD- Centros de Formação Desportiva

CDE- Clube de Desporto Escolar

CLDE- Coordenação Local do Desporto Escolar

CNDE- Coordenação Nacional do Desporto Escolar

CRDE- Coordenação Regional do Desporto Escolar

DE- Desporto Escolar

DGestE- Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares

EF- Educação Física

MEC- Ministério da Educação e Ciência

NEE- Necessidades Educativas Especiais

PDE- Programa do Desporto Escolar



School Sports Program 2017-2021. The perceptions of the local School Sports coordinators on the proposed goals.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**PROGRAMA DO DESPORTO ESCOLAR 2017-2021.**

**As perceções dos coordenadores locais do Desporto**

**Escolar sobre as metas propostas.**

**Mestrado em Direção e Gestão Desportiva**

Orientação:

Professora Doutora Conceição Leal da Costa

Professor Doutor Mário Rui Coelho Teixeira



## Introdução

### Motivações e justificação da escolha do tema

A preparação de uma dissertação de mestrado relaciona-se a vários fatores: a escolha do assunto; a existência de fontes; a orientação académica; a pesquisa científica; o planeamento do texto; a síntese e a redação final. O assunto escolhido deve ter por base as inclinações do investigador, do seu interesse pessoal ou profissional e estar adequado à sua formação e conhecimento, recursos económicos, à existência de uma boa bibliografia e ao tempo que pode dispor para desenvolver o tema, compreende-se através de Ciribelli (2003).

O tema desta dissertação centra-se no âmbito do desporto escolar, nomeadamente, na sua tendência ao longo de um passado recente, na sua realidade atual e na perceção dos coordenadores locais acerca de determinadas metas impostas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021.

O desporto escolar é uma área que já não é recente, existindo diversos estudos já realizados acerca do mesmo, sendo a maioria dos trabalhos realizados nesta temática de teor quantitativo, nomeadamente, centrando-se em conclusões nominais relativas a alunos praticantes, modalidades e atividades desenvolvidas, etc. Considera-se, assim, uma área já explorada. Recentemente têm sido realizados outros estudos pertinentes sobre esta temática nomeadamente sobre a organização do desporto escolar, as políticas educativas desportivas, o papel das autarquias ou outros poderes locais no desenvolvimento do desporto escolar.

A escolha do tema relaciona-se com vivências experimentadas enquanto aluno praticante do desporto escolar, as quais ainda guardo com saudade e que trazem boas recordações, num misto de emoções sentidas, com aprendizagens adquiridas dentro e fora do campo. Ao mesmo tempo sinto que esta área do desporto apresenta uma grande preponderância na sociedade atual, uma vez que esta se caracteriza pelo sedentarismo e um agravamento da saúde, na sua generalidade, causada direta e

indiretamente pela falta da prática de atividade física. Deste modo, sendo o desporto escolar capaz de englobar diversos escalões etários a partir dos quais se criam e incutem estilos de vida saudáveis com a inclusão do desporto no quotidiano, é necessário a realização de estudos que aprofundem esta temática, com o intuito de perceber os seus verdadeiros benefícios e finalidades.

Por fim, decidimos abordar o desporto escolar no Alentejo uma vez que, após uma exaustiva revisão documental, denotei a falta de estudos sobre este tema nesta área geográfica, na qual estão envolvidas diversas instituições de ensino que dependem do Desporto Escolar para fazer chegar e fomentar aos seus alunos atividade física.

O presente estudo acaba por ser pertinente e inovador na medida em que se debate sobre um tema bastante atual, o Programa de Desporto Escolar 2017-2021, emitido pelo Ministério da Educação. Este surge também num molde pouco experimentado em estudos nesta área, na medida em que são requisitadas entrevistas a coordenadores do desporto escolar como objetivo de compreender e analisar as perceções dos mesmos sobre algumas das metas propostas no referido documento.

### Objetivos do estudo

Escrevem Cervo e Bervian (2002), “o objetivo geral mostra o caminho do seu pensamento como uma ação a ser alcançada e lhe concede uma visão global e abrangente do tema, relacionando-o com conteúdos intrínsecos, fenómenos e eventos das ideias estudadas. Os objetivos específicos apresentam carácter mais concreto e permitem uma melhor compreensão do objetivo geral, propiciando alternativas do pensamento a ser construído com enfoques diferentes.”

Para a realização da dissertação colocámos como pergunta central e de partida:

- ✓ Quais as perceções dos coordenadores de Desporto Escolar no Alentejo sobre as metas propostas no Programa do Desporto Escolar vigente e qual o trabalho a realizar para estas serem cumpridas, nomeadamente na qualificação da oferta desportiva e articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar?

Com o intuito de auxiliar a responder à questão central, colocámos como objetivos específicos desta dissertação:

- ✓ Analisar e compreender o conceito de Desporto Escolar veiculado pelos coordenadores, nomeadamente, o que significa, quais os objetivos e missões, como está legislado e qual a sua estrutura;
- ✓ Compreender as perceções dos coordenadores de Desporto Escolar acerca de algumas metas impostas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021 sobre a qualificação da oferta desportiva e qual o trabalho a desenvolver para estas serem cumpridas;
- ✓ Compreender as perceções dos coordenadores de Desporto Escolar acerca de algumas metas impostas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021 sobre a articulação da atividade desportiva com a organização escolar e qual o trabalho a desenvolver para estas serem cumpridas;
- ✓ Conhecer pensamentos e ações dos coordenadores acerca das estratégias de desenvolvimento do Desporto escolar.

### Estrutura da dissertação

O presente trabalho de investigação está organizado em quatro partes: Enquadramento teórico, Metodologia, Análise e interpretação de dados e Considerações finais.

#### Parte I- Enquadramento teórico

Neste capítulo é efetuada uma análise documental sobre o tema abordado. Este está dividido em

4 subcapítulos:

- ✓ Caracterização do Desporto Escolar- identificam-se os objetivos e finalidades do Desporto Escolar, a sua organização estrutural e legislativa;
- ✓ Programas de Desporto Escolar- são analisados os programas anteriores, verificando os seus objetivos e missões e qual o seu contributo, de forma a denotar uma tendência. Por fim, estuda-se o Programa de Desporto Escolar atual, 2017-2021.
- ✓ Coordenação do Desporto Escolar- é abordada toda a estrutura coordenativa do Desporto Escolar

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

- ✓ Dados relativos ao Desporto Escolar no Alentejo- são apresentados dados estatísticos, resultantes de uma pesquisa efetuada junto da coordenação regional, sobre o passado recente e a atualidade do Desporto Escolar em Portugal.

## Parte II- Metodologia

Na segunda parte desta investigação é apresentado todo o procedimento metodológico que serviu de base para a realização da dissertação. Assim, são analisados nesta parte, a problemática do estudo, a abordagem qualitativa, o campo de estudo, os instrumentos de recolha de dados, o guião de entrevista utilizado, os procedimentos de pesquisa e a análise do conteúdo (Capítulo V).

## Parte III- Análise e interpretação de dados

Neste segmento do estudo são apresentados e analisados todos os dados obtidos nas entrevistas efetuadas e são interpretados os resultados à luz do conhecimento que se adquiriu no enquadramento teórico (Capítulo VI).

## Parte IV- Considerações finais

Esta é a parte mais importante da investigação pois são elencadas as conclusões a que se chegou com a sua realização. Surgem as respostas aos objetivos específicos e à questão central e são sugeridos alguns estudos futuros relacionados ou que complementem este projeto. São, também, identificadas as limitações do mesmo (Capítulo VII).

## PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### CAPÍTULO I - Caracterização do Desporto Escolar

#### 1.1 Conceitos de Desporto Escolar

*“Entende-se por Desporto Escolar o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividades da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo”.*

Decreto-Lei n.º 95/91, artigo 3º

Esta área do desporto tem vindo, ao longo dos anos, a constituir-se como uma componente essencial e de referência para a formação e educação dos jovens estudantes portugueses, contudo o passado do Desporto Escolar (DE) tem sido intermitente, não sendo fácil elaborar um conceito único para este termo segundo Menezes (2016), “falar ou descrever o Desporto Escolar num único conceito ou definição torna-se extremamente difícil face à riqueza de um projeto que cresceu sobre todos os aspetos nos últimos anos. Muitos autores e estudiosos dissertaram sobre o tema para explicar as suas ideias”,

Desta forma apresentamos um conjunto de citações de diversos autores, com vista a aclarar esta designação.

Pina (1995, citado por Vaz, 2014) faz entender que o desporto na escola apresenta um quadro legal, orgânico e institucional designado “desporto escolar” que, nos dias de hoje, é reconhecido como peça importante para toda a atividade desportiva, na melhoria do ambiente escolar e na formação dos jovens no seu contexto social e na interação com outras influências educativas: a família, a opinião pública, os meios de comunicação social, as condições especiais e materiais, os amigos, entre muitos outros.

Para Silva (2015), o DE é um programa tutelado pelo Ministério da Educação e Ciência (MEC), destinado a apoiar, no seio das instituições públicas ou privadas de ensino, iniciativas de dinâmica interna ou externa de carácter desportivo. É um elemento do sistema educativo com carácter facultativo, sem peso na avaliação curricular dos alunos. Na mesma linha de pensamento, Gonçalves (2002 citado por Santos, 2009) aborda o DE como uma atividade de complemento curricular, como um instrumento de intervenção pedagógica do Sistema Educativo. Sendo o DE uma atividade extracurricular, em que os alunos não são obrigados a participar, este só pode entender-se numa perspetiva que nasça do próprio aluno servindo as suas necessidades, respondendo aos seus interesses, não tendo outras justificações alheias á sua função e significado compreende-se através de Carvalho, (1987, citado por Santos, 2009).

Segundo Freitas (2000, citado por Vaz, 2014), “desporto escolar não é apenas uma atividade recreativa e lúdica. É, acima de tudo, uma matéria séria que, abordada e trabalhada de forma responsável e competente, contribuirá para a formação global dos nossos alunos, através das transformações que neles se irão verificar. Mas este só poderá contribuir eficazmente para a formação dos alunos quando se reconhecer a finalidade e conteúdos próprios e singulares da saúde, sociais, éticos e morais e o de construção de uma cidadania participativa e atuante.”. Assim, para além das aprendizagens motoras, são adquirido valores e vivências singulares deste tipo de desporto, diz Silva (1999, citado por Silva, 2015), que o DE permite a muitas crianças e jovens tenham oportunidade de conhecer novas escolas, novos alunos, novos ambientes, novas maneiras de ser, agir e pensar, e confrontados com a sua realidade, adquirem progressivamente um equilíbrio, aprendendo a viver e a conviver, a conhecer e a respeitar, a treinar e a competir, a pretexto duma atividade que lhes é natural e de pleno agrado. Concluindo esta ordem de ideias, Matos (1999, citado por Ribeiro, 2013) refere que o DE é uma prática voluntária e uma atividade de complemento curricular inserido no projeto de escola e na comunidade educativa envolvente onde todos os alunos podem aceder e participar. Defende que o DE não se deve orientar para o rendimento desportivo, mas sim para o aspeto formativo e

entende que tem um papel importante na escola e no seu processo educativo já que, mais do que um espaço de prática desportiva, é um elemento fundamental para a cidadania como meio para a formação integral dos seus praticantes.

Abordando outra temática relacionada com o DE entende-se, após uma revisão documental, que este se encontra ainda encurralado entre vários conceitos sendo pertinente distingui-lo do desporto federado e da Educação-Física (EF).

Para Mota (2003), o DE é mais uma questão do sistema educativo que do sistema desportivo. Assim a escola deve assumir o DE como um projeto essencial do seu processo educativo, pois trata-se do local principal para o desenvolvimento da prática desportiva educativa. Auxiliando esta teoria, o DE não se deve orientar para o rendimento desportivo, mas sim para o aspeto formativo e entende-se que tem papel importante na escola e no seu processo educativo já que, mais do que um espaço de prática desportiva, é um elemento fundamental para a cidadania como meio para a formação integral dos seus praticantes (Matos, 1999 citado por Ribeiro, 2013). Segundo Chumbinho (2006, citado por Silva, 2015), para o DE é indiferente a modalidade que se desenvolve, na medida em que a tónica se coloca na prática de desporto e atividade física e não desta ou daquela modalidade em particular. Já para as federações, existe um denotado interesse na captação de jovens para as respetivas modalidades, procurando por esta via garantir um trabalho de desenvolvimento sustentável e com marcada profundidade. Pires (2005, citado por Silva, 2015), relata que quer o desporto federado, quer o DE, têm a mesma vocação, satisfazer as necessidades de prática desportiva dos jovens em idade escolar e contribuir em sentido mais lato para o desenvolvimento desportivo. A diferença entre os dois reside na missão, ou seja, o desporto federado tem como missão o rendimento, a medida, o recorde, o espetáculo e o profissionalismo, enquanto o DE deve ter uma missão de educação, generalização, catarse, recreação e saúde.

Em relação á simbiose entre a EF e o DE, talvez por terem conteúdos comuns (com abordagem diferente), as duas áreas são, muitas vezes, mescladas e encaradas como sendo a mesma coisa. No entanto, enquanto a EF possui uma dimensão curricular,



obrigatória e cujas aprendizagens são passíveis de serem avaliadas, o DE, enquanto oferta de escola, pressupõe uma maior liberdade organizativa e metodológica, quer ao nível dos horários de prática, quer dos programas de aprendizagem (Nogueira, 2009). Rego (2002), sustenta que a base do sistema educativo é o aluno, a escola é uma via institucional de acesso à educação e indiretamente à prática do desporto. A EF é uma área do currículo e promove o desenvolvimento integral do aluno porque incide sobre o seu comportamento motor, utilizando especificamente a atividade motora para o processo ensino aprendizagem. O DE é uma atividade física extracurricular facultativa que, teoricamente, deveria ser para todos os alunos, no entanto, nos moldes em que é organizado, continua a ser um processo em que os resultados é o que mais interessa.

Silva (2015), sugere que projeto do DE de cada agrupamento de escolas ou escola não agrupada é elaborado pelo grupo de EF e faz parte do plano anual de atividades e do Projeto Educativo. A EF deverá sensibilizar e motivar os alunos para o gosto pela prática desportiva e encaminhá-los para o DE, permitindo o desenvolvimento integral dos alunos. Os professores de EF são também os treinadores das equipas do DE e devem ter um papel promotor, sendo decisivos no sucesso deste tipo de desporto. O autor defende que o DE e a EF têm relações muito próximas: utilizam as mesmas instalações, são orientadas pelos mesmos professores e os alunos que são inscritos no DE têm EF.

Esclarecendo as devidas diferenças entre os conceitos acima abordados, é perceptível que o DE constitui um espaço vital na realidade escolar e é através do mesmo que se torna possível, para uma considerável população escolar, praticar desporto. Valdano (2002, citado por Vaz, 2014), aponta que para muitos alunos é mesmo a única possibilidade que têm de praticar desporto de uma forma organizada e com carácter formal. Como para muitos é a única plataforma de contacto para o desporto e atividade física, o DE tem grande impacto e responsabilidade no aumento da prática desportiva em Portugal. Cafruni; Marques; Gaya (2006), salientam que “para se alcançar e obter, por parte dos jovens atletas, os resultados desejados, a escola e

o clube têm por obrigação desempenharem a suas funções, quer na de iniciação desportiva, quer no desporto de alto rendimento, desenvolvendo as bases necessárias para que o jovem obtenha o seu sucesso desportivo.”

Abrindo horizontes, é perceptível que não só em Portugal, mas também nos restantes países da Europa existe uma atenção crescente para a prática de desporto nas escolas. Refere Silva (2015), que todos os países europeus reconhecem a importância da EF na escola, sendo obrigatória no ensino primário e no ensino secundário por toda a Europa. Como complemento à EF, os países europeus estimulam, de outras formas, os jovens a serem fisicamente mais ativos fora das horas letivas regulares. Cunha e Durão (2014), entendem que a oferta de atividades desportivas extracurriculares é referenciada por quase todos os países inquiridos no seu estudo. Estas atividades são organizadas e apoiadas por iniciativa de autoridades nacionais, regionais e locais, ou pelas próprias escolas. A quase totalidade da Europa tem DE e este é entendido como uma realidade diferente da EF. Em alguns países interseitam-se ou o DE é a extensão da EF, noutros, o DE abrange a EF. Em todos a EF é área curricular.

Segue-se um quadro síntese com informação comparativa entre Portugal e outros países da União Europeia relativamente ao DE onde se abordam os diferentes conceitos do DE, as relações com o desporto federado e a EF e enquadramento institucional.

	<b>PORTUGAL</b>	<b>ALEMANHA</b>	<b>LUXEMBURGO</b>	<b>FINLÂNDIA</b>
<b>CONCEITO DE</b>	O conjunto de práticas lúdico desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e de ocupação dos tempos livres	Aprender o movimento e aprender com o movimento	Aprender o movimento e aprender com o movimento	Estilo de vida ativo e saudável
<b>RELAÇÃO ENTRE A EF E O DE</b>	Mesmos professores; EF obrigatória, DE opcional, DE complementa a EF	A EF é parte do DE	Mesmos professores; EF obrigatória, DE opcional, DE complementa a EF	DE opcional
<b>RELAÇÃO ENTRE O DF E O DE</b>	Pouca cooperação	Protocolos de cooperação para realização de projetos	Associações Nacionais de DE; membros do comité olímpico nacional	Colaboração forte

Tabela 1- Comparativos do desporto escolar em alguns países da União Europeia (Adaptado de Cunha & Durão, 2014)

## 1.2 Finalidades e objetivos do Desporto Escolar

*“O desporto escolar visa especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como fator de cultura, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados”*

Decreto-Lei nº 46/86, artigo 51º

Gonçalves (2002 citado por Santos, 2009), identifica que o DE persegue os seguintes objetivos: “Proporcionar a todos, um conjunto de atividades desportivas de carácter recreativo ou competitivo, aquisição de atitudes de integração e de convivialidade, de responsabilidade de pertença e de partilha, da noção de direitos e deveres, ou seja, o desenvolvimento precoce da cidadania, aquisição dos valores e princípios do espírito desportivo e da tolerância, do respeito pelas diferenças, de aceitação do outro, nas práticas desportivas e na vida em sociedade e contribuir para um estilo de vida ativo e saudável.”

Como se denota, o DE apresenta um vasto leque de objetivos que complementam a educação e formação cívica das crianças e jovens, esta perceção é também sentida por Vieira (2008), que considera o interesse legítimo da União Europeia pelo desporto, em particular pelos seus aspetos sociais e culturais, bem como pelos valores sociais e educativos que veicula, como a autodisciplina, a superação das limitações pessoais, a solidariedade, a sã competição, o respeito do adversário, a integração social e o combate a quaisquer formas de discriminação, o espírito de equipa, a tolerância e o fair-play. Desta forma, torna-se justo e consciente a implementação do DE nas instituições de ensino no nosso país, funcionando como uma ferramenta pedagógica.

Para Sousa (2015), alguns dos benefícios que acarreta a participação de alunos em atividades proporcionadas no DE são:

- ✓ “Cumprir o horário de treinos e da competição, sendo pontual e justificando as suas ausências.
- ✓ Adaptar-se ao grau de exigência motora e física da atividade lúdico-desportiva.
- ✓ Relacionar-se com cordialidade e respeito com os colegas de equipa e adversários.
- ✓ Aceitar o apoio dos companheiros para aperfeiçoamento próprio.
- ✓ Disponibilizar-se para ajudar na evolução dos colegas de equipa.
- ✓ Conhecer as regras da modalidade.
- ✓ Identificar as exigências técnicas e táticas da modalidade.
- ✓ Desenvolver o sentido do rigor tático, adaptando-se às alterações do jogo/ prova desenvolvida.
- ✓ Conhecer os atores de saúde e risco associados modalidade.
- ✓ Evidenciar elevação na manutenção física.
- ✓ Participar como atleta e como árbitro nas atividades promovidas na modalidade escolhida.
- ✓ Revelar interesse e disponibilidade para solucionar problema”

Outra das finalidades do DE, que o distancia de todas as outras áreas do desporto é que este tem um carácter inclusivo, como defende Mota (1997 citado por Santos, 2009) os objetivos a que o DE se propõe situam-se globalmente na satisfação do direito de todos os alunos e não apenas dos mais dotados terem acesso ao desporto e no reforço da motivação para a prática. Ainda sobre o papel inclusivo deste tipo de desporto, o mesmo autor (2001 citado por Santos, 2009), sugere que a prática do DE tem de ser para todos, independentemente das suas capacidades, não permitindo qualquer motivo de exclusão ou segregação, nem ser orientada por critérios de seleção, normalmente dos mais dotados, que em grande parte são já os que usufruem dos benefícios da prática, seja por razões económicas ou sociais.

Existe, para além inclusão dos alunos menos capacitados ou menos dotados, um esforço para abranger os alunos com mais capacidades e que pretendem aprofundar a prática desportiva, com a criação dos Centros de Formação Desportiva (CFD) e grupos-equipa de nível III, de qualquer forma, seguindo o pensamento de Gomes (1993 citado por Santos, 2009), a escola não deve entrar em disputa pelo espaço do desporto federado porque não segue os mesmos objetivos. Com isto, pretende-se perceber que, embora exista uma procura de criar um maior nível de competição no DE, este afasta-se do desporto federado, não sendo o principal objetivo o da vitória.

### 1.3 Enquadramento legislativo do Desporto Escolar em Portugal

O enquadramento legal em Portugal define que a escolaridade deve ser, de forma gratuita e universal, garantida a todos os jovens, assim como, os seus direitos económicos, sociais e culturais, nomeadamente na área da Educação Física e Desporto. Todos estes conceitos aparecem contemplados nos Artigos 73º - Educação, Cultura e Ciência; Artigo 74º - Ensino e Artigo 79º - Cultura física e Desporto.

O enquadramento legal atual inicia-se em 1988 com a criação do primeiro grupo de trabalho, com o objetivo de elaborar um projeto de Decreto-Lei para o DE. Em 1993, é integrado, pela primeira vez, nos horários dos docentes.

Focando no nosso sistema educativo, o DE tem como principais objetivos a aquisição de hábitos e estilos de vida saudáveis (por consequência, a promoção da saúde e condição física), a melhoria de condutas motoras e o desenvolvimento de valores culturais e cívicos como a cooperação, solidariedade e criatividade. Estes preceitos vêm descritos no Artigo 51º - Ocupação de tempos livres e Desporto Escolar; Artigo 62º - Desenvolvimento da Lei e Artigo 28º - Estabelecimentos de Educação e Ensino.

*Tabela 2- Diplomas legais que suportam o desporto escolar*

<b>Diploma Legal</b>	<b>Designação/Desenvolvimento</b>
<b>Lei nº 46/86, de 14 de outubro</b>	Lei de Bases do Sistema Educativo
<b>Portaria 406/87, de 14 de maio</b>	Regulamenta o Desporto Federado
<b>Lei nº 1/90, de 13 de janeiro</b>	Lei de Bases do Sistema Desportivo
<b>Decreto-Lei nº 95/91, de 26 de fevereiro</b>	Aprova o regime jurídico da EF e do DE
<b>Decreto-Lei nº 164/96, de 5 de setembro</b>	Adequa as Leis Orgânicas do Instituto do Desporto e do Ministério da Educação ao estabelecido no Decreto-Lei n.º296-A/95, de 17 de novembro - Lei Orgânica do XIII Governo Constitucional

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

<b>Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de maio</b>	Estabelece o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, bem como dos respetivos agrupamentos. Prevê, nomeadamente, os agrupamentos de escolas, o que obriga o DE a dar uma resposta progressiva e ajustada a esta possibilidade de associação de estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, em torno de um projeto pedagógico comum
<b>Portaria n.º 206/99, de 25 de março</b>	Altera a portaria n.º 999/98, de 27 de novembro, clarificando as entidades a quem ficam afetos os pavilhões desportivos escolares construídos no âmbito do PDE 2000
<b>Lei n.º 30/2004, de 21 de julho</b>	Lei de Bases do Sistema Desportivo
<b>Lei n.º 5/ 2007, de 16 de janeiro</b>	Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto
<b>Decreto-Lei n.º 14/2012 de 20 de janeiro</b>	Aprova a estrutura orgânica da DGE, em conformidade com a missão e as atribuições que lhe são cometidas pela Lei Orgânica do MEC.
<b>Decreto-lei 139/2012 de 5 julho</b>	Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário, da avaliação dos conhecimentos a adquirir e das capacidades a desenvolver pelos alunos e do processo de desenvolvimento do currículo dos ensinos básico e secundário
<b>Despacho n.º 13608/2012 de 19 outubro</b>	Cria no âmbito da DGE a Divisão do DE.
<b>Decreto-Lei n.º 266-G/2012 de 31 de dezembro</b>	Procede à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 125/2011, de 29 de dezembro, que aprova a Lei Orgânica do MEC
<b>Despacho Normativo n.º 7/2013 de 11 de junho</b>	Atualiza e desenvolve os mecanismos de exercício da autonomia pedagógica e organizativa de cada escola e harmoniza-os com os princípios consagrados no regime jurídico de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação.
<b>Despacho n.º 9302/2014 de 17 de julho</b>	Determina a oferta desportiva e o número de créditos de tempos letivos a atribuir no PDE no ano letivo de 2014-2015.

---

Pode-se verificar, após a análise da tabela 2, que existe uma crescente preocupação que leva a uma evolução nos quadros que legislam a atividade física, nomeadamente, o DE. Inicialmente, são implementados regulamentos base para o DE bem como para a EF e desporto federado, são os casos da Portaria 406/87 e do Decreto-Lei n.º 95/91. Posteriormente, surgem algumas modificações legislativas, são criados departamentos e gabinetes, ou seja, entidades responsáveis pela regulação e gestão

de processos relativos ao DE, como a criação da Divisão do DE, através do Despacho nº 13608/2012. Por fim, são lançadas medidas que dispersem e especifiquem a gestão do desporto escolar, procurando dar-lhe autonomia e compartilhando responsabilidades.

#### 1.4 Estrutura organizacional do Desporto Escolar

A falta de estabilidade legislativa tem sido um dos principais obstáculos à estruturação orgânica do DE e, por consequência, ao seu próprio desenvolvimento.

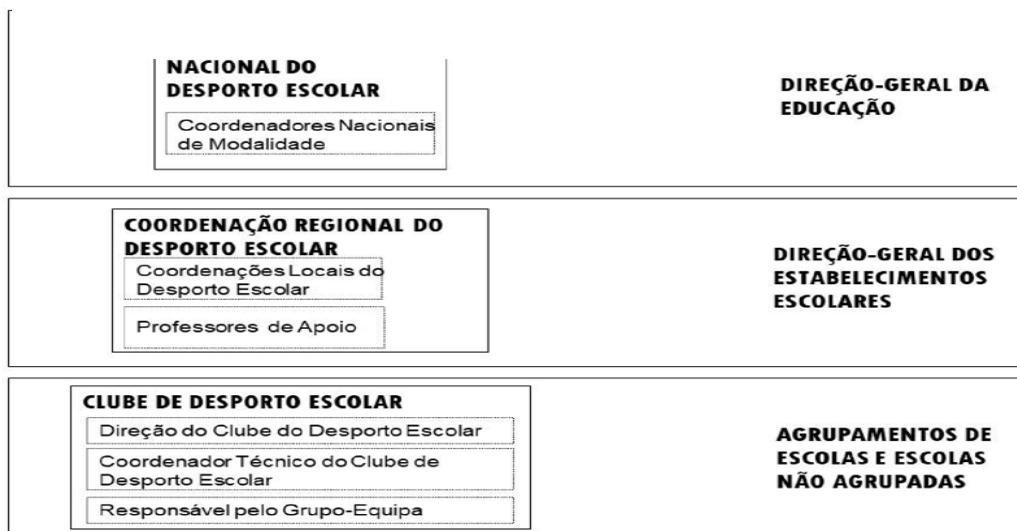
Nogueira (2009), reitera que “o desporto escolar que surge ainda antes da Revolução de Abril é, de todas as atividades formativas que a escola coloca à disposição dos alunos, a que melhor assimilou a passagem pelo tempo e sobreviveu até aos nossos dias.” No entanto, foi alvo de modificações significativas nos seus modelos organizativos até chegar à estrutura atual. Corroborando esta tese, Conde (2012), defende que nos últimos anos a estrutura do DE estabilizou, está bem definida a nível nacional, regional e local. A interligação do nível estrutural, local e regional é muito forte, situação que não se verifica com tanta magnitude quando nos referimos à estrutura nacional.

Segundo o que vem descrito Programa de Desporto Escolar (PDE) 2017-2021 (pág. 3), a estrutura organizacional do DE integra diferentes níveis e âmbitos:

- Nacional (Coordenação Nacional do Desporto Escolar - CNDE),
- Regional (Coordenações Regionais do Desporto Escolar - CRDE),
- Local (Coordenações Locais do Desporto Escolar – CLDE),
- Clubes de Desporto Escolar (CDE), associados aos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

Figura 1- Estrutura organizacional do DE (Fonte: PDE 2017-2021, pág. 3)



Menezes (2016), refere que a estrutura nacional do DE é composta por uma CNDE, por cinco CRDE, 24 CLDE e por um vasto número de CDE (Fig. 2). Esta informação é possível observar na ilustração seguinte. Relativamente à estrutura Nacional do DE e à sua coordenação, ainda estão abrangidos os Coordenadores Nacionais das Modalidades, afetos à Direção Geral de Educação. Em relação às Coordenações Regionais, estas abrangem e supervisionam as Coordenações Locais, ambas afetas à Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE). As Coordenações Locais, por sua vez, contam também com a colaboração dos professores de apoio.



Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

Figura 2- Mapa da Direção Geral de Serviços de Estabelecimentos Escolares (Fonte: PDE 2017-2021, pág. 3)



## CAPÍTULO II - Programas do Desporto Escolar

### 2.1 Caracterização do Programa de Desporto Escolar 2017-2021

*“O Programa do Desporto Escolar 2017/2021 introduz desenvolvimentos importantes no sentido de alargar significativamente o acesso à oferta desportiva escolar, articulando-a de forma mais efetiva com a disciplina de Educação Física, com a oferta desportiva federada e, também, com as dinâmicas locais de promoção da saúde, da atividade física e do desporto. Neste novo ciclo quadrienal de gestão do Programa do Desporto Escolar serão promovidos os Clubes de Desporto Escolar com maior capacidade de mobilização da comunidade educativa em torno de atividades diversificadas e alinhadas com o Projeto Educativo da escola. Serão, ainda, reforçados os quadros competitivos e os mecanismos de monitorização e de supervisão da oferta.”*

Decreto-Lei no 139/12 de 8 de agosto

As escolas são a estrutura e unidade base de todo o sistema educativo e, nomeadamente, do DE. Os programas que foram mais recentemente elaborados (2013 e 2017), são plurianuais, mais propriamente, quaternários, o que pressupõe uma sequencialidade e continuidade do trabalho realizado nas escolas. Menezes (2016) contrapõe que as escolas, por vezes, não têm um plano estratégico bem definido, os seus projetos são anuais e não plurianuais, o que faz com que não haja continuidade nos anos seguintes. O seu crescimento, torna-se pouco sustentado e os alunos é que saem prejudicados, pois veem o seu percurso desportivo interrompido por falta de oferta.

Segundo o descrito no documento PDE 2017-2021 (pág. 12), este apresenta:

#### “Visão

Todos os alunos do sistema educativo praticam regularmente atividades físicas e desportivas.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

### Missão

Estimular a prática da atividade física e da formação desportiva como meio de promoção do sucesso dos alunos, de estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa.

### Valores

A atividade desportiva desenvolvida ao nível do DE põe em jogo potencialidades físicas e psicológicas, que contribuem para o desenvolvimento global dos jovens, sendo um espaço privilegiado para fomentar hábitos saudáveis, competências sociais e valores morais, de entre os quais se destacam:”

*Tabela 3- Valores associados ao DE (Adaptado de PDE 2017-2021. pág. 12)*

✓ Disciplina	✓ Solidariedade
✓ Tolerância	✓ Dedicção
✓ Perseverança	✓ Coragem
✓ Humanismo	✓ Respeito
✓ Responsabilidade	✓ Verdade
✓ Espírito de Equipa	

O conjunto de modalidades que servem como oferta desportiva do programa em vigência vêm descritas no Regulamento do PDE 2017-2021 (pág. 4):

*Tabela 4- Modalidades no PDE 2017-2021 (Fonte: Regulamento do PDE 2017-2021, pág 4)*

Atividades Rítmicas e Expressivas	Corfebol	Judo	Surf	Andebol	Luta
Taekwondo	Atletismo	Escalada	Multiatividades de ar livre	Badminton	Esgrima
Desportos Adaptados	Ténis de Mesa	Basebol e Softbol	Natação	Triatlo	Boccia
Golfe	Patinagem	Vela	Canoagem	Hóquei em campo	Rugby
Xadrez	Desportos Gímnicos	Ténis	Futsal	Remo	

## 2.2 Programas do Desporto Escolar 2007-2009 e 2009-2013

Como se verifica usualmente, a chave para o futuro está no passado, ou seja, é condição importante reconhecer a necessidade de conceber um quadro teórico de referência sobre o DE que possibilite e promova uma melhoria do nível qualitativo da sua intervenção. Ficou bastante óbvio que, em termos centrais, existiu uma evolução na preocupação e consciencialização aquando da redação dos PDE.

O PDE 2007/08/09 pretendia alcançar os seguintes objetivos segundo Santos (2017):

“Relativos à Organização:

- ✓ Promover uma maior articulação a todos os níveis de organização. Entre os estabelecimentos de ensino, as estruturas regulares do Ministério da Educação e os profissionais envolvidos no Desporto Escolar, numa lógica de subordinação destes aos projetos e prioridade das primeiras, potenciando desta forma as funções educativas do Desporto Escolar;
- ✓ Reforçar as ligações entre o Desporto Escolar e outros agentes desportivos, incluindo Associações Locais, Autarquias e o Desporto Federado;
- ✓ Promover o combate à inatividade física e a luta contra a obesidade.

Relativos às atividades:

- ✓ Pelo menos devem ser mantidas as atividades oferecidas no ano transato, acrescidas, eventualmente, de novas atividades que alarguem a oferta de prática desportiva principalmente a alunos do sexo feminino, a alunos com necessidades educativas especiais de carácter prolongado e a alunos em risco de abandono e insucesso escolar; abrangidos pelo Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária;
- ✓ O aumento das iniciativas de competição externa, em particular geradas nos agrupamentos de escolas e escolas não integradas em agrupamentos, constituídas em Associações Desportivas Escolares;
- ✓ Promover a constituição de Associações Desportivas Escolares.”

Neste sentido e para uma afirmação mais sólida do DE, o mesmo autor indica que, o PDE 2009-2013 apresentou como objetivos estratégicos:

- ✓ Melhorar a qualidade da educação;
- ✓ Aumentar as oportunidades de prática desportiva de qualidade;
- ✓ Aumentar o sucesso escolar;
- ✓ Formar mais e melhores praticantes;
- ✓ Garantir a igualdade de oportunidades;
- ✓ Aumentar a visibilidade das boas práticas;
- ✓ Melhorar métodos de ensino/aprendizagem;
- ✓ Adaptar ofertas às necessidades;
- ✓ Criar instrumentos facilitadores de inclusão;
- ✓ Melhorar a imagem e divulgação do Desporto Escolar;
- ✓ Valorizar a formação profissional;
- ✓ Potenciar projetos estruturantes em parcerias;
- ✓ Implementar um sistema de informação e comunicação.

### 2.3 Programa do Desporto Escolar 2013-2017

O PDE 2013- 2017 pretendeu materializar o disposto no Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, desenvolvendo a execução de atividades complementares aos currículos dos ensinos básico e secundário e proporcionando aos agrupamentos de escolas e às escolas não agrupadas o desenvolvimento da Educação-Física e do DE.

Segundo Moutinho (2016), existiu um aumento da oferta de atividades físicas e desportivas, de carácter formal e não formal, para a promoção de modalidades com elevado potencial desportivo para todos os alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória, houve um maior envolvimento dos alunos, ampliando a área de abrangência geográfica e promovendo a formação de professores em áreas mais deficitárias.

De acordo com o mesmo autor (2016), o PDE de 2013-2017 pretendeu incluir todas as infraestruturas desportivas públicas, privadas e associativas, possibilitando a rentabilização das mesmas e incentivando a celebração de protocolos entre vários agentes dinamizadores de desporto como as escolas, autarquias, associações, Instituto Português do Desporto e Juventude, e Instituto do Emprego e Formação

Profissional, para a utilização e rentabilização das infraestruturas desportivas escolares durante os períodos que se encontram inativos.

Do processo de monitorização e autoavaliação e segundo o PDE 2017-2021 (pág. 8), resultam como principais conquistas do PDE 2013-2017:

- ✓ Totalidade dos estabelecimentos de ensino público que disponibiliza oferta desportiva escolar;
- ✓ Adequação da oferta desportiva para assegurar a participação em competições desportivas de âmbito nacional em paralelo com a escolaridade obrigatória de 12 anos;
- ✓ Segmentação da oferta desportiva em três níveis de prática e a sua articulação com as atividades curriculares;
- ✓ Valorização do desempenho desportivo dos alunos pelas direções das escolas;
- ✓ Implementação de políticas de inclusão de alunos com NEE nas atividades do desporto escolar;
- ✓ Crescimento sustentado das oportunidades de formação de docentes em diversas áreas e a existência de fóruns de debate e discussão interna;
- ✓ Crescimento na participação em competições internacionais de âmbito escolar;
- ✓ Maior acesso dos alunos a modalidades técnicas e logisticamente complexas, por via da criação de Centros de Formação Desportiva.

Foram, no mesmo documento orientador do DE (pág.8), identificadas áreas de melhoria de entre as quais se destacam:

- ✓ Conciliação da necessidade de promover a especialização desportiva com o alargamento da base de praticantes, por via do reforço e valorização da atividade interna nas escolas;
- ✓ Ligação entre o Desporto Escolar e o sistema desportivo federado, a nível local, regional e nacional;
- ✓ Diferenciação positiva para os Clubes de Desporto Escolar que contribuem para os objetivos do Projeto Educativo e que mobilizam a população escolar de forma significativa e continuada;
- ✓ Aprofundamento do trabalho em rede com as comunidades educativas para se atingirem objetivos educativos e desportivos comuns;
- ✓ Diversificação e prolongamento dos calendários competitivos;
- ✓ Compromisso com o Clube de Desporto Escolar expresso na construção dos horários de utilização de espaços desportivos e na distribuição de serviço pelos docentes.

Irão agora ser apresentados dados numéricos, a nível nacional, resultantes do período de implementação do PDE 2013-2017. Porém, antes de tratar o DE propriamente

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

dito, surge a necessidade de perceber a tendência do número de alunos inscritos do nosso sistema educativo, uma vez que serão estes a unidade base e essencial para a prática desportiva escolar.

*Tabela 5. Variação do número de alunos inscritos no Sistema Educativo em Portugal*

CICLO DE ENSINO	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017
2.º Ciclo do Ensino Básico	234.625	223.958	216.926	n.a
3.º Ciclo do Ensino Básico	361.230	363.594	352.774	n.a
Secundário	364.417	372.410	369.532	n.a
Total	960.272	959.962	939.232	n.a

É possível identificar que, entre os anos letivos de 2013/2014 e 2015/2016, assistiu-se a um decréscimo do número de alunos inscritos, sendo essa diminuição na ordem dos 2,2%, sendo estes dados relativos ao 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário. Após a observação da tabela conclui-se que o número de alunos que frequentam os estabelecimentos de ensino em Portugal tem vindo a diminuir.

*Tabela 6- Alunos e escolas participantes no Corta-mato escolar*

Fase	Tipo	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017
Escola	Escolas	832	1.014	1.049	1.034
	Alunos	219.185	254.613	262.930	265.911
Local	Escolas	1.130	1.127	1.184	1.155
	Alunos	37.105	36.087	38.320	38.389
Nacional	Escolas	309	309	362	343
	Alunos	800	829	909	912

Após se ter identificado uma evolução decrescente do número de alunos no sistema educativo em Portugal, analisou-se a variação do número de participações (escolas e alunos) nos principais campeonatos de DE. A tabela 6 diz respeito à participação num desses eventos, o Corta-mato. É perceptível um aumento do número de participantes em cada uma das fases (local, regional e nacional).

*Tabela 7- Alunos e escolas participantes no Mega Sprinter escolar*

Fase	Tipo	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017
Escola	Escolas	649	763	717	803
	Participantes	142.181	164.100	169.871	163.897
Local	Escolas	803	814	888	821
	Participantes	17.023	17.722	17.870	19.121
Nacional	Escolas	394	416	426	242
	Participantes	717	747	775	754

Na tabela 7 analisa-se o desenvolvimento em termos do número de participações do Mega Sprinter durante os anos letivos de 2013/2014 a 2016/2017. Os dados recolhidos permitem diagnosticar um crescimento do número de participantes quer por parte dos alunos quer por parte das escolas, contudo no último ano letivo analisado (2016/2017), existiu um decréscimo de escolas envolvidas a pesar de a nível local o número de alunos que participaram tenham aumentado quando comparado com o ano letivo anterior.

*Tabela 8- Participação no Projeto Basquetebol 3x3*

Fase	Tipo	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017
Local	<b>AE</b>	351	470	478	530
	<b>Equipas Participantes</b>	1.881	2.302	2.346	4.708
	<b>Alunos</b>	14.124	15.879	17.678	18.845
<b>Nacional</b>			400	400	384



Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

O quadro anterior tem como intuito analisar a evolução do número de participantes no Projeto Basquetebol 3x3. Como se observa, existiu um aumento a nível local do número de alunos e escolas. A fase nacional deste evento apenas se começou a realizar no ano letivo 2014/2015 e no ano 2016/2017 teve um decréscimo.

Tabela 9- Intervenientes na Festa do Futebol Feminino

Tipo	2013/2014		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
	Sub-13	Sub-15	Sub-13	Sub-15	Sub-13	Sub-15	Sub-13	Sub-15
<b>AE ou ENA/Equipas</b>	12	20	16	13	24	25	28	29
<b>Alunas-Atletas</b>	168	280	144	250	237	316	336	406
<b>Alunas-Árbitras</b>	9	14	8	5	0	0	23	24
<b>Professores/Acompanhantes</b>	14	22	26	55	24	25	34	35

Constata-se, na tabela 9, uma evolução globalmente positiva do número de alunas, equipas, alunas-árbitras e professores acompanhantes em ambos os escalões apresentados. Dados como este possibilitam afirmar que este evento tem tido uma procura cada vez maior, incentivando e aumentando a prática de DE.

Tabela 10- Evolução do número de alunos inscritos, ao longo dos anos, por coordenação regional

CRDE	2012/13		2013/14		2014/15		2015/16		2016/2017	
	TPrat.	TPrat.	PCresc	TPrat.	PCresc	TPrat.	PCresc	TPrat.	PCresc	
<b>ALENTEJO</b>	10 276	11 341	10,36%	12 090	6,60%	12 090	0,00%	11 970	-10,03%	
<b>ALGARVE</b>	9 280	9 821	5,83%	10 048	2,31%	9 826	-2,21%	10 063	-8,23%	
<b>CENTRO</b>	35 695	38 324	7,37%	38 610	0,75%	38 186	-1,10%	37 572	-6,78%	
<b>LVT</b>	61 629	64 811	5,16%	65 599	1,22%	64 004	-2,43%	63 875	-5,47%	
<b>NORTE</b>	55 826	59 171	5,99%	58 993	-0,30%	57 475	-2,57%	56 194	-7,50%	
<b>Totais</b>	172 706	183 468	6,23%	185 340	1,02%	181 581	-2,03%	179 674	-6,84%	

Esta tabela (10), mostra a variação ao longo dos anos letivos do número de alunos inscritos nos Grupos-equipa nas diferentes coordenações regionais. Entre 2012/2013 e 2014/2015, houve um aumento do número de alunos inscritos, contudo, nos dois anos letivos seguintes, inverteu-se a situação, diminuindo o número de alunos nos grupos equipas, de todas as coordenações regionais. Especificamente, a CRDE do Alentejo foi de todas as coordenações regionais a que registou um maior aumento percentual entre os anos 2012/2013 e 2014/2015, na ordem dos 17%. Apesar deste aumento o Alentejo foi a região que apresentou uma maior redução percentual (à volta dos 10%), no mais recente ano letivo analisado (2016/2017).

Tabela 11- Evolução do número de Grupos-Equipas inscritos, ao longo dos anos, por coordenação regional

CRDE	2012/13		2013/2014		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
	Nº GE	Nº GE	TCresc	Nº GE	TCresc	Nº GE	TCresc	Nº GE	TCresc	
ALENTEJO	427	462	8,20%	456	-1,30%	459	0,66%	465	1,31%	
ALGARVE	369	377	2,17%	378	0,27%	373	-1,32%	376	0,80%	
CENTRO	1 483	1 506	1,55%	1 513	0,46%	1 518	0,33%	1 504	-0,92%	
LISBOA E VALE DO TEJO	2 607	2 561	-1,76%	2 536	-0,98%	2 524	-0,47%	2 544	0,79%	
NORTE	2 195	2 214	0,87%	2 202	-0,54%	2 192	-0,45%	2 191	-0,05%	
Total	7 081	7 120	0,55%	7 085	-0,49%	7 066	-0,27%	7 080	0,20%	

Através da observação do esquema acima apresentado retira-se uma ideia relativamente ao número de Grupos-Equipa por coordenação regional. Verifica-se que as regiões com mais Grupos-Equipa são de Lisboa e Vale do Tejo seguida da região do Norte, contudo, ambas, são as únicas onde se assistiu a uma diminuição do número de equipas. A coordenação regional do Alentejo, viu o seu número de Grupos-equipas aumentar entre os anos letivos de 2012/2013 e 2016/2017 sendo que o maior aumento ocorreu em 2013/2014 tendo nos 2 anos mais recentes apresentado uma tendência ligeiramente positiva.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

Tabela 12- Número de alunos participantes em cada uma das fases

Fase	Regional (Alunos)	Nacional (Alunos)	Internacional (Alunos)
2013/2014	10.695	1709	139
2014/2015	11.151	2963	136
2015/2016	12.914	2979	102
2016/2017	14.828	3392	143

A nível regional e nacional o número de alunos envolvidos tem aumentado gradualmente. Situação que não acontece a nível internacional entre 2013/2014 e 2015/2016, embora, no último ano, 2016/2017, houve um acentuado aumento do número de participantes a nível internacional como se pode observar na tabela 12.

Tabela 13- Relatório de execução do PDE 2013.2017 (Fonte: DGE)

INDICADOR	RESULTADOS (2013/2014)	META 13-14	RESULTADOS (2014/2015)	META 14-15	RESULTADOS (2015/2016)	META 15-16	RESULTADOS (2016/2017)	META 16-17
1-Nº de eventos organizados pelas CLDE de nível I de âmbito nacional	24 corta-matos 24 megas 22 Bas 3x3	<b>50</b>	24 corta-matos 24 megas 24 Bas 3x3 18 Futebol fem. (Variante 5 e 7)	<b>52</b>	24 corta-matos 24 megas 24 Bas 3x3 20 Futebol fem. 23 Taça DE	<b>53</b>	24 corta-matos 24 megas 24 Bas 3x3 21 Futebol fem. 22 Taça DE	<b>55</b>
2-Nº de Centros de Formação Desportiva	13	<b>6</b>	32	<b>10</b>	40	<b>15</b>	53	<b>20</b>
3-Nº de atividades do DE com integração de alunos com NEE a nível nacional	24 corta-mato 2 mega 24 Boccia	<b>50</b>	24 corta-mato 5 mega 24 Boccia	<b>52</b>	24 corta-mato 12 mega 24 Boccia	<b>53</b>	23 corta-mato 12 mega 24 Boccia	<b>55</b>
4- % de alunos do 2º/3º ciclo do Ensino Básico que participam no Desporto Escolar	Infantis B (25,9%) Iniciados (30,7%)	<b>20%</b>	Infantis B (31,5%) Iniciados (30,0%)	<b>22%</b>	Infantis B (31,5%) Iniciados (27,8%)	<b>24%</b>	Infantis B (32,25%) Iniciados (29,4%)	<b>25%</b>
5- % de participantes do género feminino	Inf. A (50,9%) Inf. B (43,2%) Inic. (41,6%) Juv. (43,8%) Jun. (42,8%)	<b>44%</b>	Inf. A (51,5%) Inf. B (39,6%) Inic. (42,9%) Juv. (42,4%) Jun. (44,8%)	<b>46%</b>	Inf. A (50,0%) Inf. B (40,5%) Inic. (42,8%) Juv. (44,8%) Jun. (33,6%)	<b>48%</b>	Inf. A (51,0%) Inf. B (40,4%) Inic. (43,4%) Juv. (45,2%) Jun. (31,4%)	<b>50%</b>
	Total: <b>42,85%</b>		Total: <b>42,84%</b>		Total: <b>43,13%</b>		Total: <b>44,8%</b>	
6- % de alunos do Ensino Secundário que participam no DE	Juvenis (23,7%) Juniore (18,5%)	<b>9%</b>	Juvenis (17,7%) Juniore (11,2%)	<b>10%</b>	Juvenis (23,7%) Juniore (4,3%)	<b>12%</b>	Juvenis (23,8%) Juniore (3,6%)	<b>12%</b>
7 -Nº de equipas de Nível III	78	<b>60</b>	106	<b>70</b>	117	<b>75</b>	101	<b>80</b>

A tabela 13 apresenta o conjunto de resultados obtidos durante o período de intervenção do PDE 2013-2017.

Em relação ao primeiro indicador, eventos organizados pelas Coordenações Locais de nível I, as metas propostas foram largamente cumpridas o que leva a crer que, para este tipo de indicador, os objetivos poderiam ser um pouco mais ambiciosos. O mesmo se pode dizer do indicador seguinte, os CFD.

O terceiro indicador, atividades de DE com inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), os objetivos traçados também foram atingidos, sobretudo, graças ao aumento de eventos “Mega Sprinter”.

O quarto indicador, referente ao número de alunos do 2º e 3º ciclo do ensino básico que participam no DE, conseguiu alcançar as metas propostas embora seja relevante o facto da percentagem de iniciados ter apresentado uma tendência negativa. Contudo, a percentagem de infantis tem vindo a aumentar compensando a regressão percentual dos iniciados.

A percentagem de participantes do sexo feminino (quinto indicador), não conseguiu corresponder às metas traçadas no programa, existiu um aumento da percentagem de participação no DE por alunos do sexo feminino, contudo, este aumento é insuficiente. De salientar, a grande diminuição da percentagem de participação feminina no escalão de juniores, o que indica que ao longo do tempo e à medida que os alunos do sexo feminino vão tendo mais idade a taxa de abandono do DE vai aumentando.

O sexto indicador, percentagem de alunos do secundário que participam no DE foi uma meta alcançada com distinção, podendo ter sido um objetivo mais ambicioso embora tenha existido uma diminuição preocupante da percentagem do número de alunos do escalão de juniores.

Por último, o indicador número 7 que diz respeito ao número de equipas de nível III, também foi cumprido embora no último ano letivo abordado (2016/2017), este número tenha diminuído.

## 2.4 Vetores estratégicos de ação do Programa de Desporto Escolar 2017-2021

Com o objetivo de concretizar a visão e cumprir a missão do PDE, no período compreendido entre 2017 e 2021, este, concentrar-se-á em 4 vetores estratégicos que reúnem um conjunto de objetivos, projetos e ações.

Através de uma análise SWOT descrita no PDE de 2013 (págs. 4 e 5), foram perceptíveis as ameaças e fraquezas bem como as oportunidades e forças que envolvem o DE. Assim, as principais fraquezas determinadas na análise são o incremento da oferta não desportiva tornando-se mais apelativa do que as atividades físicas e desportivas, o sedentarismo e a conjuntura económica (período de recessão económica). As oportunidades encontradas são: o alargamento da escolaridade obrigatória o que leva os alunos a uma aproximação e participação em atividades relacionadas com o DE e a gratuitidade, uma vez que é oferecido ao aluno um vasto leque de atividades e modalidades desportivas que requerem de participação gratuita o que aumenta o grau de atração face a outras atividades que são pagas. As principais fraquezas discriminadas na análise são o planeamento tardio, que faz com que exista uma incompatibilidade das atividades curriculares com as atividades de complemento curricular, que por sua vez, leva a um diminuto tempo de prática pois os horários escolares não contemplam espaços para a dinamização de atividades desportivas, sugerindo que o DE ainda se encontra pouco articulado com o Projeto Educativo dos agrupamentos de escolas ou de escolas não agrupadas. Por fim, as forças realçadas são a oferta, existe um vasto leque de atividades desportivas gratuitas oferecidas aos alunos, a inclusão, existe um número grande (e cada vez maior) quer de alunos NEE quer de modalidades específicas para pessoas com deficiência, por último, o lado formativo desta área desportiva, contribuindo para formar cidadãos e promover valores como espírito de equipa, disciplina, respeito, etc.

Estudando a análise efetuada foram delineados vetores para o desenvolvimento do DE. Dentro de cada vetor são enumeradas várias alíneas que servem como diretrizes orientadas para o êxito e cumprimento dos objetivos propostos.

Os 4 vetores estratégicos de ação propostos no PDE atual são:

- ✓ Qualificação da oferta desportiva;
- ✓ Incentivar a procura do desporto escolar;
- ✓ Articular a atividade desportiva com a restante organização escolar
- ✓ Consolidar a gestão do desporto escolar.

Para a realização deste estudo, optou-se por abordar com maior profundidade a qualificação da oferta desportiva e a articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar uma vez que são as áreas onde as Coordenações Locais e Regionais do DE podem interferir com maior preponderância, embora todos os vetores estratégicos sejam estudados, como se irá observar posteriormente. Para perceber a evolução do DE em Portugal, será feita uma comparação entre os objetivos e metas orientadoras incrementadas nos programas anteriores e no programa vigente, quando apropriado.

#### 2.4.1 Qualificação da oferta desportiva

O DE tem vindo a evoluir na sua oferta e hoje é uma estrutura muito importante e de grande qualidade, que proporciona aos jovens portugueses um nível de prática sistemático e regular, quer a nível escolar, quer em competições de âmbito local, distrital, regional e nacional. Será, portanto, necessário qualificar essa oferta de modo a atrair os alunos e proporcionar um crescimento e desenvolvimento sustentável do DE.

De acordo com PDE 2013 (pág. 9), o vetor “Qualificar a atividade do desporto escolar” apresenta como linhas orientadoras:

- ✓ Melhorar o desempenho desportivo dos alunos;
- ✓ Reforçar a articulação entre o Desporto Escolar e o currículo, destacando o seu papel na promoção do sucesso educativo, da inclusão e do combate ao abandono escolar;

- ✓ Alargar e dinamizar a rede de parceiros do Desporto Escolar;
- ✓ Aumentar a formação e atualização de conhecimentos dos intervenientes no Desporto Escolar;
- ✓ Definir e implementar o código de conduta dos intervenientes no Desporto Escolar.

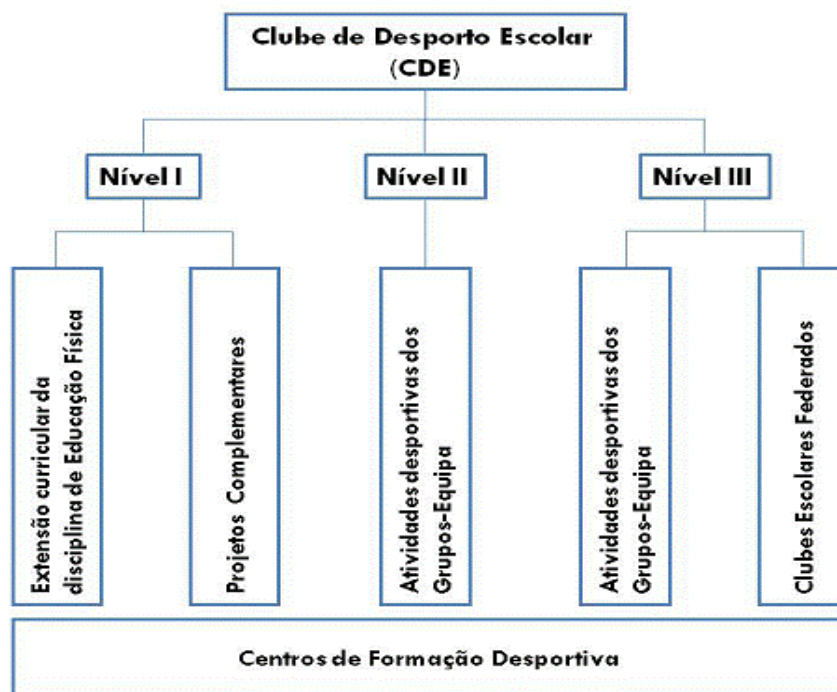
Uns anos depois, no PDE em vigência (pág. 12), surge o vetor “Qualificar a oferta desportiva escolar” que apresenta como linhas orientadoras:

- ✓ Flexibilização da oferta desportiva, aproximando-a dos interesses dos alunos;
- ✓ Promoção da especialização desportiva, combinando-a com a universalização do acesso;
- ✓ Promoção da equidade e da igualdade de oportunidades na competição desportiva;
- ✓ Generalização do acesso à prática de modalidades desportivas tecnicamente complexas, como é o caso das modalidades náuticas, entre outras;
- ✓ Organização das competições de âmbito nacional para as equipas e alunos participantes nas atividades de nível I;
- ✓ Garantir o acesso a competições ao longo de, pelo menos, 6 meses por ano letivo;
- ✓ Aumentar as oportunidades de formação e atualização de conhecimentos dos docentes do DE.

Após uma análise feita ao vetor semelhante em ambos os programas acima descritos é notório que existe uma crescente preocupação do MEC, em aumentar a qualificação dos docentes, aumentar o tempo de competição e promover um acesso mais generalizado, tendo em conta os interesses dos alunos e aumentando a disponibilidade de prática das atividades tecnicamente complexas. O intuito de ambos os vetores é muito semelhante, têm em comum o objetivo – aumentar e qualificar a oferta desportiva escolar. A criação de projetos surge para estratificar a oferta desportiva, para tal, previamente, surgiu a necessidade de categorizar o DE por níveis de desenvolvimento.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

Figura 3- Níveis de desenvolvimento da oferta desportiva do CDE (Fonte: PDE 2017-2021, pág. 6)



Vem descrito no PDE 2017-2021 (pág. 6) que:

Atividades de Nível I- “Conjunto de atividades de promoção e divulgação desportiva organizada no seguimento dos conteúdos curriculares da disciplina de educação física. São dinamizadas pelos CDE e podem envolver outros agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas.” Nesta categoria inserem-se ainda os Projetos Complementares que carecem de financiamento próprio. Este processo cria e potencia o envolvimento e motivará os alunos para a escola.

Como exemplos dos Projetos Complementares temos o Corta-mato, o Mega (Km/ Saltos/ Sprinter), o Fitnessgram, o Compal Air 3x3 entre outros.

No mesmo documento, as Atividades de Nível II são definidas como “Atividades de treino desportivo regular de grupos-equipa e competição desportiva interescolar formal de âmbito local, regional, nacional e eventualmente internacional. Os grupos-equipas são unidades operacionais do CDE e representam as respetivas escolas nas competições onde se inserem. Estas equipas estão organizadas por modalidades desportivas e escalões etários/sexo (exceto as modalidades de carácter misto). As



estruturas do MEC são responsáveis pela planificação, organização, coordenação e dinamização das atividades.”

As atividades de Nível III são de aprofundamento da prática desportiva (treino e competição) em modalidades e grupos-equipas de elevado potencial desportivo. Enquadram-se aqui, os Clubes Escolares Federados que optam por participar nas competições organizadas pelas federações das respetivas modalidades, desde que incluam alunos do agrupamento escola ou de escolas não agrupadas. Neste caso, além das normas internas, os alunos, ficam sujeitos às normas das respetivas federações.

Segundo o PDE 2017-2021 (pág. 7), os CFD “constituem polos de desenvolvimento desportivo, dinamizados por agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, em parceria com federações, municípios e parceiros locais. Visam a melhoria do desempenho desportivo através da concentração de recursos humanos e materiais em locais para onde possam convergir alunos de vários agrupamentos, quer nos períodos letivos, quer em estágios de formação desportiva especializada, nas interrupções letivas. A criação e renovação de Centros de Formação Desportiva decorrem da aprovação de candidaturas submetidas nos termos constantes do regulamento do presente programa.

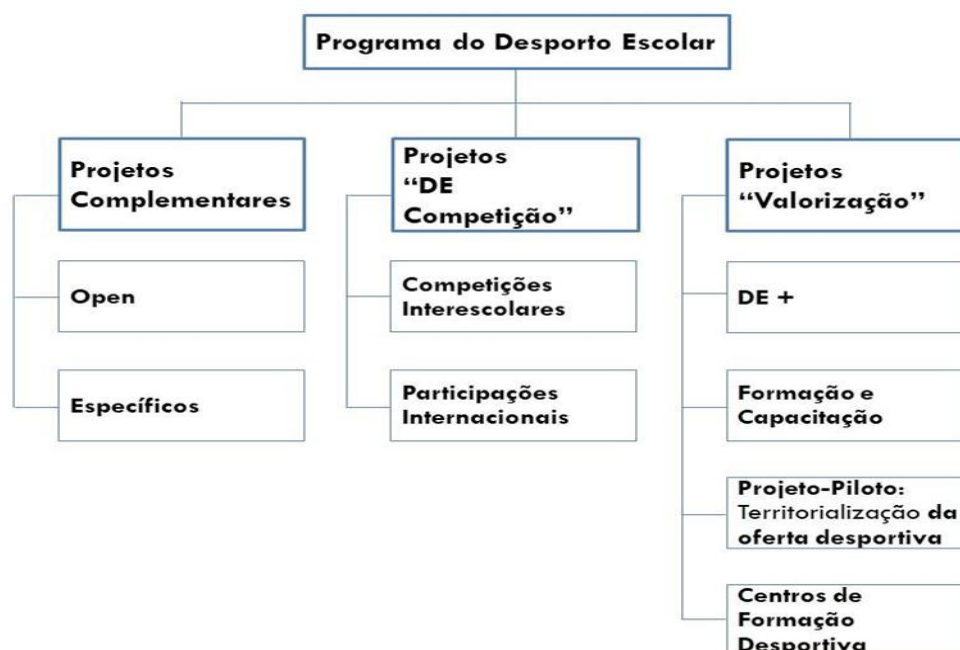
Os Centros de Formação Desportiva organizam-se em torno de 3 eixos fundamentais:

- ✓ Atividades de promoção e dinamização desportiva;
- ✓ Gestão;
- ✓ Articulação e desenvolvimento curricular.”

De acordo com o PDE 2013-2017 (pág. 13), os CFD organizam-se em torno de quatro eixos fundamentais:

- ✓ “Atividades de iniciação e aperfeiçoamento desportivo que favoreçam a prática de atividades desportivas, cuja especificidade técnica exija condições especiais, como é o caso das modalidades náuticas, de ar livre e de exploração da natureza, entre outras;
- ✓ Atividades que favoreçam a formação especializada de alunos com interesse, capacidades e aptidões excecionais para a prática de uma modalidade ou disciplina desportiva;
- ✓ Formação e certificação de professores nas vertentes teóricas e práticas de uma modalidade ou disciplina desportiva;
- ✓ Atividades de curta duração que incidam fundamentalmente em estágios de formação desportiva especializada, durante as interrupções letivas.”

Figura 4- Níveis de organização da oferta desportiva escolar (Fonte: PDE 2017-2021, pág. 16)



Através do PDE 2017-2021 (pág. 16), os Projetos Complementares são dinamizados e monitorizados num âmbito autónomo dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas. Têm como objetivo promover a atividade física e desportiva e valorizar o sentimento de pertença dos alunos ao grupo/turma. São supervisionadas pela CNDE e têm um financiamento próprio.

- ✓ Open- Pretendem dar continuidade dos conteúdos curriculares da disciplina de EF. São constituídos por três fases: Local, Regional e Nacional.
- ✓ Específicos- São organizados em parceria ou por convite e têm como objetivo promover a prática desportiva de modalidades, escalões ou géneros específicos.

Os “Projetos Desporto Escolar Competição”, segundo o mesmo documento (pág. 13), integram as competições desportivas organizadas entre escolas. Os fatores a ter em conta aquando da sua realização são o contexto geográfico, o cumprimento de requisitos administrativos, a experiência e o percurso escolar dos alunos participantes de modo a aumentar a sua afetividade e ligação à escola.

- ✓ Competições interescolares- Já envolvem o treino desportivo regular dos grupos-equipa e a participação em eventos desportivos interescolares formais de âmbito local, regional, nacional e possivelmente internacional.
- ✓ Participações internacionais- Representações do Desporto Escolar de Portugal em competições realizadas por organizações que coordenam as provas internacionais de âmbito escolar. Este tipo de projetos diz respeito aos alunos e equipas que participem nos projetos Open e nas competições interescolares.

Os “Projetos Valorização”, consideram o desempenho desportivo e organizacional do DE e respetiva articulação com outros projetos educativos.

- ✓ Projeto DE+ - Segundo o documento acima referido (pág. 17), “são projetos de candidatura anual, sujeitos a investimento adicional, subsidiado pela Coordenação Nacional de Desporto Escolar para estabelecimentos de ensino que pretendam:
  1. Promover a atividade física e desportiva regular na Comunidade Educativa;
  2. Alcançar os objetivos definidos nos respetivos Projetos Educativos;
  3. Valorizar os recursos de proximidade existentes;
  4. Corresponder às expectativas dos alunos que queiram treinar e competir de forma mais regular;
  5. Contribuir para o desenvolvimento do sistema desportivo federado.
- ✓ Formação e Capacitação- São projetos e ações que visam o desenvolvimento de competências gerais e específicas, através da aquisição de novos métodos, conhecimentos e técnicas associadas ao Desporto Escolar.
- ✓ Centros Formação Desportiva- São projetos dinamizados pelos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, com vista a parcerias estratégicas definidas pelo Ministério da Educação.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

- ✓ Projetos Piloto- Estes projetos surgem pela primeira vez no Programa de Desporto Escolar 2017-2021, serão realizados dois com vista a:
  1. Busca de soluções inovadoras e sustentáveis de conciliação do desporto escolar e federado;
  2. Territorialização da oferta desportiva e rentabilização dos recursos locais.”

#### 2.4.2 Incentivar a procura do Desporto Escolar

De acordo com o Programa do Desporto Escolar 2013 (pág. 9), o vetor “Incentivar a procura do Desporto Escolar” apresenta como linhas orientadoras:

- ✓ Aumentar o número de praticantes na atividade interna e externa;
- ✓ Aumentar a taxa de feminização dos praticantes;
- ✓ Aumentar o número de praticantes no ensino secundário.

No PDE 2017-2021 (pág. 13), denota-se uma crescente preocupação MEC em incentivar os alunos para à prática do DE assim as linhas orientadoras deste vetor são:

- ✓ “Reforçar a componente de atividade interna (Nível I);
- ✓ Aumentar o acesso a alunos com NEE;
- ✓ Aumentar a taxa de feminização dos praticantes;
- ✓ Aumentar a taxa de cobertura do DE no ensino básico e secundário;
- ✓ Aumentar a participação em eventos internacionais desportivos escolares;
- ✓ Aumentar o número de alunos com funções de apoio ao DE.” (pág. 13)

Após analisar o mesmo vetor em ambos os programas, verifica-se um acréscimo da importância de incentivar os alunos para à prática, deste modo, para além das linhas orientadoras comuns aos dois programas estudados, acresce a procura de abranger os alunos com NEE no DE, o aumento da participação em eventos internacionais e também o número de alunos que não participando diretamente na prática, ajudam na dinamização das atividades. Por outro lado, identifica-se a remoção de uma das linhas orientadoras que se relaciona com o aumento da participação feminina o que

pode indicar que existiu um aumento da participação das alunas, reduzindo a décalage entre sexos.

Este vetor, não será estudado em profundidade uma vez que se conclui que não existe uma grande preponderância do trabalho efetuado pelos coordenadores nesta área quando comparado com outras como a qualificação da oferta desportiva ou a articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar.

### 2.4.3 Articular a atividade desportiva com a restante organização escolar

Este vetor surge pela primeira vez no PDE vigente, como consequência do aumento do número de grupos-equipa e aumento do número de modalidades praticadas, em suma, este vetor é uma consequência do aumento da prática do DE.

No PDE 2017 (pág. 13), o vetor apresenta como linhas orientadoras:

- ✓ “Reforçar a articulação entre o Desporto Escolar e o desenvolvimento curricular;
- ✓ Assegurar horários adequados à prática desportiva escolar;
- ✓ Avaliar o impacto do DE no Projeto Educativo.”

Sendo a escola o centro do desenvolvimento da prática desportiva educativa e o DE uma atividade abrangente para todos os alunos, faz todo o sentido incorporá-lo e contemplá-lo no projeto educativo, passo que já foi dado pela maioria das escolas e agrupamentos, restando, avaliar qual a sua preponderância no mesmo.

Furriel (2005 citado por Santos 2009), diz que “A valorização da escola e de toda a sua comunidade passa também pelo DE. Enquanto atividade de enriquecimento curricular o DE é para todos. É um meio de formação desportiva, essencial na formação integral do aluno, e é uma forma de exercer uma cidadania mais responsável. Desta forma, os alunos participantes no DE deverão obter uma benesse curricular, como forma de incentivar e fomentar a prática desportiva.”

Após uma exaustiva revisão documental surge em diversos estudos o problema da escassez de carga horária disponível para a prática desportiva, devendo as escolas, no início de cada ano letivo, prestar atenção e ter em consideração, o DE, formulando

horários que possibilitem aos alunos tempos para a prática desportiva. Existem inúmeros casos de escolas e agrupamentos que oferecem um vasto leque de modalidades a praticar aos seus alunos, contudo, apenas existe horário para prática após as aulas, em horas que se consideram inapropriados para a realização de treinos. Esta é uma área que precisa de intervenção por parte dos coordenadores, servindo de elos de ligação da delegação central (MEC) com as delegações locais (Agrupamentos de escolas), com o propósito de articular da melhor forma possível a atividade do DE com a restante organização escolar, no sentido de otimizar os horários para a prática de atividade do DE e sensibilizar as escolas para a importância da prática desportiva.

#### 2.4.4 Consolidar a gestão do desporto escolar

De acordo com o PDE 2013 (pág. 9), o vetor “Consolidar a gestão do Desporto Escolar” apresenta como linhas orientadoras:

- ✓ Implementar uma cultura de exigência baseada na autoavaliação e na avaliação;
- ✓ Melhorar a comunicação interna e externa do PDE;
- ✓ Implementar um sistema integrado de informação.

Com o intuito de cimentar e consolidar a gestão do DE, este vetor surge novamente no PDE 2017 (pág. 13), apresentando como linhas orientadoras:

- ✓ Reforçar os procedimentos de monitorização e auditoria;
- ✓ Desenvolver uma nova plataforma de gestão do DE, no âmbito do ambiente Escola 360;
- ✓ Aumentar a eficiência da comunicação interna e externa.

Analisando o vetor comum em ambos os programas, salienta-se que, no programa mais antigo, existe uma ideia de providenciar o controlo do DE, quer através da monitorização de dados estatísticos, quer através da implementação de sistemas de avaliação. No seguimento destas ideias, surge no programa recente, uma tentativa de otimizar esses processos de avaliação e controlo, nomeadamente com a criação do Escola 360. O Escola 360 ou E-360 integra o percurso do aluno, tornando

possível uma visão integral do seu processo escolar e fornecendo informação em tempo real sobre os mesmos, procurando contribuir para um aumento da eficácia e da eficiência da gestão do aluno. Pela sua natureza, este sistema será evolutivo, integrando progressivamente novos módulos necessários à gestão do aluno em todas as suas dimensões no contexto escolar, incluindo o desporto. Pretende-se ainda a facilitar a interação de todos os intervenientes no processo educativo do aluno (encarregados de educação, professores, dirigentes escolares e pessoal administrativo e organismos da administração educativa) que resultará numa maior colaboração, troca de informação mais célere e eficaz, garantindo a segurança de informação.

Este vetor será, provavelmente, aquele que representará um maior upgrade e permitirá uma evolução no DE, permitindo registar os dados relevantes de todos os alunos, indo de encontro a uma gestão de informação eficaz e atualizada.

#### 2.4.5 Metas propostas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021

A tabela 14 permite identificar e perceber os objetivos e linhas orientadoras do MEC relativamente aos vetores estratégicos que serão estudados com maior profundidade no decorrer do estudo – Qualificação da oferta desportiva escolar e Articulação da atividade desportiva com a atividade escolar. Como é perceptível as metas traçadas têm em vista um incremento de diversas situações que têm como objetivo dinamizar o DE existindo, desta forma, uma tendência para o aumento da prática desportiva escolar, durante os anos de intervenção do programa nos vetores estratégicos abordados. Anteriormente, foi analisada uma tabela referente ao número de inscritos no sistema educativo em Portugal e foi observável uma queda do número de alunos, assim sendo, faz todo o sentido que algumas metas incluídas no programa venham em percentagem, tentando aumentar o seu valor relativo e não o seu valor absoluto.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

Tabela 14- Metas estratégicas de execução do PDE 2017-2021 (Fonte: Adaptado do PDE 2017-2021, págs. 14 e 15)

Vetor estratégico	Objetivos	Projetos e ações	Indicadores	Atual	17/18	18/19	19/20	20/21
<b>A-QUALIFICAR A OFERTA DESPORTIVA ESCO</b>	Flexibilizar a oferta desportiva, aproximando-a dos interesses dos alunos	<b>Majoração de candidaturas baseadas em diagnóstico local</b>	Número de modalidades com diferenciação de quadros competitivos	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>7</b>
	Promover a equidade e a igualdade de oportunidades na competição desportiva	<b>Campeonatos Nacionais Escolares</b>	Número de CFD	<b>53</b>	<b>60</b>	<b>62</b>	<b>64</b>	<b>66</b>
	Organizar competições de âmbito nacional para as equipas e alunos participantes nas atividades de nível I	<b>Projetos Complementares</b>	% de escolas participantes em +2 projetos complementares	-	<b>30</b>	<b>40</b>	<b>50</b>	<b>60</b>
	Garantir o acesso a competições ao longo de, pelo menos, 6 meses por ano letivo	<b>Projetos DE Competição</b>	% de escolas que ajustam oferta à procura dos alunos		<b>30</b>	<b>40</b>	<b>50</b>	<b>60</b>
	Aumentar as oportunidades de formação e atualização de conhecimentos dos docentes do DE	<b>Quadros competitivos</b>						
	Promover a especialização desportiva, combinando-a com a universalização do acesso	<b>Centros de Formação Desportiva e Nível III</b>	Número de docentes do DE formados		<b>1000</b>	<b>1200</b>	<b>1500</b>	<b>1700</b>
	Generalizar o acesso à prática de modalidades tecnicamente complexas	<b>Ações de Formação de docentes</b>						
<b>C- ARTICULAÇÃO DA ATIVIDADE DESPORTIVA COM A RESTANTE ORGANIZAÇÃO ESCOLAR</b>	Reforçar a articulação entre o Desporto Escolar e o desenvolvimento curricular							
	Assegurar horários adequados à prática desportiva escolar;	<b>-Projeto DE +</b>	% de escolas candidatas ao Projeto DE +	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>25</b>	<b>50</b>	<b>70</b>
	Avaliar o impacto do DE no Projeto Educativo							

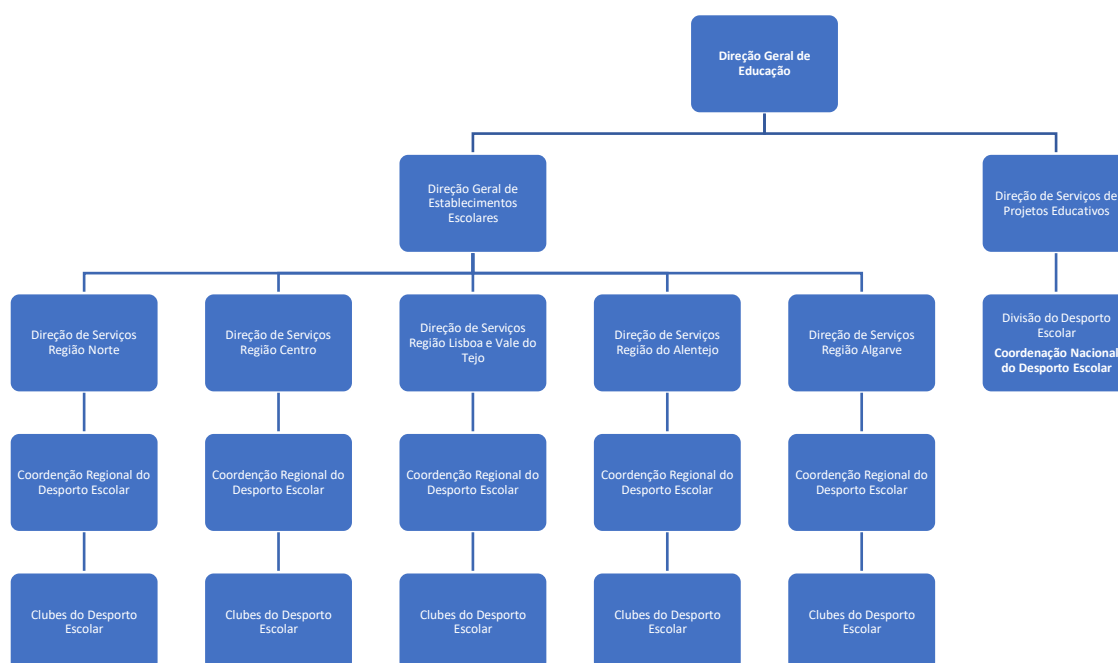


Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

## CAPÍTULO III - Coordenação do Desporto Escolar

### 3.1 Caracterização da Coordenação do Desporto Escolar

Figura 5- Estrutura orgânica do DE (Adaptado de: Riscado, 2013)



A figura 5 serve para esquematizar a organização e estrutura da coordenação do DE.

### 3.1.1 Coordenação Nacional do Desporto Escolar

*“A Coordenação Nacional do Desporto Escolar é uma equipa multidisciplinar inserida no Ministério da Educação e Ciência, mais especificamente, na Direção Geral da Educação que, de acordo com o artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 14/2012, tem como uma das suas atribuições; “Coordenar, acompanhar e propor orientações, em termos científico-pedagógicos e didáticos, para a promoção do sucesso e prevenção do abandono escolar e para as atividades de enriquecimento curricular e do Desporto Escolar.”*

PDE 2013-2017 (pág.14)

Segundo o que vem transcrito no PDE, atual (pág. 4), as competências transversais desta unidade são:

- ✓ “Planear, atribuir, acompanhar e avaliar os projetos em articulação com as Coordenações Regionais e outros parceiros;
- ✓ Acompanhar as organizações de acordo com procedimentos e responsabilidades definidas;
- ✓ Conceber, implementar e coordenar o processo de monitorização e avaliação;
- ✓ Definir o plano de formação para os elementos das unidades organizacionais, docentes dos grupos-equipa e alunos;
- ✓ Elaborar o relatório de execução do Programa de Desporto Escolar;
- ✓ Elaborar anualmente o Regulamento do Programa do Desporto Escolar, como referencial dos regulamentos desportivos.”

De forma a operacionalizar as competências acima referidas, surgem como objetivos específicos da CNDE:

- ✓ “Planear e supervisionar a participação em atividades desportivas internacionais;
- ✓ Conceber estratégias de desenvolvimento das modalidades;
- ✓ Constituir um grupo de especialistas em modalidades específicas para assessorar e submeter à consideração da CNDE os planos de desenvolvimento das modalidades.” (pág. 5)

### 3.1.2 Coordenação Regional do Desporto Escolar

Passando de um nível central para um nível regional as Direções Regionais de Educação, são criadas com o intuito de, localmente, administrar o programa elaborado a nível central, sendo responsáveis por orientar, coordenar e acompanhar as escolas de forma a assegurar os recursos humanos necessários para operacionalizar o PDE. (Conde, 2012).

Voltando à organização estrutural do DE, a DGEstE criou 5 Direções Regionais de Serviços:

- ✓ Norte;
- ✓ Centro;
- ✓ Lisboa e Vale do Tejo;
- ✓ Alentejo;
- ✓ Algarve.

Cada Direção Regional de Educação possui um coordenador regional do DE e está dividida em unidades orgânicas locais mais pequenas denominadas por CLDE. Estas duas entidades estão afetas à Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares que, segundo a Portaria n.º 29/2013 de 29 de janeiro, apresenta como competências: “assegurar a implementação a nível regional dos diversos programas, projetos e atividades do DE, em articulação com a DGEstE.

Segundo o PDE 2017-2021 (pág. 4), as competências transversais desta unidade são:

- ✓ “Planear, orientar, acompanhar, avaliar as atividades em articulação com as coordenações locais e outros parceiros;
- ✓ Organizar e implementar as competições de âmbito nacional e regional em articulação com as coordenações locais;
- ✓ Articular com as coordenações locais a implementação e monitorização das atividades do desporto escolar;
- ✓ Promover as ações de formação para os docentes dos grupos-equipa e alunos intervenientes no desporto escolar;
- ✓ Elaborar o relatório dos Projetos de âmbito regional;
- ✓ Zelar pelo cumprimento do Regulamento do Programa de Desporto Escolar e dos regulamentos desportivos.”

De forma a operacionalizar as competências acima referidas, surgem como objetivos específicos da CRDE (pág. 5):

- ✓ “Propor o número e âmbito geográfico das coordenações locais do DE, assim como os recursos humanos necessários;
- ✓ Assegurar a participação dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas nos Campeonatos Nacionais Escolares;
- ✓ Convidar docentes ou técnicos para apoiarem no cumprimento do Plano Anual de Atividades”.

### 3.1.3 Coordenação Local do Desporto Escolar

No caso da CRDE do Alentejo este divide-se em 3 coordenações locais: Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Alentejo Litoral e Alentejo Central, estas têm como funções a organização local dos campeonatos desportivos e, em articulação com a coordenação regional, os campeonatos regionais, bem como o apoio às escolas da sua área de intervenção.

A Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, através das suas Direções de Serviços Regionais, constitui as equipas para a Coordenação Local do Desporto Escolar (CLDE). Estas são estruturas de proximidade local e apresentam como competências transversais, segundo o PDE 2017-2021 mais recente (pág. 4):

- ✓ “Analisar, validar e dar parecer sobre os Projetos dos Clubes do Desporto Escolar em articulação com as escolas;
- ✓ Dinamizar e organizar as atividades de âmbito local, regional e nacional em articulação com a coordenação nacional e coordenações regionais;
- ✓ Implementar e acompanhar o processo de monitorização nas escolas;
- ✓ Assegurar as condições de realização das ações de formação para docentes dos grupos-equipa e alunos intervenientes no Desporto Escolar;
- ✓ Relatório do Plano de Anual de Atividades de âmbito local;
- ✓ Submeter os ajustamentos dos regulamentos desportivos em vigor às especificidades da região.”

De forma a operacionalizar as competências acima referidas, surgem como objetivos específicos da CLDE (pág. 5):

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

- ✓ “Organizar e acompanhar as atividades de âmbito nacional realizadas em conjunto com as unidades organizacionais de proximidade;
- ✓ Gerir as ações de proximidade que facilitem a articulação entre as unidades da estrutura organizacional do Desporto Escolar;
- ✓ Supervisionar as atividades dos Clubes do Desporto Escolar.”

#### CAPÍTULO IV- Dados relativos ao Desporto Escolar no Alentejo

Após se verificar os dados relativos ao DE em Portugal, surgiu a necessidade, para melhor compreender e enquadrar na realidade deste desporto, na área de intervenção deste estudo, de apurar resultados sobre a evolução do DE no Alentejo. Posteriormente os dados obtidos servirão como comparativo para as respostas dadas em entrevista pelos coordenadores, verificando se a sua perceção sobre a tendência do desporto nas escolas está correta. Esta informação foi recolhida junto da CRDE do Alentejo.

*Tabela 15- Variação do número de alunos participantes no desporto escolar por coordenação local*

Coordenação \ Anos Letivos	Alto Alentejo	Alentejo Central	Baixo Alentejo e Alentejo Litoral	Total
2015-2016	3735	4626	4769	13130
2016-2017	3334	4323	4394	12051
2017-2018	3516	3855	4257	11682

A interpretação da tabela 15 faz entender que com o passar dos anos houve um decréscimo do número de alunos a praticar DE no Alentejo. Pode também observar-se que, talvez por ser a coordenação local com maior área de abrangência, é também aquela com maior número de alunos praticantes. Nota ainda que, apesar da tendência ser para um decréscimo geral, na CLDE do Alto Alentejo, no último ano, houve um aumento do número de praticantes.

*Tabela 16- Variação do número de grupos-equipas no desporto escolar por coordenação local*

Coordenação \ Anos Letivos	Alto Alentejo	Alentejo Central	Baixo Alentejo e Alentejo Litoral	Total
2015-2016	138	172	182	492
2016-2017	133	161	171	465
2017-2018	137	162	171	470

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

Há semelhança do indicador anterior, a tabela 16 faz compreender que no número de GE no Alentejo diminuiu entre os anos letivos de 2015-2016 e 2017-2018. Contudo, no último ano foi perceptível um aumento do número de GE quer na CLDE do Alto Alentejo como na do Alentejo Central, sendo que na do Baixo e Litoral Alentejano houve uma estabilização.

*Tabela 17- Distribuição do número de alunos inscritos por género na CRDE do Alentejo*

Género	Masculino	Feminino	Diferença
Anos Letivos			
2015-2016	7735	5395	2340
2016-2017	7108	4943	2165
2017-2018	6868	4760	2108

Através da análise da tabela 17, percebe-se que existe uma diferença grande entre o número de praticante do género masculino e o feminino, sendo o primeiro predominante. No entanto, um indicador importante é nos fornecido na última coluna desta tabela que aponta para uma diminuição da diferença entre géneros.

*Tabela 18- Variação do número de alunos inscritos nas modalidades com mais alunos NEE na CRDE do Alentejo*

Anos Letivos	2015-2016	2016-2017	2017-2018
Modalidades			
Boccia	288	279	400
Desportos Adaptados	83	83	153

A tabela 18 aborda a variação do número de praticantes com NEE, nas duas modalidades que na CRDE do Alentejo acolhem um maior número de alunos desse tipo. Verifica-se

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

que houve um aumento exponencial do número de praticantes em ambas as modalidades.

*Tabela 19- Variação do número de alunos praticantes de atividades náuticas na CRDE do Alentejo*

Ano Letivo	2015-2016	2016-2017	2017-2018
Modalidade			
Atividades Náuticas (Remo, Surf, Canoagem)	108	111	109

Por último, a tabela 19 indica o número de praticantes nas atividades náuticas na CRDE do Alentejo. É perceptível que ao longo dos três anos letivos estudados não tem existido grandes alterações.

Foram-nos transmitidos diversos dados sobre o DE na área abrangida pela CRDE do Alentejo, de forma a ter uma ideia clara da evolução ocorrida nos últimos anos. No estudo foram colocados os indicadores que se acharam pertinentes para confrontar com as respostas obtidas pelos coordenadores nas entrevistas.



## PARTE II- METODOLOGIA

### CAPÍTULO V- Metodologia

#### 5.1 Problemática do estudo

O DE em Portugal abrange vários escalões etários juvenis, permitindo a muitos ter acesso, de uma forma regular e com supervisão de um docente qualificado, à prática de atividade física e desportiva, num ambiente pedagógico que possibilita, para além de competências motoras, adquirir competências cívicas e sociais, pulverizando este tipo de desporto de características ímpares e privilegiado quando comparado com os restantes. Não esquecendo as vantagens acima elencadas, o DE intervém junto de uma população alvo muito característica, que devido ao seu extrato etário, permite uma aquisição de hábitos que podem perdurar por muitos anos e que podem ajudar a combater problemas enraizados nas sociedades contemporâneas como a obesidade e o sedentarismo.

Urge a este desporto, ser visto como uma área com muita responsabilidade para que, com uma coordenação eficaz, se potencialize, se chegue a mais alunos, mais modalidades e se aprofunde a prática de forma a que estes não divaguem quer para outras atividades não desportivas quer para o desporto federado.

De entre outros esforços efetuados, o MEC emitiu PDE 2017-2021, onde, para além de uma contextualização e definição deste género de desporto, surgem vetores estratégicos para desenvolvimento, bem como metas e objetivos a alcançar durante o período de execução do programa.

No âmbito do mestrado em Direção e Gestão Desportiva, colocaram-se diversas questões que se prendem com o modo como é administrado e gerido o desporto em Portugal, conciliando o supradito com a curiosidade, interesse e gosto pessoal surgiu como questão de partida para o seguinte estudo:

- ✓ Quais as perceções dos coordenadores de Desporto Escolar no Alentejo sobre as metas propostas no Programa do Desporto Escolar vigente e qual o trabalho a

realizar para estas serem cumpridas, nomeadamente na qualificação da oferta desportiva e articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar?

Com o intuito de auxiliar a responder à questão central, colocou-se como objetivos específicos desta dissertação:

- ✓ Analisar e compreender o conceito de Desporto Escolar veiculado pelos coordenadores, nomeadamente, o que significa, quais os objetivos e missões, como está legislado e qual a sua estrutura;
- ✓ Compreender as perceções dos coordenadores de desporto escolar acerca de algumas metas impostas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021 sobre a qualificação da oferta desportiva e qual o trabalho a desenvolver para estas serem cumpridas;
- ✓ Compreender as perceções dos coordenadores de Desporto Escolar acerca de algumas metas impostas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021 sobre a articulação da atividade desportiva com a organização escolar e qual o trabalho a desenvolver para estas serem cumpridas;
- ✓ Conhecer pensamentos e ações dos coordenadores acerca das estratégias de desenvolvimento do Desporto Escolar.

## 5.2 Abordagem qualitativa

Esta investigação caracteriza-se por utilizar uma metodologia qualitativa de paradigma interpretativo. Silva (2015), opina que a opção pela metodologia qualitativa e especificamente por realização de entrevistas semiestruturadas, é suportada pela necessidade de uma compreensão precisa e profunda do entendimento que os coordenadores regionais/locais possuem acerca do tema em questão, permitindo-nos dar conta da riqueza e singularidade do nosso foco de estudo. Segundo Bogdan & Biklen (1994), este tipo de investigação apresenta determinadas características que foram aplicadas a este estudo:

- ✓ O ambiente natural é a fonte direta dos dados e a recolha de dados é feita pelo investigador que é o principal agente na recolha desses mesmos dados, existindo assim uma preocupação com o contexto, podendo este, influenciar o comportamento humano em que as próprias ações são compreendidas no ambiente onde estão a decorrer;
- ✓ Apresenta um carácter descritivo, uma vez que os dados recolhidos são através de palavras, não recorrendo a números. Estes dados podem assumir várias formas tais

como registos oficiais, documentos pessoais, narrativas e em que a escrita assume importância, quer para o registo de dados quer para a divulgação dos mesmos. Todos os dados e detalhes têm algum significado que podem ajudar a entender o todo, através da descrição minuciosa;

- ✓ Os processos têm mais relevo do que os resultados ou produtos;
- ✓ Os dados são analisados de uma forma indutiva, pois à medida que são recolhidos, vão sendo agrupados e construídas as abstrações, não se pretendendo assim com os dados obtidos confirmar hipóteses previamente construídas. As informações só começam a ganhar forma e tomar um caminho depois da recolha de dados e com a interação com os participantes do estudo, sendo uma construção que vai ganhando consistência conforme os processos que se vão desenrolando;
- ✓ O significado é a meta da investigação, uma vez que o investigador dá importância e interessa-se pelos participantes, havendo diálogo ente ambos.

Para os mesmos autores, as estratégias mais representativas da investigação qualitativa e as que melhor ilustram as características atrás referidas, são a observação participante e a entrevista em profundidade.

Ritchie & Lewis (2003), sustentam que esta forma de investigação tem como ponto de partida o significado individual e social de objetos, de atividades e de acontecimentos, evidencia a diversidade de perspetivas, estuda as práticas e o saber dos participantes, analisa as interações sobre um determinado fenómeno e os modos de o promover ou de o remediar.

Este estudo assumiu na modalidade da investigação, a tipologia inspirada num estudo de caso, pois foi o mais adequado para conhecer o global. Um estudo de caso é uma investigação realizada no contexto real, utilizando as entrevistas, as observações e outras fontes como os documentos, no entanto, devido ao fator temporal e à falta de trabalho de campo, apenas se pode categorizar como inspirado num estudo de caso.

### 5.3 Estudo exploratório

A caracterização de um estudo como pesquisa exploratória ocorre quando há pouco conhecimento sobre a temática que se aborda. Através deste tipo de estudo, procura-se saber com maior profundidade o assunto em causa de modo a torna-lo mais claro

ou contruir questões importantes para a condução da pesquisa (Raupp & Beuren, 2003).

Gil (2008), opina que a pesquisa exploratória surge no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato, logo, esta pesquisa acontece quando o tema escolhido é pouco explorado, sendo difícil formular hipóteses precisas.

Através de Andrade (2002, citado por Raupp & Beuren, 2003) a pesquisa exploratória apresenta como principais finalidades: proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar, facilitar a delimitação do tema de pesquisa, orientar a fixação de objetivo e a formulação de hipóteses e descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto. Se o estudo integrar alguma destas finalidades acima expostas, caracterizar-se-á como pesquisa exploratória.

O estudo exploratório apresenta-se como um primeiro passo no campo científico, sendo uma ponte para possíveis estudos futuros sobre a mesma temática, numa pesquisa descritiva e/ou explicativa.

Não existindo uma experiencia profissional nesta área e sendo uma vertente pouco explorada, foi necessário realizar uma pesquisa aprofundada sobre o assunto, de forma a obter um maior conhecimento nesta temática e colocar questões de partida e objetivos pertinentes, desta forma, antes de se tratar da análise documental e de se realizar as entrevistas houve um estudar, através de diversos documentos e pesquisas previamente realizadas, dos conteúdos que abordam a temática em causa.

#### 5.4 Campo de estudo

O campo de estudo em investigação qualitativa procura a máxima variação, tem como objetivo selecionar participantes que constituam bons informantes, com potencial de fornecer dados sobre o tema em estudo. A escolha dos participantes, neste tipo de investigação, é intencional, não sendo, escolhidos ao acaso, mas sim a partir de critérios específicos (Aires, 2015).

Enquanto estiverem a ser fornecidos dados originais ou pistas que possam indicar novas perspetivas à investigação em curso, as entrevistas devem continuar a ser realizadas.

Este estudo foi realizado com a colaboração de 7 coordenadores locais e do coordenador regional da CRDE do Alentejo. A recolha dos dados foi possível graças à disponibilidade dos mesmos. Estes foram escolhidos intencionalmente por serem os que correspondiam aos parâmetros em baixo mencionados.

Para a escolha dos coordenadores, o critério utilizado foi estarem representadas as três coordenações locais (Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Alentejo Litoral e Alentejo Central) que são abrangidas pela CRDE do Alentejo. Tendo o presente estudo, surgindo no âmbito do mestrado em Direção e Gestão Desportiva da Universidade de Évora faz todo o sentido que este aborde os coordenadores desta zona geográfica, formulando-se bastante pertinente para conhecer uma realidade próxima da universidade.

Os professores participantes tinham uma média de idade de 44 anos. Dos 8 entrevistados, 6 estavam no seu primeiro ano de coordenação, não apresentando uma experiência significativa, embora estivessem ligados ao DE, noutros cargos, há aproximadamente 20 anos, em média. Todos tinham realizado pelo o menos uma licenciatura ligada à área do Desporto ou da Educação Física e alguns ainda se formaram noutras áreas como o treino ou o fitness.<sup>1</sup>

## 5.5 Instrumentos de recolha de dados

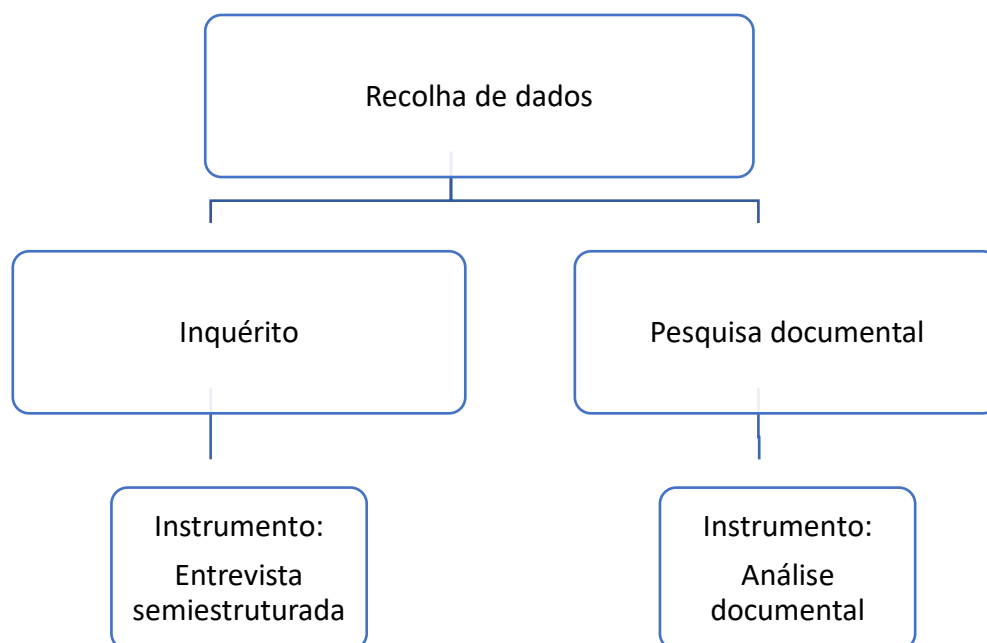
Quivy & Campenhoudt (2008), referem que os métodos de recolha de dados que se podem utilizar como fontes de informação, nas investigações qualitativas, dividem-se em três grandes grupos: observação, o inquérito (entrevista ou questionário) e análise de documentos.

---

<sup>1</sup> Ver página 104 , quadro de dados dos coordenadores – Apêndice C

Neste estudo, a recolha de dados foi elaborada através de técnicas diretas e indiretas Colás (1998, citado por Aires, 2015). Na técnica direta foi aplicado o método de entrevistas semiestruturadas. Na técnica indireta foi realizada uma análise documental, ou seja, pesquisa bibliográfica de material já elaborado por diversos autores e que pode desempenhar funções diversas na investigação educativa: apoiar os métodos diretos de recolha de dados, validar e contrastar a informação obtida, reconstituir acontecimentos importantes para as pessoas ou grupos sociais em análise.

Figura 6- Método de recolha de dados



## 5.6 Entrevista semiestruturada

A opção pelo método de entrevista tem a ver com a natureza qualitativa do estudo, sendo este método muito usual nestas situações e que permite recolher uma vasta gama de dados consoante a orientação do entrevistador. Atendendo aos objetivos do nosso estudo, entendeu-se que a entrevista semiestruturada seria o instrumento ideal para a recolha da informação. (Quivy & Campenhoudt, 2008).

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. Em pesquisas qualitativas, o fundamental é que a seleção seja feita de forma que consiga ampliar a compreensão do tema e explorar as variadas representações sobre determinado objeto de estudo.

Segundo Boni & Quaresma (2005), as formas de entrevistas mais utilizadas em Ciências Sociais são: a entrevista estruturada, semiestruturada, aberta, entrevistas com grupos focais, história devida e também a entrevista projetiva.

Para este estudo e como definem Araújo, Cruz e Almeida (2010), a opção metodológica encaminhou-se para a utilização da entrevista semiestruturada, uma vez que este tipo de entrevista combina questões abertas e fechadas, na qual o entrevistado tem a possibilidade de desenvolver sobre o tema proposto. É o tipo de entrevista mais utilizado na investigação em ciências sociais permitindo focalizar as questões nos objetivos e problemas de pesquisa do estudo, através de um guião predefinido, aplicado de modo flexível. Neste sentido, o entrevistador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, num contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

A entrevista semiestruturada tem várias vantagens em relação às outras técnicas de recolha de dados, sustentam Quivy & Campenhoudt (2008) e Flick (2005, citado por Silva, 2015), que este método:

- ✓ Proporciona uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado;

- ✓ Permite uma maior flexibilidade quanto à sua duração, admitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos;
- ✓ Aprofunda os temas abordados, ou respostas espontâneas, pelo entrevistado que se revelem de interesse para o estudo;
- ✓ Proporciona que o entrevistador clarifique os erros de interpretação que detete aquando do seu questionamento.

## 5.7 Guião de Entrevista

Sousa & Baptista (2011, citados por Silva, 2015) definem que o guião de entrevista é um instrumento composto por um conjunto de perguntas abertas (resposta livre), semiabertas (parte da resposta fechada e outra livre) ou fechadas que serve de suporte ao entrevistador, para a realização de uma entrevista.

As questões colocadas nas referidas entrevistas<sup>2</sup> são quase todas de resposta aberta, permitindo ao participante uma maior liberdade e criatividade na sua resposta.

No processo de construção e validação do guião da entrevista foram respeitadas as seguintes etapas:

- ✓ Elaboração da primeira versão do guião tendo por base a revisão bibliográfica;
- ✓ Validação da primeira versão do guião, efetuada por especialistas: professores catedráticos que lecionam na área do desporto e do ensino.
- ✓ Elaboração da segunda versão da entrevista tendo por base as sugestões dos peritos;
- ✓ Realização de uma entrevista piloto, a um professor EF que acumula um cargo de horário incompleto como coordenador local, na CLDE na região do Alentejo Central, com o objetivo de avaliar a clareza e pertinência das questões da entrevista;
- ✓ Analisada a entrevista piloto concluiu-se que não havia necessidade de alterações, emergindo, assim, a versão final do guião.

A estrutura final do guião da entrevista centra-se em três eixos<sup>3</sup>:

---

<sup>2</sup> Ver páginas 103 a 143, transcrição das entrevistas efetuadas – Apêndice D

<sup>3</sup> Ver página 95- Apêndice A



O eixo 1 serve como forma de introdução e enquadramento teórico do estudo ao entrevistado. Tem como objetivos:

- ✓ Apresentar e introduzir o entrevistado ao tema que vai ser estudado;
- ✓ Clarificar os aspetos formais e éticos da entrevista;
- ✓ Caracterizar o entrevistado quanto ao percurso académico, profissional, cargo atual bem como o tempo de serviço;

O eixo 2 diz respeito às reflexões sobre a qualificação da oferta desportiva e a articulação da oferta desportiva com a restante organização escolar. Tem como objetivos:

- ✓ Identificar o grau de conhecimento dos entrevistados sobre as metas incutidas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021;
- ✓ Delinear e entender a tendência, num passado recente e local, do DE em diversos aspetos;
- ✓ Compreender e interpretar as reflexões dos entrevistados relativamente à qualificação da oferta desportiva e se esta está ajustada aos interesses dos alunos;
- ✓ Compreender e interpretar as perceções dos entrevistados relativamente à articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar;
- ✓ Perceber se o DE está devidamente incorporado nos Projetos Educativos de cada escola.

O eixo 3 prende-se com o desenvolvimento e tendência futura do Desporto Escolar na região e com a pertinência e ambição do PDE. São objetivos deste eixo:

- ✓ Identificar e compreender as reflexões dos entrevistados sobre a adequação das metas propostas no programa vigente;
- ✓ Auferir e perceber qual a tendência futura, na região, do Desporto Escolar.

## 5.8 Procedimentos de pesquisa

O início deste estudo e a formalização dos seus moldes ocorreu ainda antes da realização do projeto de estudo, uma vez que foram pensados diversos tópicos de desenvolvimento. Contudo, após a delineação do motivo do presente trabalho, houve um período de aprofundamento de conhecimentos e exploração de assuntos em torno desta matéria (estudo exploratório). A partir desse ponto, e após a sua aceitação, iniciou-se a análise documental, que não foi nada menos que a seleção da informação

importante para integrar o estudo, nomeadamente para o enquadrar e, também, para servir de base, não só para a conceptualização das entrevistas, mas, sobretudo, para comprovar ou refutar as conclusões a que chegámos. Após a conclusão desta parte inicial, passámos para a recolha de dados propriamente dita.

O processo de recolha de dados iniciou-se com o contacto com o Coordenador Regional do DE do Alentejo. Neste primeiro contacto, por e-mail, foram dadas informações sobre o investigador, sobre o objetivo do estudo e questionou-se o seu interesse e a disponibilidade para participar. Após o contacto inicial, realizaram-se duas visitas à DGEstE de Évora, a primeira no fim de dezembro de 2017 e outra no início de janeiro de 2018. No primeiro encontro pessoal, existiu uma conversa com o mesmo coordenador onde foram clarificados alguns pormenores relativamente ao modo de funcionamento das entrevistas e transmitidos alguns dados estatísticos que foram incorporados no estudo. O segundo encontro serviu para analisar em profundidade os objetivos da entrevista e para marcar uma data para a realização da entrevista-teste ou entrevista-piloto, bem como, para definir o carácter sigiloso das entrevistas. Entre a formulação da primeira versão do guião e a realização da primeira entrevista, houve uma validação do mesmo pela Professora Doutora Clarinda Pomar, que leciona unidades curriculares que abrangem a Educação e a Atividade Física (especialista na matéria), na Universidade de Évora. O guião foi aceite, não sendo necessário modificar o sentido de qualquer questão apenas umas melhorias pontuais no português de forma a clarificar as perguntas.

Após a definição do local e data das entrevistas estas foram avançando, foi sempre apresentado e assinado pelos participantes um modelo de consentimento informado<sup>4</sup> onde se identificavam os detalhes do estudo e se esclarecia o anonimato dos mesmos, de referir que aconteceram sempre nos seus locais de trabalho: escolas e coordenação regional.

---

<sup>4</sup> Ver página 101- Apêndice B

Para a realização da entrevista propriamente dita, optou-se por seguir as instruções de Richardson (1999 citado por Silva, 2015) para quem não tem experiência no processo de entrevista:

- ✓ Explicar o objetivo e a natureza do trabalho, dizendo ao entrevistado como foi escolhido;
- ✓ Assegurar o anonimato do entrevistado e o sigilo das respostas;
- ✓ Indicar que pode considerar algumas perguntas sem sentido e outras difíceis de responder. Mas que, considerando que algumas perguntas são adequadas a certas pessoas e não o são a outras, solicita-se a colaboração nas respostas.
- ✓ O entrevistado deve sentir-se livre para interromper, pedir esclarecimentos e criticar o tipo de perguntas;
- ✓ O entrevistado deve falar sobre algo da sua própria formação, experiência e áreas de interesse;
- ✓ O entrevistador deve solicitar autorização para gravar a entrevista, explicando o motivo da gravação.

No decorrer das entrevistas o apuramento das perceções dos coordenadores foi sempre o principal objetivo. Durante as mesmas existiu uma especial atenção para não interferir ou condicionar as respostas dos entrevistados, deixando-os discursar com total liberdade de expressão. A reformulação das perguntas ou a introdução de outras surgiu sempre que se sentiu necessidade de esclarecimento e/ou aprofundamento de alguma questão (Silva, 2015). As entrevistas foram realizadas individualmente, para evitar constrangimentos, influências ou mesmo omissão de pensamentos e dados nas respostas.

O mesmo autor aconselha a que a conclusão das entrevistas deva ser realizada em clima de cordialidade pois frequentemente existe a necessidade de entrevistas posteriores ou recolha de informação pontual.

A transcrição das entrevistas foi efetuada num prazo máximo de três dias após a realização das mesmas e foram sempre transcritas pelo entrevistador.

Bastante importante foi o facto de se ter realizada a gravação das entrevistas para posterior transcrição permitindo contar com todo o material fornecido pelo entrevistado, o que não ocorre com a utilização de notas.

As entrevistas tiveram, em média, uma duração de 34 minutos, aproximadamente, enquanto a transcrição das mesmas demorou, em média, cerca de 55 minutos.

### 5.9 Análise de conteúdo

Após a recolha da toda a informação, iniciou-se a análise e tratamento dos dados, utilizando uma das técnicas mais usuais em ciências sociais, a técnica de análise de conteúdo que se caracteriza por um conjunto de práticas de estudo das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, novos conhecimentos (Bardin, 2011, citado por Silva, 2015).

Segundo Bardin (1977), são utilizadas 3 etapas na análise de conteúdo: a pré-análise; a exploração do material e por último o tratamento de resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise, defende o autor (pág. 95) “possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.”

Na exploração do material, seguindo a sua linha de pensamento, procede-se à aplicação sistemática das decisões tomadas, sendo realizados os procedimentos de codificação.

Dado que uma parte deste trabalho se baseia no material obtido a partir das entrevistas, não bastou codificá-las, como também elaborarmos objetos e dimensões a posteriori. Deste modo, procedeu-se a uma análise categorial temática, uma vez que se construíram dimensões de acordo com os temas focados nas entrevistas. Começámos por fazer uma análise preparatória do conteúdo das entrevistas onde foram recolhidas as informações que se revestiam de maior pertinência.

Seguidamente, foi elaborada uma pré-categorização dos dados existentes de acordo com áreas de significado (Percurso profissional e académico dos coordenadores e visão geral sobre o passado recente do DE, perceções dos coordenadores sobre parâmetros da meta – Qualificação da oferta desportiva escolar, perceções dos

coordenadores sobre parâmetros da meta- Articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar e perceções dos coordenadores sobre a tendência futura do DE).

No momento seguinte, foram definidos objetos e dimensões de análise. Foi tida em conta que a categorização feita teve fundamentalmente a ver com a interpretação do investigador, sendo este condicionado por vários aspetos como o contexto situacional em que realizou a recolha de dados.

Neste estudo, ao utilizar mais que um instrumento de recolha de dados, é essencial cruzar a informação recolhida, assim, após o tratamento e análise da informação obtida nas entrevistas, houve uma confrontação com o conhecimento adquirido na pesquisa documental e foram retiradas evidências que permitiram responder aos objetivos e questões centrais que motivaram o presente estudo.

Referir ainda que todos os processos metodológicos foram realizados pelo autor sem recurso a qualquer software de categorização ou organização das perceções obtidas e de transcrição das entrevistas.

#### 5.10 Validade e Confiabilidade

Groulx (2008 citado por Ullrich, Oliveira, & Basso, 2012), afirma que a pesquisa qualitativa, no contexto da pesquisa social, pode produzir um conhecimento, cuja validade científica, por vezes, é reconhecida como frágil e incerta. Neste tipo de estudo (qualitativo), os critérios de validade e de confiabilidade assumem aspetos particulares que derivam do facto da pesquisa ser de carácter interpretativo, a subjetividade do pesquisador está presente em todo o desenvolvimento da pesquisa defendem Kirk e Miller (1986, citados por Júnior, Leão & Mello, 2011).

Embora a sua origem sejam os pressupostos adotados na pesquisa quantitativa, o conceito de validade vem sendo adaptado e utilizado também na pesquisa qualitativa defendem Cho e Trent (2006, citados por Ollaik & Ziller, 2012). Em pesquisas qualitativas, a conceção de validade assume formas distintas, pois a discussão sobre

escalas de medição não se aplica a métodos qualitativos, sendo necessária a compreensão da validade em outra perspetiva.

Nesse sentido, adaptando o conceito quantitativista para pesquisas qualitativas, verificar a validade de uma pesquisa seria determinar se esta, de facto, mede verdadeiramente o que o investigador se propôs a medir, se os seus processos metodológicos são coerentes e se os resultados são consistentes.

Guion (2002, citado por Ollaik & Ziller, 2012), sugere que a validade refere-se à verificação dos resultados como verdadeiros e confiáveis. Está relacionada com o facto de os resultados refletirem com precisão a situação analisada e serem confiáveis, no sentido em que não haveria razões para deles duvidar, ou seja, a pesquisa é válida se as evidências fornecem o apoio necessário às suas conclusões.

Existem conceções que dão mais ênfase à validade dos resultados, também denominada validade externa e existem outras que dão mais ênfase à validade do processo, do método, também denominada validade interna

Nas pesquisas quantitativas, a confiabilidade relaciona-se com a sua replicação e generalização, nas pesquisas qualitativas, devido ao seu processo de contextualização e de flexibilização, relaciona-se com a consistência das articulações teóricas, metodológicas e empíricas propostas pelo estudo. Esta refere-se à garantia de que outro pesquisador poderá realizar uma pesquisa semelhante e chegará a resultados aproximados (Júnior, Leão & Mello, 2011).

Resumindo, a confiabilidade em pesquisas qualitativas é confirmada por meio das articulações entre construtos teóricos, o método e os resultados.

Em relação à questão ética nos estudos qualitativos, o pesquisador tem uma grande responsabilidade por assumir que pode falar pelo outro e interpretar de forma acurada o seu mundo e a sua vida.

## PARTE III- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

### CAPÍTULO VI- Apresentação e discussão de resultados

Nesta fase da investigação procedemos à descrição e interpretação da informação recolhida juntos dos coordenadores regionais/locais do DE, procurando fundamentá-la, confrontá-la e relacioná-la com o exposto na revisão da literatura. Para que seja mantido o anonimato dos participantes, foi atribuída aos coordenadores regionais/locais a letra correspondente á inicial dos seus nomes e de seguida de número, em função das entrevistas feitas. Além da análise documental, foi realizada também uma análise de conteúdo às entrevistas realizadas. Para conseguirmos interpretar estes dados, procedemos a uma análise vertical e horizontal.

#### 6.1 Categorização dos dados

A categorização é um processo que está relacionado com a agrupação de dados que tenham características comuns, ou seja, o processo de categorização consiste em dividir componentes das mensagens analisadas em rubricas ou categorias (Bardin, 2008, citado por Sousa, 2015).

De acordo com Bardin (2004, cit. por Sousa, 2015), as categorias são rubricas ou classes que agrupam elementos sob um título genérico, junção efetuada em razão dos caracteres comuns desses mesmos elementos.

Tendo em conta a informação acima referida, foram criadas 5 categorias/dimensões/blocos que permitiram uma eficaz organização de informação de forma a conseguir de uma forma mais fácil, interpretar os dados de forma a responder á questão e objetivos do estudo. As dimensões criadas foram:

- ✓ Caracterização do entrevistado;
- ✓ Conhecimento sobre o PDE;
- ✓ Qualificação da oferta desportiva escolar;
- ✓ Articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar;
- ✓ Desenvolvimento e tendência do desporto escolar,

## 6.2 Dimensão Caracterização do entrevistado

Focalizando a nossa atenção na temática da Caracterização do Entrevistado, onde são analisados os aspetos relacionados com o percurso académico e de formação bem como o percurso profissional, o cargo atual e o tempo de serviço de cada um dos entrevistados procurámos ter conhecimento acerca das competências e experiência dos coordenadores.

### 6.2.1 Percurso académico e de formação

Foi objetivo intrínseco, antes de começar a tratar o DE propriamente dito, conhecer de uma forma superficial quais os estudos e competências dos coordenadores entrevistados, que lhes permitiam situarem-se no cargo que desempenham. Também se optou por começar as entrevistas da seguinte forma, uma vez que, á partida, existiria uma aproximação entre o entrevistado e entrevistador no que toca ás suas áreas de formação, fomentando desde logo um clima cordial e bom ambiente que perdurasse durante a entrevista.

Concretamente, todos os entrevistados têm formação na área do desporto e todos têm pelo menos a licenciatura realizada. Embora todos se tenham formado ligados ao desporto, as áreas de onde provêm divergem, sendo que a maioria está ligada ao ensino como NS e VB referem respetivamente “(...) sou licenciado em Educação-Física no Ensino Básico, licenciado pelo Instituto Politécnico Superior de Viseu.” e “(...) fui para Castelo Branco fazer a licenciatura em Educação Física”, por outro lado, exemplificando a diversidade existente, FM define “Fiz a minha licenciatura na faculdade de motricidade humana, em ciências do desporto. E depois um mestrado feito em exercício e saúde” enquanto NM sustenta “Fiz pós-graduação em treino de alto rendimento”. Num estudo de Rodrigues, Soares & Antunes, (2017), em que abordam a qualificação académica dos professores de Educação-física concluíram que a totalidade dos participantes possui formação superior, sendo que 58.7% são licenciados em Educação Física e Desporto, 32.4% em Professores do Ensino Básico/Variante Educação Física, os restantes (8.9%) possuem formação



superior num domínio do conhecimento distinto da Educação Física. Estes resultados aproximam-se dos obtidos no nosso estudo.

### 6.2.2 Percurso profissional, cargo atual e tempo de serviço

No que toca ao percurso profissional, os entrevistados foram bastante unânimes. Inicialmente começaram os seus trajetos profissionais ligados ao ensino, enquanto professores de educação-física, mas também como professores de modalidades do DE, cargos esses que alguns coordenadores mantêm como é possível verificar através de PC2 “Leciono Educação Física maioritariamente a 3º ciclo e ligado ao DE como professor das modalidades e este ano passei para a coordenação atuando como coordenador da CLDE do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral”. Para além de professores, muitos destes também desempenham funções de treinadores federados, definindo FC “Estou ligado ao hóquei em patins há 45 anos, desde pequeno a jogar e a partir dos 30 anos surgiu o bichinho de treinador. Tirei o nível I e II.”

Em relação ao cargo atual, a perceção obtida indica que apenas um dos entrevistados, sendo o coordenador regional, tem horário completo como coordenador, os restantes, como coordenadores locais, repartem o seu horário de trabalho entre a coordenação e as escolas onde desempenham cargos de professores de educação-física e de modalidades do DE, recorrendo a FM “(...) neste momento, metade do tempo estou a trabalhar na escola, metade estou a trabalhar no gabinete do DE como coordenador”

Por fim, analisando o tempo de serviço, surgiu uma situação que colocou alguns entraves ao estudo que foi o facto de ter existido, no início deste ano, uma revolução na equipa de coordenação o que fez com que muitos dos entrevistados não tivessem um conhecimento tão profundo do panorama do DE na região. Comprovando o tempo de serviço de alguns coordenadores, cita-se FC “Em julho de 2017, fui convidado pelo coordenador regional a assumir o cargo de coordenador local do Alentejo central, cargo que aceitei e estou a desempenhar desde dia 1 de setembro

de 2017.”, também PP toca no ponto “(...) como coordenador apenas este ano.”. Verificou-se que num total de 8 entrevistados apenas NS e PC1 tinham mais do que um ano de experiência no cargo de coordenadores, 14 e 10 anos respetivamente.

### 6.3 Dimensão Conhecimento sobre o Programa do Desporto Escolar

Nesta categoria são apresentados dados relativos ao conhecimento dos coordenadores sobre o documento PDE 2017-2021. Esta dimensão divide-se em duas subcategorias, sendo que a primeira procura perceber e avaliar o grau de conhecimento sobre as metas impostas no documento orientador e a segunda, entender qual a visão e como encaram a tendência do DE, na sua área de intervenção, nos últimos anos. Este capítulo permite, compreendendo as perceções dos coordenadores, realizar uma pré-avaliação às metas elencadas no programa e de seguida obter um panorama geral do DE no Alentejo, fazendo uma ponte de ligação entre o ponto de situação real e atual e os patamares onde se pretende chegar, concluindo se estes serão pertinentes e atingíveis e quais as ferramentas que auxiliarão neste percurso.

#### 6.3.1 Conhecimento sobre as metas propostas

Em relação a esta categoria, houve alguma contradição entre os entrevistados. Por um lado, a maioria, 7 dos 9 entrevistados diziam estar cientes e mostravam conhecimento acerca das metas propostas pelo MEC no PDE 2017-2021, caso do NS que refere: “Sim, tenho conhecimento das metas propostas no documento orientador do Desporto Escolar. Temos alcançado as metas na região, nomeadamente o aumento da prática do género feminino, e também na presença de alunos com NEE” e também do PC1 que, por palavras suas, “São metas sempre progressivas com vista ao aumento da prática do Desporto Escolar.” Segundo o mesmo, as metas são viáveis, são colocadas questões nos finais dos anos letivos que

servem como feedbacks para que estas metas sejam propostas, ou seja, o MEC aconselha-se junto das coordenações locais, que por sua vez reúnem informação junto das escolas. Esta transmissão de conhecimentos sobre a realidade do DE serve e é bastante útil para que as metas formuladas sejam ajustadas e adequadas. Por outro lado, uma minoria, 2 dos entrevistados denotou ter pouco conhecimento sobre as metas, é o caso de VB que cita “Não fui informado, concretamente, das metas, mas tenho uma ideia dos objetivos” e de FC “Sim tenho lido, não ainda aquilo que gostaria para aprofundar um pouco mais essa matéria.”. Uma justificação plausível para a falta de conhecimento relaciona-se com o facto de alguns dos coordenadores apenas terem assumido o cargo este ano, de facto, aqueles em que a perceção obtida foi mais positiva aconteceu nos coordenadores que já trabalhavam e tinham mais experiência na coordenação. Num estudo de Silva (2015), eram inquiridos professores e coordenadores do DE e este concluiu que os coordenadores tinham muito mais conhecimento sobre o programa e modelo do DE e que concordavam com o que lá vinha explicito.

### 6.3.2 Tendência recente do Desporto Escolar

Nesta dimensão houve um consenso, de uma forma geral, por parte das respostas dos entrevistados, sobre a tendência do DE na sua área de intervenção, no sentido em que todos transmitem a ideia de um incremento ou de uma estabilização dos vários parâmetros que constituem o DE: número de alunos praticantes, número de modalidades que fazem parte da oferta desportiva escolar, número de grupos-equipas, entre outros fatores. Segundo cita PP “Em termos de modalidades, tem aumentado, por exemplo tiro com arco, hipismo, são modalidades que apareceram. O número de grupos equipas também se tem mantido.”, corroborando com este pensamento, NM sugere que o número de envolvidos nas atividades do DE tem sido bastante superior, tem crescido, quer em eventos a nível regional, quer também a nível dos quadros competitivos das várias modalidades, que de forma flutuante, no total têm vindo a aumentar. NS tem uma passagem bastante interessante citando que

“Na prática, aumentamos o número de alunos no DE, contrariando o decréscimo do número de alunos presente no Sistema Educativo”. Contrariando a opinião dos entrevistados relativamente ao aumento do número de alunos praticantes temos a tabela 15 que nos indica que a evolução tem sido no sentido contrário.

Indo de encontro à informação obtida no nosso estudo (Sousa, 2015), na sua pesquisa indica que “No que se refere á evolução do Desporto Escolar, os coordenadores, entendem que tem havido uma ligeira evolução.”.

Num estudo de Riscado (2013), este trata da evolução no DE durante a implementação dos programas 2007-2009 e 2009-2013, no distrito de Castelo Branco, e concluiu que apesar do decréscimo dos alunos no sistema educativo, o número de alunos praticantes aumentou, quer do sexo masculino quer do sexo feminino, contudo, este aumento não se traduziu num aumento dos grupos-equipas que tem apresentado, de ano para ano, variações quanto ao seu número.

#### 6.4 Dimensão Qualificação da oferta desportiva

Nesta dimensão foram criadas diversas subcategorias de forma a organizar, com uma maior eficácia, a informação obtida e também facilitar a interpretação da mesma. O objetivo geral desta categoria passa por compreender e interpretar as reflexões dos coordenadores relativamente à oferta desportiva, para isso foram criados objetivos específicos que quando concluídos iriam ajudar a responder ao objetivo geral. Os objetivos específicos são: identificar os fatores considerados na escolha da oferta desportiva, perceber qual o acesso a modalidades de prática mais complexa, bem como a promoção da igualdade de participação entre géneros e também para alunos com NEE, compreender a perceção dos coordenadores sobre a existência, em número suficiente ou não, de oportunidades de formação aos docentes para melhorar as suas competências e no seguimento deste último objetivo, identificar quais as competências que estes deverão melhorar.

#### 6.4.1 Fatores considerados na escolha da oferta desportiva escolar

Segundo as perceções obtidas, a escolha das modalidades a serem praticadas dentro de cada escola parte da sua responsabilidade, segundo NS “Por muito que façamos algum trabalho de apoio técnico com as associações das várias modalidades desportivas, sem dúvida que a seleção da modalidade começa no projeto educativo da escola. A seleção compete à escola”. Estas opções têm por base diversos fatores, numa escala hierárquica nem sempre aconselhável como define PC2 “Considero que a oferta está condicionada por fatores físicos e materiais de cada escola ou na proximidade e fundamentalmente condicionada pelos recursos humanos, as escolas tendem a colocar os grupos-equipa a cada professor segundo a sua área de formação e isso, por vezes, superioriza-se aos interesses dos alunos, o que é lamentável.”, Silva (2015), concorda com este depoimento e opina que a escolha da modalidade nem sempre é do agrado do discente. Contudo, para outros dois coordenadores, o principal fator a ter em consideração aquando da escolha da oferta desportiva é mesmo o interesse dos alunos, compreende-se através de NM “(...) o mais importante deve ser os interesses dos alunos.”, corroborando com esta tese, PC1 salienta que no final de cada ano letivo é entregue aos alunos um formulário com diversas modalidades para que estes, escolham, de entre um vasto leque, as que gostariam de praticar no próximo ano. Sousa (2015), apurou a mesma constatação e sugere que nas matriculas os alunos possam escolher as modalidades e depois em função da escolha, seja elaborado o projeto. Na pesquisa de Resende et al. (2014), onde se apuraram perceções dos alunos relativamente ao DE estes concluíram que na escola sobre a qual foi efetuado o estudo, o leque de modalidade era bastante reduzido e os alunos não tinham influencia na escolha das modalidades a serem praticadas, sugerindo que estes deviam ter um papel mais preponderante.

#### 6.4.2 Acesso a modalidades tecnicamente mais complexas

Foi notório que, quando se aborda “modalidades tecnicamente mais complexas”, os entrevistados remetem logo para as atividades náuticas apresentando algumas razões para a complexidade da realização das mesmas, segundo FM “O espaço e localização das escolas condiciona o desenvolvimento de determinado tipo de atividade.”, já PC1 refere que “(...) em modalidades náuticas existe um grande problema de transporte quer dos alunos, quer do material para o local onde decorre a modalidade”.

Numa maneira geral, todos os entrevistados sugerem um incremento deste tipo de atividades sustentado nos CFD, seguindo a linha de pensamento de FC, estes centros no Alentejo estão virados para as modalidades náuticas. NS enumera-os da seguinte forma “Canoagem em Mértola, remo em Avis, surf em Odemira e Sines e o último, constituído este ano, de vela, no Agrupamento de escolas de Ponte de Sôr, na barragem de Montargil.” Para o entrevistado, graças a estes projetos é possível a qualquer aluno no Alentejo ter acesso à prática dessas modalidades, sublinhando a evolução neste paradigma “Temos vindo a aumentar graças aos Centros de Formação Desportiva, que no Alentejo eram uma miragem, mas há cerca de 5 anos começamos com um de canoagem sediado em Mértola, e hoje, temos 5. Segundo as informações recolhidas junto da CRDE do Alentejo, (tabela 19), e embora o número de CFD dedicados a este tipo de modalidades tenha crescido, os alunos que as praticam regularmente encontra-se estabilizado.

#### 6.4.3 Promoção da igualdade de participação entre géneros e inclusão de alunos NEE

Nesta questão todos os entrevistados apresentaram perceções semelhantes no que toca à inclusão dos alunos NEE. Começando pelos alunos com deficiência, todos os entrevistados visaram um aumento da preocupação do DE no Alentejo para a inclusão dos mesmos em atividades desportivas escolares citando NM “temos tido

mais preocupação com a inclusão dos alunos com necessidade educativas especiais e crianças com deficiência” já NS refere que a palavra inclusão faz parte seu dia-a-dia.

A crescente preocupação, leva a um aumento exponencial da prática desportiva por parte destes alunos, quer através do acesso a mais modalidades quer através da participação em competições e eventos, indo de encontro ao acima citado, VB refere “Criámos o Desporto Adaptado que é um campeonato com um conjunto de atividades entre escolas, que permite a prática competitiva para este tipo de alunos. Existe também o Boccia e para além disso conseguimos colocar em eventos como o Corta-mato e o Megasprinter provas para este tipo de alunos. Tem havido uma grande aderência por parte destes”, também PP reforça esta ideia afirmando que, felizmente, no Alentejo, existe uma participação muito positiva por parte destes alunos e por palavras suas “É dos desportos em que o Alentejo é mais competitivo, com classificações bastante boas (...) nós com 3 CLDE, apresentamos, proporcionalmente, muito mais alunos com necessidades educativas especiais do que as outras regiões em determinadas provas ou eventos.”. Na pesquisa de Sousa (2015), identificou-se que na maioria das escolas existe Boccia, Natação e Atletismo adaptado. Comprovando a perceção dos entrevistados, a tabela 18 mostra que de facto, nos últimos três anos tem existido um aumento significativo de alunos com NEE a praticar DE.

Em relação à igualdade de oportunidades e participação nos dois géneros as opiniões já divergem, existindo aqueles que consideram que existe um equilíbrio em termos de participação e outros que defendem um grande desnível. PC2 diz não existir um desequilíbrio muito grande entre géneros, contrapondo, VB é conciso “(...) claro que existe um maior número de praticantes do sexo masculino”, corroborando com esta teoria Conde (2012), num estudo sobre a modalidade de Basquetebol identificou um maior número de grupos-equipas do género masculino em relação ao género feminino. Dando mais força a esta ideia, a tabela 17 mostra que de facto, na área

abrangida pela CRDE do Alentejo existe uma diferença substancial da prática desportiva escolar entre os dois géneros.

O que gera cordialidade entre entrevistados nesta temática é o facto de que o tipo de modalidades a serem praticadas tem preponderância no género dos praticantes segundo PP “(...) temos alguma desigualdade no número de grupos-equipas masculinos e femininos que existem nos desportos coletivos, nos desportos individuais não há tanta diferenciação porque os grupos são mistos”, já citando PC2 “Há modalidades em que a expressão é muito maior para o género masculino, como o futsal. Existem outras em que a distribuição é equiparada, estão equilibradas. Existem modalidades mistas em que a participação é homogénea. Ainda existem outras como as atividades rítmicas expressivas e a ginástica que tem um número de praticantes do género feminino superior”. NM defende que as escolas devem diversificar a oferta, indo de encontro aos gostos dos rapazes e das raparigas, de forma a que todos tenham acesso às modalidades que gostem. Este esforço de diversificação da oferta parece estar a ser feito pois no ano letivo transato existiu uma diminuição na diferença do número de rapazes e raparigas no DE. No estudo de Riscado (2013), os números da participação feminina no DE aumentou em conformidade com os números da participação masculina, durante os anos que foram estudados, sendo que a percentagem dos praticantes era 40% do género feminino e 60% do género masculino. Estas percentagens não sofreram alterações significativas.

#### 6.4.4 Oportunidades de formação aos docentes de melhoria das suas competências

Uma das preocupações da coordenação passa por garantir formação aos docentes como salienta NS “Existe, no próprio projeto do Desporto Escolar, o setor da formação (...) É uma das apostas do projeto, a qualificação dos docentes.”

Sobre as formações que se têm proporcionado aos professores das modalidades, a perceção dos coordenadores é bastante positiva na medida em que tem havido



bastantes momentos de formação, de diversas modalidades, com o intuito de proporcionar aos docentes um aumento de conhecimentos e competências que lhes permitam efetuar com maior eficácia o seu trabalho no DE. Diz FM “Temos um conjunto de ações de formação que todos os anos acontecem em modalidades específicas, gratuitas (...) que são dirigidas fundamentalmente aos professores que estão a trabalhar no Desporto Escolar.” Para além das formações nacionais a coordenação esforça-se para que estas ocorram na sua região de intervenção, quem o diz é PC1 “A coordenação regional tem tentado puxar para a nossa zona diversas ações de formação (...) Tentamos fazer esse tipo de ações creditadas, para que os professores das nossas coordenações tenham acesso, para melhorar as suas qualificações e ajudar os grupos-equipas a evoluir.”. Situação contrária persentiu-se no estudo de Silva (2015), que sugere que as formações que chegam aos professores via DE têm temáticas que são do interesse do professor, por norma são gratuitas, mas nem sempre são realizadas na zona de ação do docente.

Foi notório que a preocupação demonstrada pelos coordenadores tem colhido os seus frutos de forma a proporcionar diversos momentos de aprendizagem aos professores das modalidades do DE. Segundo a opinião dos coordenadores e professores entrevistados no estudo de Sousa (2015), é muito importante terem conhecimento das ações de formação, contudo e divergindo das informações obtidas no nosso estudo, aparecem algumas, mas não com a frequência desejada nem dentro das necessidades e sustenta que deveria haver mais oferta.

#### 6.4.5 Competências que os professores de Desporto Escolar deverão melhorar

Questionados sobre as competências dos docentes responsáveis pelos grupos-equipas que estão abrangidos sobre a sua coordenação, as respostas foram bastante favoráveis, confiando nas competências dos professores, FM declara “Creio que, na maior parte dos casos, estes professores estão a trabalhar nas modalidades e desportos para os quais têm essa competência e formação”, NS reforça essa ideia

“Os professores têm muitas competências”, contudo, o mesmo entrevistado deixa a ideia que depende de professor para professor e que existem registos de práticas muito boas e de outras menos boas. As razões que levam às práticas menos boas acontecem, principalmente, devido a dois motivos. O primeiro relaciona-se com a falta de empenho de alguns docentes como refere PP “Alguns deviam ter mais empenho nas atividades do DE, porque são horas letivas nos horários dos professores”, na mesma onda VB define “Alguns professores poderiam empenhar-se mais, ter mais vontade e prazer em realizar um bom trabalho”. No trabalho desenvolvido por Araújo & Seabra (2011), no âmbito da (des) motivação dos professores de EF, os resultados indicam que, de uma maneira geral, todos os professores se sentem relativamente motivados para a docência e para o DE, contudo devido aos congelamentos de carreira e conjuntura económica essa motivação por vezes é posta em causa.

O segundo motivo diz respeito à relação DE/desporto federado, segundo PC2 “Muitas vezes as práticas federadas vêm parar ao meio escolar”, FC aprofunda esta tese acrescentando que as competências e prioridades são diferentes e que os professores deveriam conseguir distinguir as situações e trabalhar de acordo com o contexto onde estão inseridos.

### 6.5 Dimensão Articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar

À semelhança da dimensão anterior, foram criadas várias subcategorias, sendo o objetivo principal perceber como se articula a atividade desportiva com a restante organização escolar, os objetivos específicos passavam por perceber como se relaciona o DE com o desenvolvimento curricular, como são construídos e se são adequados os horários atribuídos ao DE, quer ao nível do treino quer da competição e também entender como este está inserido no projeto educativo de cada escola.

### 6.5.1 Relação do Desporto Escolar com o desenvolvimento curricular

Neste parâmetro, todos os entrevistados têm uma opinião positiva no que toca à afetação por parte do DE do desenvolvimento curricular. FM afirma que "O Desporto Escolar é uma atividade que se pretende que haja uma relação com a EF e com a matéria que la é desenvolvida. Existem algumas diferenças, a educação-física é obrigatória e o Desporto Escolar é facultativo.". O mesmo afirma que o DE pode ser uma oportunidade para alguns alunos, que gostam de um determinado desporto, mas que não têm apetência para a sua prática de alto nível. As matérias de EF que pertencem e estão previstas nos programas não são muito diferentes das desenvolvidas no DE, sendo que muitas vezes, este é como uma extensão do que se tem desenvolvido em termos curriculares nas áreas da EF. Contudo, FC deixa a ideia de que o DE é um projeto de agrupamento, mas nem sempre assim é encarado, segundo o mesmo "A maioria das pessoas vê o DE como um projeto de grupo ou do professor de EF e não um projeto da escola", pelo que pode criar um certo desequilíbrio. Em todos os casos a presença dos alunos no DE leva não só à melhoria dos resultados escolar na disciplina de EF mas também no seu rendimento nas restantes áreas curriculares.

### 6.5.2 Formulação dos horários de Desporto Escolar

Todos os entrevistados concordam que as escolas têm autonomia para marcação de horários do DE, pelo que podem existir realidades muito diferentes, uma vez que há escolas em que os pavilhões e espaços desportivos têm uma utilização exclusiva, portanto as possibilidades de horário são maiores.

No Alentejo há a prática de deixar a quarta-feira à tarde livre, para as atividades desportivas. No entanto, muitos dos intervenientes admitem que para o DE é excelente, o problema é que muitas escolas não as cumprem, colocam apoios, outros clubes, reuniões para os professores, etc., o que obriga muitas vezes os alunos a não

ir a eventos, competições e treinos do DE, por incumprimento das próprias direções das escolas que calendarizam outros afazeres para esse horário.

Um outro problema que usualmente sucede em situações deste género refere-se aos transportes dos alunos, uma vez que muitos têm de ir a casa almoçar, ou estão dependentes dos horários dos autocarros. FC afirma que "Parece-me importante haver uma reflexão sobre isso de forma a que as várias áreas curriculares e os vários projetos do agrupamento fossem possíveis de executar de uma forma muito mais eficiente de forma a contribuir para uma mais valia de todos.". Sobre este ponto Silva (2015), indica "Sem dúvida, os horários estão diretamente relacionados com o sucesso ou insucesso da implementação do projeto do Desporto Escolar (...) nem todos os alunos estão disponíveis neste horário, por motivos de transporte ou por incompatibilidade com outras atividades.". Esta situação ocorre inúmeras vezes pois os horários atribuídos ao DE são, geralmente, no final do dia.

Outra das questões está relacionada com os horários dos professores, em que o professor deve ter dois tempos não letivos para dinamizar as atividades e muitas vezes esse horário não é compatível com o horário dos alunos, pelo que é necessário existir uma maior articulação entre cada uma das partes.

Uma das soluções que NS sugere, passa por "passar na escola desde as oito da manhã às seis da tarde, em que o último tempo da manhã e da tarde sejam não letivos e dedicados ao funcionamento dos projetos de cada escola. Só assim temos os horários dos professores e alunos compatíveis para a prática. Tal situação já se observa no ensino privado, conseguindo ter 30 ou 40 alunos e um professor com horário compatível para dar treinos."

Num estudo dirigido por Sousa (2015), foram apurados resultados um pouco mais preocupantes que indicam falta de articulação com outras disciplinas havendo alguns colegas que não colaboram na dinamização das atividades do DE. O mesmo refere que os horários dos alunos e dos professores não estão de acordo com os horários do DE. Ao contrário do que acontece na região de Évora, em que a tarde de quarta-feira está reservada para fins desportivos, na região de intervenção do seu estudo diz não

haver um dia/tarde em todos os agrupamentos para as concentrações do DE. Seguindo o mesmo autor, este identifica que com o avançar dos ciclos torna-se quase impossível haver possibilidade de coordenar os horários, havendo mesmo quase a impossibilidade dos alunos do ensino secundário terem qualquer possibilidade de frequentarem o DE.

Contrariando a generalidade das opiniões recolhidas acerca da má organização de horários atribuídos ao DE, numa pesquisa de Santos (2009), na região autónoma da Madeira, em que se inquiriam alunos e encarregados de educação, estes, responderam em 80% dos casos que se encontravam satisfeitos ou muito satisfeitos nos horários destinados à prática.

### 6.5.3 Impacto do Desporto Escolar no Projeto Educativo das Escolas

Neste ponto as perceções apuradas divergem em três direções, alguns intervenientes como o FM, FC defendem que o DE sempre esteve dentro do leque de atividades que estão nos planos das maiorias das escolas. A única componente que por vezes parece falhar advém do compromisso entre os professores, a escola, os alunos e os pais, na busca de uma organização de horários e responsabilidades que seja equilibrada e favorável para todos.

Noutra perspetiva NS, VB e PP consideram que deveria ter um peso mais significativo, uma vez que todos os agrupamentos têm um projeto de DE, mas que nem sempre é visto com o devido valor, ignorando, na maior parte dos casos, os efeitos positivos que o DE possibilita aos alunos, como um maior respeito pelo outro, melhor organização horária, maior sucesso escolar e, por último, evitar o risco de obesidade.

Por último, PC1, NM e PC2 defendem que esta situação "Depende das direções e órgãos de gestão de cada escola e da valorização e importância que estes dão ao DE", encontrando-se determinada pelas direções e organização de cada agrupamento. Segundo Silva (2015), há escolas que denotam a importância da

atividade desportiva escolar apenas no papel, mas não aplicam na prática e outras em que o DE funciona muito bem, mas não têm nenhuma referência nos documentos estruturantes da escola.

No estudo de Sampaio (2008), refere-se que é fundamental a plena integração e reconhecimento do DE como componente do Projecto Educativo de Escola, no entanto e à semelhança dos resultados obtidos neste trabalho apenas um terço dos participantes afirma que está bem inserido e tem o devido impacto, existindo outras opiniões contrárias o que sugere que esta importância dada ao DE varia de escola para escola.

## 6.6 Dimensão Desenvolvimento e tendência do desporto escolar

Na última dimensão criada procurou compreender-se as perceções dos coordenadores relativamente ao futuro do DE e qual o grau de ambição e concretização, que preveem, para as metas propostas no PDE 2017-2021, relativamente aos parâmetros abordados. Desta forma, organizaram-se duas subcategorias em que uma foi relativa às perceções sobre as metas e propostas e outra, sobre qual a tendência futura que adivinham para o DE e por onde passará esse desenvolvimento.

### 6.6.1 Grau de ambição e concretização das metas propostas no Programa do Desporto Escolar 2017-2021

O objetivo desta subcategoria é fundamental na redação da dissertação, entender as perceções dos coordenadores sobre as metas e objetivos elencados no PDE. No geral, houve uma ideia comum a todos que passa por uma aprovação das propostas. PC1 sustenta que “Pela experiência que tenho, sempre que foram afixadas metas, elas foram cumpridas. Por isso penso que serão atingidas”, NS alia-se e sugere que “Na realidade do Alentejo são parâmetros atingíveis”. Grande parte da assertividade das metas está relacionada com o facto de haver uma ligação entre o MEC e os

coordenadores, quem o diz é NM “As metas são sustentadas por feedbacks de quem lida de perto com o Desporto Escolar.”

Especificando, no caso do parâmetro – Qualificação da oferta desportiva, VB salienta que “(...) estamos a caminhar para um bom porto, principalmente na inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais, na diversificação da oferta desportiva, no equilíbrio dos géneros.”, já PC2 reforça que “Tudo o que tem haver com garantir a prática e oferecer variabilidade de modalidades para escolha, esses objetivos foram alcançados”.

No vetor – Articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar, FC define: “Passa pelo conhecimento do DE para todos os intervenientes, professores, escolas, funcionários, pais, autarquias, alunos”, o mesmo salienta ainda que enquanto não se reconhecer o valor deste desporto, existirão sempre entraves e obstáculos ao seu desenvolvimento.

Embora a perceção seja positiva, houve uma condição citada por dois entrevistados, que constituiu um obstáculo ao cumprimento dos objetivos que foi a revolução, em termos de recursos humanos, sofrida pela coordenação, NM toca no ponto dizendo “Entramos no novo projeto com mudanças de coordenação a nível nacional, levou-nos a algum atraso em termos de lançamento de novos regulamentos e início de atividades” e PC2 aborda a mesma situação “Este ano, com a mudança da coordenação, apanhamos as coisas já a meio, já havia muita coisa planeada”.

A concretização dos objetivos é de difícil previsão pois o programa está no seu primeiro ano de execução e torna-se complicado prever um futuro ainda longínquo, faz deixar esta ideia PC1 e FM quando dizem “É difícil responder quando o projeto está tão no início” e “Apenas com o tempo iremos ter uma perceção”, respetivamente.

### 6.6.2 Tendência futura e desenvolvimento do desporto escolar

A resposta à última subcategoria das entrevistas trouxe uma grande variedade de respostas e pontos de vista por parte dos coordenadores, estas diferentes perceções obtidas fizeram traçar caminhos distintos para o futuro do DE.

Uma das tendências a seguir pelo DE passa por um reforçar da relação com o desporto federado, FM começa por referir “um dos aspetos passa por uma aproximação do Desporto Escolar ao desporto federado (...) acho que temos a ganhar com aquilo que é o conhecimento, experiência e competência das Federações e Associações desportivas em Portugal, nas diversas modalidades, sem desvirtuar um lado ou outro, procurar que haja um contributo e uma participação maior” FC continua e vai mais longe “Passa por uma ligação direta das escolas e das federações e se calhar o Desporto Escolar deveria existir até ao escalão de juvenis e só a partir daí existir o Desporto Federado.”. Para Sousa (2015), este é um fator importante no desenvolvimento do DE, segundo o mesmo, a falta de articulação com os clubes federados tem sido um fator de inibição à prática.

Outra visão partilhada por dois coordenadores é a de um maior reconhecimento para todos os intervenientes no DE por parte das escolas e do próprio ministério, segundo NM “Temos tido dificuldades em termos de suporte financeiro, as escolas recebem do Ministério tranches que têm vindo a ser cada vez menores, temos as escolas muito dispersas e gastamos muito em transportes.”. PC2 deixa a ideia de que os professores das modalidades andam pouco motivados por serem pouco reconhecidos e que estes sendo os principais agentes do desenvolvimento do DE, deveriam ser mais reconhecidos e valorizados.

Por fim, um dos entrevistados visou que existem inúmeras vantagens em fazer chegar o DE a escalões mais jovens, VB pressente que “(...) temos de começar a intervir logo desde as faixas etárias mais novas, as escolas de 1º ciclo estão integradas no agrupamento (...) esses alunos gostam de praticar as atividades, devíamos aumentar o número de eventos para esses escalões para incutir hábitos e para os cativar para o Desporto Escolar.”.



No estudo de Sousa (2015), os coordenadores apontam mais um fator de desenvolvimento e potenciador da prática desportiva escolar, mencionado no nosso estudo em pontos anteriores, que passa pela reformulação de horários dos alunos e professores, permitindo que haja mais horários comuns para o DE.

Esta variabilidade de previsões deixa a ideia de que existem muitos pontos de trabalho que permitirão um desenvolvimento e um crescimento do DE.

## PARTE IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

### CAPÍTULO VII- Conclusões e recomendações

Ao longo do presente capítulo, iremos apresentar as conclusões finais do presente estudo, onde são tecidas considerações acerca dos resultados mais importantes, o que eles revelam, e o que acrescentam para o conhecimento nesta área, sendo também apresentadas algumas recomendações para investigações futura.

#### 7.1 Conclusões

Em Portugal, o DE percorreu um caminho longo, desde o seu surgimento até à sua consolidação como desporto de referência.

Após a recolha de dados, tratou-se da informação recorrendo ao conhecimento obtido na pesquisa e revisão documental para analisar as entrevistas realizadas aos coordenadores de DE. Graças a este processo foi apurado um significativo conjunto de dados valiosos que nos permitiram retirar algumas informações conclusivas sobre o panorama deste desporto na área abrangida pela CRDE do Alentejo.

Com o intuito de auxiliar na resolução á questão central do presente estudo, iremos começar por resolver os objetivos específicos a que nos propusemos.

A primeira parte do primeiro objetivo específico ficou respondida ainda no capítulo do enquadramento teórico. Entendemos que, apesar de existirem inúmeras definições sobre o DE este pode ser caracterizado como o conjunto de práticas de atividades desportivas desenvolvidas como complemento curricular e ocupação

de tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo. (Gonçalves, 2002, citado por Santos, 2017; Silva, 2015). Através de outros pontos presentes ainda no capítulo I, obteve-se resposta á extensão do primeiro objetivo específico, identificando e compreendendo os propósitos, missões e a teia legislativa que envolve o DE. Para concluir o primeiro objetivo, estudou-se a estrutura do DE e compreendeu-se que esta já sofreu bastantes alterações, mas que hoje em dia se encontra bem estabilizada, com relações muito bem assimiladas entre os diversos níveis de coordenação. Podemos definir que a estrutura do DE se organiza por três níveis: uma coordenação de âmbito nacional, cinco coordenações regionais que incluem vinte e quatro coordenações locais. É precisamente sobre uma das cinco coordenações regionais existentes em Portugal que se desenrola este estudo. Para além das coordenações existe um número variável de CDE, promovidos pelos agrupamentos de escolas (Riscado, 2013).

O segundo objetivo específico baseia-se na compreensão das perceções dos coordenadores, sobre o parâmetro “Qualificação da oferta desportiva escolar”, incutido no PDE 2017-2021. Antes de se proceder à recolha de informação diretamente relacionada com este tema, sentimos a necessidade de entender qual o seu percurso profissional e de formação e como visualizavam o passado recente do DE. Analisando as perceções obtidas e os dados recolhidos junto da CRDE concluiu-se que os entrevistados tinham uma formação específica e um percurso profissional que lhes permitia ter um conhecimento profundo sobre o DE tendo, também, competências para desempenhar o cargo que ocupam. Em relação ao seu conhecimento sobre as metas gerais propostas no PDE 2017-2021, houve coordenadores, que foi perceptível estarem por dentro do tema e que, de facto, tinham conhecimento sobre as mesmas e outros que se mostraram desconfortáveis, salientando que embora já tivessem dado uma vista de olhos, não eram capazes de as enumerar, sendo que apenas um entrevistado admitiu não ter conhecimento das mesmas. Sobre o vetor “Qualificação da oferta desportiva escolar”, a perceção obtida sobre a realidade vivida no Alentejo era bastante positiva:

- ✓ Fatores considerados na escolha da oferta desportiva- No global todos os entrevistados identificaram que a escolha era feita pela escola e indicaram que o primeiro princípio a ter em conta deveriam ser os gostos e interesses dos alunos, mas que muitas vezes a formação dos professores e as condições materiais e espaciais condicionavam a oferta. Contudo, concluíram que esta era bastante adequada e variada.
- ✓ Acesso a modalidades tecnicamente mais complexas- Concluímos, através das perceções dos entrevistados que existia um esforço muito grande para proporcionar a prática deste tipo de atividades desportivas aos alunos abrangidos pela CRDE do Alentejo através do incremento do CFD orientados para essas mesmas modalidades. Verificou-se também que estes partilham uma visão de crescimento da prática, embora os dados estatísticos recolhidos não o confirmem.
- ✓ Promoção de igualdade de participação de géneros e inclusão de alunos NEE- Neste ponto, concluímos que existia grande concordância e até mesmo satisfação dos entrevistados em relação ao incremento da prática por parte dos alunos NEE. Foi notório que estes, através da sua inclusão em eventos desportivos, na criação de modalidades específicas, entre outras ações, pretendiam aumentar o número de alunos NEE participantes. A estatística recolhida junto da CRDE, no que toca a este ponto, confirma uma clara expansão da prática por parte destes alunos. Em relação aos géneros, mais propriamente à tentativa de igualdade ou equilíbrio de participação na atividade desportiva escolar, concluiu-se que existia divergência entre os coordenadores na visão que partilhavam sobre o tema. Uns entendiam que não existia diferenças significativas, outros pelo contrário, identificavam uma desigualdade muito grande. Os dados numéricos recolhidos comprovam a ideia destes últimos. Apesar desta desigualdade, concluiu-se que, na perceção dos coordenadores, a modalidade influencia a taxa de participação por parte do género feminino e existe um esforço por promover nas escolas, modalidades que apelem à participação feminina. Este esforço por parte dos coordenadores acabou por ser recompensado, uma vez que, a diferença entre a participação dos géneros diminuiu no último ano letivo.
- ✓ Oportunidades de formação aos docentes de melhoria das suas competências- Este fator também foi encarado pelos coordenadores com grande positividade. Entendeu-se através da perceção dos mesmos que existem inúmeras oportunidades para os docentes de melhorar as suas qualificações e competências relativas ao DE em variadas modalidades. Também foi perceptível que estes se esforçavam para que as entidades formadoras realizassem estas ações na área de abrangência da sua coordenação, evitando que os professores tivessem que fazer grandes deslocamentos para nelas participarem.
- ✓ Competências que os professores de DE deveriam melhorar- De uma forma geral os coordenadores entendiam que os professores tinham capacidade e formação suficiente para lecionarem as diversas modalidades, no entanto, os fatores identificados, merecedores de correção foram: uma melhor distinção entre as

práticas federadas e escolares (muitos professores são também treinadores federados) e o seu empenho, ou falta de, que na maioria dos casos ocorria pela pouca valorização do seu trabalho.

Em relação ao terceiro objetivo específico, este trata de entender as perceções dos entrevistados sobre outro vetor presente no PDE 2017-2021, “Articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar”. Optámos por, para melhor analisar este parâmetro dividi-lo em três categorias:

- ✓ Relação do DE com o desenvolvimento curricular- Os coordenadores entendem que, nomeadamente com a disciplina de EF, a ligação do DE é bastante satisfatória, na medida em que este funciona como uma extensão da disciplina, sendo que os conteúdos são muito semelhantes, inclusivamente, um coordenador relatou que em pelo menos um agrupamento de escolas, os programas são adaptados e ajustados de forma a que se abordem determinadas modalidades na altura em que se aproximam eventos dessa mesma modalidade no DE. Para além da EF, os coordenadores concordam que a prática de DE também apresenta efeitos positivos para as outras áreas curriculares.
- ✓ Formulação dos horários do DE- Este ponto foi bastante debatido e gerou algumas conclusões importantes que abordam outras temáticas. Segundo a informação apurada junto dos coordenadores, são as escolas responsáveis pela formulação dos horários atribuídos ao DE, sendo que a coordenação dá a diretriz de deixar a quarta-feira à tarde livre para atividades desportivas escolar. Como cada escola escolhe os horários, as situações são bastante específicas e divergem de estabelecimento para estabelecimento, existindo relatos de boas práticas e de outras não tão positivas.

Embora a coordenação indique que a quarta-feira à tarde deve ser deixada livre, muitas escolas assim não o cumprem e, mesmo não colocando aulas nesses espaços, acabam por inserir apoios, reuniões de professores, clubes de teatro, de leitura, etc. As perceções adquiridas sugerem uma incompatibilidade de horários entre os alunos, os professores e os horários disponíveis nos espaços físicos para a prática desportiva. Para além destas incompatibilidades, existe a agravante dos transportes. Sendo o DE, uma atividade extracurricular, esta é colocada nos finais de tarde, pós aulas, num horário que muitas vezes não permite aos alunos conseguir apanhar o transporte público para a sua zona de residência. Este problema é bastante singular da CRDE do Alentejo, uma vez que se verifica que muitos alunos que andam numa determinada escola, não moram perto da mesma, acabando por ter que fazer uma deslocação grande para terem aulas. Uns coordenadores salientam que através da formulação dos horários, se percebe a imagem e postura das escolas relativamente ao DE, existindo umas que têm

grande preocupação na sobreposição dos horários e outras que acabam por não permitir aos seus alunos a prática desportiva escolar.

- ✓ Impacto do DE no projeto educativo das escolas- Este parâmetro foi gerador de discordância entre os coordenadores existindo opiniões bastante divergentes. Alguns coordenadores identificaram um grande impacto e defendem que o DE está bem inserido dentro do projeto educativo das escolas no Alentejo, justificando que a realização de atividades relativas ao DE vem descrita no plano anual de atividades e que decorrem muitas ações utilizando o DE como agente educativo e formativo. Por outro lado, com uma opinião bem oposta, outros coordenadores sugerem que as escolas não estão conscientes do verdadeiro valor educativo do DE e que não mostram grande preocupação em promover o mesmo junto dos seus. Ainda existe um outro grupo de opiniões dadas pelos coordenadores que relatam que neste parâmetro existem situações bastante singulares e que depende de escola para escola, de direção para direção a valorização e importância dada ao DE.

No último objetivo específico procurámos conhecer os pensamentos e ações dos coordenadores acerca das estratégias de desenvolvimento do DE, para isso abordámo-los no sentido de recolher as suas perceções sobre a ambição e grau de concretização das metas propostas no PDE 2017-2021 e também sobre a tendência futura de desenvolvimento do DE.

Relativamente à ambição e grau de concretização que os coordenadores preveem para as metas impostas no PDE 2017-2021 no que toca aos parâmetros anteriormente abordados (Qualificação da oferta desportiva e articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar) podemos concluir que, no geral, houve uma aprovação das metas incluídas no programa. Foi sugerido por um entrevistado que esta assertividade e adequação está relacionada com a ligação entre o MEC e as coordenações regionais e locais que transmitem a realidade atual do DE. Esta articulação permite ao ministério agilizar a tarefa de definir um conjunto de metas, objetivos e estratégias de desenvolvimento do DE.

Em relação às metas que incidem na qualificação da oferta desportiva escolar os coordenadores sublinham o caminho que está a ser feito em termos de diversificação da oferta desportiva, inclusão de alunos NEE e equilíbrio na participação dos dois géneros.

No que toca às metas sobre a articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar, apesar de acharem as metas atingíveis e pertinentes, indicam que a forma de abordar o DE de todos os intervenientes, em especial das direções e órgãos administrativos das escolas, deve melhorar no sentido a prestarem um maior reconhecimento quer aos professores das modalidades, quer aos alunos e até mesmo participarem e organizarem de uma forma mais ativa os eventos do DE.

Respondendo á questão central, que nos motivou à execução do presente estudo “Quais as perceções dos coordenadores de Desporto Escolar no Alentejo sobre as metas propostas no Programa de Desporto Escolar vigente e qual o trabalho a realizar para estas serem cumpridas, nomeadamente na qualificação da oferta desportiva e articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar?” concluímos que as perceções dos coordenadores são bastante satisfatórias. Estes indicam que, estando no primeiro ano de desenvolvimento do programa é complicado prever se as metas propostas, para daqui a quatro anos serão, ou não, atingidas, contudo salientam que estão a ser criadas estratégias que permitem chegar aos patamares pretendidos no programa. Especificando, no primeiro vetor – Qualificação da oferta desportiva escolar, tem existido um imenso desenvolvimento, em grande parte, graças aos esforços dos coordenadores, que tem dado frutos ao nível da diversificação e adequação da oferta desportiva, inclusão de alunos NEE, igualdade na participação de géneros e realização de ações que permitam o aumento de competências e conhecimentos dos professores das modalidades. Em relação ao acesso a modalidades tecnicamente mais complexas, os resultados não indicam um incremento da prática desportiva escolar deste tipo de atividades, no entanto, com o

aumento dos CFD direcionados para estas modalidades, percebe-se que se estão a criar condições para atingir este objetivo. Em relação às perceções sobre o outro vetor abordado – Articulação da atividade desportiva escolar com a restante organização escolar, estas indicam que ainda se tem que percorrer um longo caminho. Todos os entrevistados reconhecem a importância e ligação do DE com o desenvolvimento curricular, contudo sentem uma falta de preocupação das direções das escolas em promover o desenvolvimento do mesmo, começando no início do ano pela organização dos horários que são, na maioria dos casos, considerados desadequados devido à sobreposição e incompatibilidade entre os dos professores e os dos alunos e acabando com a pouca valorização e reconhecimento que se dá aos intervenientes diretos do DE, muitas das vezes por não entenderem o valor educativo deste desporto que acaba por não ter o devido lugar e impacto no projeto educativo de determinadas escolas.

Como futuro para o DE, os coordenadores apontam algumas medidas por onde este poderia evoluir e continuar a crescer como uma aproximação com o desporto federado, acreditando que o DE ficaria responsável pela organização dos treinos e competições nos escalões mais novos onde o foco vai para a formação dos jovens, inculcando valores cívicos e morais e o desporto federado responsável pelos escalões mais velhos onde o foco já se encontra no vencer e no resultado. Também identificaram que o DE poderia começar logo nas idades mais novas, uma vez que são bastante recetíveis a atividades desportivas e que seria uma forma de os cativar desde novos para a prática desportiva, inculcando hábitos de vida saudáveis. No estudo de Silva (2015), este pôde concluir algumas medidas, que nos parecem

bastante interessantes e pertinentes, a implementar pelos responsáveis pela coordenação do DE tais como:

- ✓ Disponibilização de todas as instalações desportivas próximas das escolas para utilização em práticas do DE, quando as instalações escolares estiverem superlotadas ou não tenham as condições necessárias para algumas práticas desportivas;
- ✓ Desenvolvimento da EF e do DE no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Obrigatoriedade, generalização e efetivação da área Educação e Expressão Físico-Motora a todos os alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico.
- ✓ Inserir nos horários dos alunos blocos de aulas destinados a clubes e ao DE. Na elaboração dos horários definir o mesmo bloco horário para as turmas que tenham alunos suscetíveis de ser integrados no mesmo GE;
- ✓ Terminar com a tarde livre nos horários dos alunos. Em muitas escolas é comum os alunos terem uma tarde livre, onde são colocadas as atividades do DE. Contudo, os transportes escolares são realizados mais cedo, não permitindo que muitos alunos possam aderir às atividades da tarde desportiva e de outros clubes.
- ✓ Maior incentivo à adesão dos alunos ao DE através de: inscrição obrigatória em duas áreas de oferta de escola (DE, música...). Ao escolher DE, selecionar as modalidades pretendidas e valorizar as conquistas desportivas na vida escolar dos alunos para o seu curriculum vitae e aquando da entrega dos prémios de mérito académico
- ✓ O DE tem que integrar o Projeto Educativo, de forma transversal, assumida e valorizada.



## 7.2 Limitações e sugestões para estudos futuros

Durante a realização deste estudo, deparámo-nos com algumas questões que importa referir, com vista a uma possível continuidade e melhoramento da pesquisa no âmbito da intervenção no desporto escolar, expressas aqui sob a forma de recomendações. Assim, tendo em conta a revisão da literatura, os resultados do nosso estudo e as dificuldades encontradas, sugerimos:

- Avaliar a perceção de coordenadores do DE de outra região, percebendo uma outra realidade e comparando as perceções obtidas com as do presente estudo, com o intuito de verificar se a situação do DE é homogénea ou se cada CRDE trabalha de forma diferente.
- Analisar os resultados obtidos no final do período de execução do PDE 2017-2021 e identificar se as metas propostas foram cumpridas, caracterizando cada um dos vetores estratégicos e comparando com a realidade atual para compreender a evolução que o DE teve.
- Comparar a perceção dos diferentes níveis hierárquicos que fazem parte da organização estrutural (Ministério da Educação e Ciência, CNDE, CRDE e CLDE) entendendo se partilham a mesma visão sobre o panorama do DE.

Com o objetivo de obter resultados que possam ser de maior rigor, com mais quantidade e qualidade informativa, a entrevista deverá ser aplicada a uma amostra maior e diversificada como por exemplo os professores dos grupos/equipas do desporto escolar.

A grande limitação que se abateu sobre este estudo deriva do facto da pouca experiência dos membros que fazem parte da coordenação do DE no Alentejo, uma vez que, houve uma revolução na coordenação com a saída de bastantes coordenadores e entrada de outros. Assim, as perceções obtidas não são sustentadas por uma vasta experiência na área, nem por um conhecimento profundo em termos de coordenação do DE, embora todos os entrevistados já estejam ligados a este tipo

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

de desporto, mas com outros cargos e funções como a de professor das diversas modalidades.

Gostaríamos de referir, antes de terminar a presente investigação, que este estudo, apesar de representar um pequeno contributo para esta temática, apresenta resultados a considerar para o conhecimento dos indicadores de desenvolvimento do DE.

## Referências bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de Investigação educacional*.
- Araújo, Andreia; Seabra, F. (2011). A (des) motivação na atividade docente: Perspectivas de docentes do ensino secundário, das áreas disciplinares da Matemática e Educação-Física, 6, 311–321.
- Araújo, Liliana; Cruz, José; Almeida, L. (2010). A entrevista no estudo da Excelência: Uma proposta. *Psychologica*, 1, 253–279.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (E. 70, Ed.). Lisboa.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. *Porto Editora*, 15–80.
- Boni, V., & Quaresma, J. (2005). Aprendendo a entrevistar : como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica Dos P Os-Graduandos Em Sociologia Política Da UFSC*, 2(3), 68–80.
- Cafruni, Cristina; Marques, António; Gaya, A. (2006). Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil . Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 6(1), 55–64.
- Conde, J. (2012). *DESPORTO ESCOLAR, A REALIDADE DO BASQUETEBOL Enfoque na Coordenação Local do Desporto Escolar do Porto*. Faculdade de Desport da Universidade do Porto.
- Cunha, André; Durão, M. (2014). Sinopse do Seminário. In *Sinopse do Seminário “Sinopse do Seminário”* (pp. 1–7). Funchal.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. *Journal Of The American Medical Association* (Vol. 264).

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

- Menezes, P. (2016). *Visão Estratégica do Projeto de Atividade Interna do Desporto Escolar na CLDE Tâmega*. Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.
- Moutinho, M. (2016). *A prática do Andebol em escalões de formação : da Escola para o Clube*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Nogueira, A. (2009). *Gestão das Actividades Extracurriculares - O Desporto Escolar - Estudo de Caso na Escola Artur Gonçalves (Torres Novas)*. Universidade Aberta.
- Ollaik, L. G., & Ziller, H. M. (2012). Concepções de validade em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, 38(1), 229–242.
- Paiva Júnior, F. G. de, Leão, A. L. M. de S., & Mello, S. C. B. de. (2011). Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. *Revista de Ciências Da Administração*, 13(31), 190–209.
- Pires, G. (1990). Desporto Escolar : Opções ; Estratégias ; Futuros, (Ii), 21–30.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais* (Gradiva). Lisboa.
- Raupp, F. M., & Beuren, I. M. (2003). Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In *Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: teoria e prática* (pp. 76–97). São Paulo. Retrieved from [http://200.17.83.38/portal/upload/com\\_arquivo/metodologia\\_de\\_pesquisa\\_aplicavel\\_as\\_ciencias\\_sociais.pdf](http://200.17.83.38/portal/upload/com_arquivo/metodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_ciencias_sociais.pdf)
- Rego, L. (2002). A Educação Física e o Desporto Escolar. *A Página Da Educação*.
- Resende, R., Mendes, C., Lima, R., Pimenta, N., Castro, J., & Sarmiento, H. (2014). Desporto escolar: A opinião dos alunos de uma escola cidadina, (c), 1–4.
- Ribeiro, N. (2013). *ÉTICA E VALORES NO DESPORTO ESCOLAR. Estudo centrado em alunos praticantes da modalidade de Futsal na região de Viseu*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

- Riscado, A. (2013). *Desporto Escolar no Distrito de Castelo Branco*. Universidade da Beira Interior.
- Ritchie, J., & Lewis, J. (2003). *Qualitative Research Practice - A Guide for Social Science Students and Researchers*. SAGE Publications.
- Rodrigues, A., Soares, J., & Antunes, H. (2017). Motivações expectativas: uma análise de professores de Educação Física em mobilidade no movimento desportivo associativo. *Revista Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio y El Deporte*, 12, 271–277.
- Sampaio, A. (2008). *Análise da organização do desporto escolar ao nível das competências dos estabelecimentos de ensino*. Universidade da Madeira.
- Santos, J. (2009). *Atributos da qualidade da competição desportiva escolar : estudo comparativo entre as perceções dos praticantes e respectivos encarregados de educação Atributos da qualidade da competição desportiva escolar : estudo comparativo entre as perceções dos pr*. Universidade da Madeira.
- Santos, J. (2017). *Objetivos estratégicos do Desporto Escolar e a sua aplicação no contexto real de prática - Perceçãp da comunidade escolar*. Universidade do Porto.
- Silva, A. (2015). *Estudo comparativo entre as representações dos professores de educação física e dos coordenadores regionais/locais*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Sousa, C. (2015). *Desporto Escolar - Representações dos coordenadores locais das zonas da Guarda e de Viseu*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Ullrich, D. R., Oliveira, J. S. De, & Basso, K. (2012). Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas : em direção à reflexividade analítica. *Revista de Administração Da PUCRS*, 19–30.
- Vaz, J. (2014). *Desporto Escolar. O Coordenador Técnico enquanto elemento catalisador das Atividades de Nível I do Clube do Desporto Escolar*. Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

Vieira, I. (2008). *Perceção dos professores do desporto escolar sobre os atributos d serviço e factores de satisfação e insatisfação*. Universidade da Madeira.

## Legislação

ARTIGO 28.º/ 2005. Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto. Estabelecimentos de educação e ensino;

ARTIGO 51.º/ 2005. Lei de Bases do Sistema Educativo. Ocupação de tempos Livres e Desporto Escolar;

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

ARTIGO 62.º/2005. Lei de Bases do Sistema Educativo. Desenvolvimento da Lei;

ARTIGO 73.º / 2005. Direitos e deveres culturais. Educação, cultura e ciência;

ARTIGO 74.º / 2005. Direitos e deveres culturais. Ensino;

ARTIGO 79.º / 2005. Direitos e deveres culturais. Cultura Física e Desporto;

DECRETO-LEI nº 46/86, de 14 de outubro. Diário da República. Nº 237. Série I;

DECRETO-LEI nº 95/91, de 26 de fevereiro. Regulamento da Educação-Física e do Desporto Escolar;

DECRETO-LEI nº 139/2012, de 20 de janeiro. Diário da República, Nº15, Série I;

DESPACHO nº 13608/2012, de 15 de outubro. Diário da República. Nº203- Série II,

PORTARIA nº406/87, de 14 de maio. Diário da República, Nº 110, Série I.

PORTARIA nº 29/2013, de 29 de janeiro. Competências da Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

## Apêndices

### Apêndice A - Guião de entrevista

#### **GUIÃO DE ENTREVISTA – COORDENADORES DO DESPORTO ESCOLAR**



O nosso guião de entrevistas está dividido em três eixos, conforme Yin (2016):  
Eixo 1: Apresentação do estudo, identificação e histórico pessoal (académico/profissional) do entrevistado; Reconstrução da experiência dos entrevistados (coordenadores do Desporto Escolar) sobre os temas que se relacionam com o estudo; Eixo 2: Reflexões sobre a qualificação da oferta desportiva e a articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar ; Eixo 3: Reflexões sobre o significado da experiência enquanto coordenadores do Desporto Escolar e sobre a tendência futura do processo estudado.

### EIXO 1: APRESENTAÇÃO DO ESTUDO, IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRICO PESSOAL

Objetivos	Informação a recolher	Questões da entrevista
-----------	-----------------------	------------------------

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introduzir e apresentar o entrevistado (coordenador) ao propósito e pertinência do estudo</li> <li>• Clarificar os aspetos formais e éticos</li> </ul>	<p>1 Apresentação do entrevistado</p>	<p>O meu nome é <b>João Ramos</b>, sou estudante do Mestrado em Direção e Gestão Desportiva na Universidade de Évora- Portugal. Estou a desenvolver um estudo, sob a orientação da Professora Dra. Maria da Conceição Ferreira Monteiro Leal da Costa e do Professor Dr. Mário Teixeira, com coordenadores locais e regionais do Alentejo. A investigação tem como finalidade identificar e compreender as perceções dos coordenadores do Desporto Escolar sobre as metas propostas pelo Ministério da Educação e Ciência, no Programa do Desporto Escolar 2017-2021 (documento orientador do Desporto Escolar em Portugal), relativamente à qualificação da oferta desportiva e articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar.</p> <p>Para que a investigação se possa concretizar agradeço imenso a disponibilidade para a realização desta entrevista que servirá como instrumento que me permitirá recolher dados para efetuar uma análise e reflexão sobre o tema. Para garantir a fidedignidade do seu testemunho, gostaria de proceder à gravação da entrevista, pelo que agradeço a sua autorização para tal. A partir de agora iremos dar início à entrevista e peço que a considere como uma conversa natural, cuja confidencialidade me comprometo a garantir.</p> <p>Ao término da investigação, comprometo-me ainda a dar feedback sobre os resultados da mesma.</p>
---	---------------------------------------	--

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar o entrevistado em relação aos aspetos relevantes para o estudo</li> </ul>	<p>2</p> <p>Identificação do perfil do coordenador:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Percurso académico</li> <li>- Percurso profissional;</li> <li>- Cargo atual e tempo de serviço;</li> </ul>	<p>1). Pode fazer um breve resumo do seu percurso académico e de formação, referindo as instituições onde estudou e cursos que frequentou.</p> <p>2). Qual é o seu cargo atual, como e quando começou a atuar, profissionalmente, no Desporto Escolar.</p>
---	---	--

**EIXO 2: REFLEXÕES SOBRE A QUALIFICAÇÃO DA OFERTA DESPORTIVA E ARTICULAÇÃO DA ATIVIDADE DESPORTIVA COM A RESTANTE ORGANIZAÇÃO ESCOLAR**

Objetivos	Informação a recolher	Questões da entrevista
-----------	-----------------------	------------------------

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar o grau de conhecimento dos entrevistados sobre o Programa do Desporto Escolar vigente.</li> <li>• Perceber a evolução do Desporto Escolar na região.</li> </ul>	<p>3 Se o entrevistado está informado das metas propostas no documento.</p> <p>4 Como se tem desenvolvido, localmente, o Desporto Escolar.</p>	<p>3). Tem conhecimento acerca das metas e objetivos de intervenção do PDE 2017-2021?</p> <p>4). Na sua opinião, qual tem sido a tendência, na sua região de intervenção, do Desporto escolar, nos últimos tempos? <b>(aspetos organizativos, modalidades, nº de alunos praticantes...)</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a visão e interpretar as reflexões dos entrevistados relativamente à qualificação da oferta desportiva.</li> <li>• Identificar se existe uma similaridade entre os interesses dos alunos e as modalidades proporcionadas e se existe correspondência à procura de atividades tecnicamente mais complexas.</li> </ul>	<p>5 Quais os fatores implicados na construção da oferta desportiva e se se proporcionam modalidades que vão de encontro a esses gostos, nomeadamente, quando se envolvem modalidades mais complexas de serem praticadas dada a região em causa</p> <p>6 Se é proporcionado algum tipo de formação específica aos docentes e quais as suas competências atuais.</p>	<p>5). Considera que a oferta desportiva vai de encontro aos interesses dos alunos? Quais os fatores analisados quando se determina a oferta desportiva?</p> <p>6). Atuando no Alentejo, existe algum acesso a modalidades mais complexas? (por exemplo atividades náuticas).</p> <p>7). De que forma se tem promovido a igualdade e equidade de oportunidades no Desporto Escolar, quer ao nível dos alunos com necessidades educativas especiais quer ao nível dos sexos?</p> <p>8). Que oportunidades se tem proporcionado aos docentes de formação e aumento dos conhecimentos sobre Desporto Escolar na região do Alentejo?</p> <p>9). Quais as competências que considera que os professores de desporto escolar deverão melhorar?</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a visão e interpretar as reflexões dos entrevistados relativamente à articulação da atividade desportiva com a restante organização escolar.</li> <li>• Entender de que modo está inserido o Desporto Escolar no Projeto Educativo e concluir se é tomado em conta no momento de formulação dos horários letivos de modo a que haja disponibilidade temporal para a prática de Desporto Escolar.</li> </ul>	<p>7 Relação do Desporto Escolar com o desenvolvimento curricular.</p> <p>8 Compatibilidade dos horários escolares com a prática da atividade do Desporto Escolar.</p> <p>9 Grau de impacto do Desporto Escolar no Projeto educativo.</p>	<p>10). Como se relaciona o Desporto Escolar com o desenvolvimento curricular?</p> <p>11). Acha os horários de Desporto Escolar os mais adequados? Que sugestões de melhoramento sugere?</p> <p>12). Acha que o Desporto Escolar tem o devido impacto no Projeto Educativo de cada escola? Deveria ter um peso mais significativo?</p>
--	---	--

**EIXO 3: DESENVOLVIMENTO E TENDÊNCIA DO DESPORTO ESCOLAR E PERCEÇÃO SOBRE O PROGRAMA**

Objetivos	Informação a recolher	Questões da entrevista
-----------	-----------------------	------------------------

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

<ul style="list-style-type: none"> <li>Entender, segundo a reflexão dos entrevistados, a adequação das metas propostas no programa vigente.</li> <li>Qual a tendência futura do Desporto Escolar na região.</li> </ul>	<p>10 Se os coordenadores concordam com as metas propostas no programa.</p> <p>11 O trajeto que irá ser percorrido (tendência) nos próximos tempos pelo Desporto Escolar.</p>	<p>13). Qual o grau de concretização e ambição das metas incluídas no Programa de Desporto Escolar 2017-2021, que prevê, relativamente aos parâmetros abordados? (qualificação da oferta desportiva e articulação com a restante organização escolar).</p> <p>14). Por onde passará o desenvolvimento do Desporto Escolar? Qual será a tendência futura?</p>
--	---	--

### Apêndice B - Modelo de Consentimento informado

#### **CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO**

**(de acordo com a Declaração de Helsínquia e a Convenção de Oviedo)**

**Título do estudo:** Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

**Enquadramento:** Este projeto surge com o intuito da obtenção do grau de Mestre, no mestrado de Direção e Gestão Desportiva, na Universidade de Évora. O estudo tem como orientadores a Dra. Professora Conceição Leal da Costa e o Dr. Professor Mário Teixeira, sendo efetuado e redigido por João Ramos.

**Explicação do estudo:** Este trabalho é inspirado num estudo de caso em que as entrevistas serão semiestruturadas e servirão como método de recolha de dados e informação. As entrevistas terão áudio-gravação para que se efetue de forma eficiente a recolha e tratamento de dados. Os participantes são escolhidos de acordo com as especificidades do estudo em causa, sendo na sua maioria coordenadores locais e regionais do Desporto Escolar da Direção Regional de Estabelecimentos do Alentejo. As entrevistas serão realizadas na Direção Geral de Estabelecimentos (DGEst) e cada participante irá, na maioria dos casos, encontrar-se 1 vez com o investigador.

**Condições e financiamento:** Este estudo não apresenta qualquer financiamento apelando, desta forma, ao carácter voluntário da participação por parte dos entrevistados resultando na ausência de prejuízos caso o entrevistado não queira participar.

**Confidencialidade e anonimato:** Apesar das entrevistas serem áudio-gravadas, é garantida a confidencialidade das mesmas, sendo usadas exclusivamente para recolha de dados do presente estudo. Os contactos serão feitos em ambiente de privacidade e não haverá registo de dados pessoais (identificação), embora se solicite a experiência profissional e académica e cargo atual do entrevistado.

Venho desta forma agradecer a disponibilidade, participação e interesse do entrevistado no estudo em causa.

**Investigador:**

- Nome: João Luís Fernandes Brotas Ramos;

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

- Profissão: Estudante universitário no Mestrado em Direção e Gestão Desportiva da Universidade de Évora;
- Contacto telefónico/ eletrónico- 910268022 / joaoramos.ramos@gmail.com ou [m37301@alunos.uevora.pt](mailto:m37301@alunos.uevora.pt)

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

**Assinatura/s de quem pede consentimento:**

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

**Nome:**

**Assinatura:**

/.....

**Data:** ..... /.....

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR 2 PÁGINAS E FEITO EM DUPLICADO: UMA VIA PARA O /A INVESTIGADOR /A, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE.

Apêndice C- Quadro síntese de dados dos entrevistados



Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

Nome	Contacto(mail)	Idade(anos)	Anos enquanto coordenador	Anos no Desporto Escolar	Habilitações Literárias (curso)	Duração da entrevista	Transcrição	Data
Francisco Chourico	francisco.chourico@dgeste.mec.pt	50	1	25	Licenciatura em Educação Física e Desporto na Faculdade de Motricidade Humana	41:00	1:15:22	28/02
Nuno Santinha	nuno.santinha@dgeste.mec.pt	43	14	20	Licenciatura em Educação Física e Desporto na Faculdade de Motricidade Humana	35:38	1:01:06	20/03
Fernando Marmeleira	fmarmeleira@gmail.com	45	1	20	Licenciatura em Ciências do Desporto na Faculdade de Motricidade Humana	33:04	0:59:30	07/02
Paulo Carreiro	paulo.carreiro@dgeste.mec.pt	45	10	21	Licenciatura em Ciências do Desporto na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	40:19	1:10:00	15/06
Vitor Bela	bela.vitor@sapo.pt	45	1	22	Licenciatura em Educação Física e Desporto no IP de Castelo Branco	33:40	1:00:33	26/06
Nuno Mamede	nuno.mamede@dgeste.mec.pt	46	1	22	Licenciatura em Ciências do Desporto na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	22:28	0:51:00	26/06
Pedro Cravo	cldealemejo@gmail.com	38	1	14	Licenciatura em Ciências do Desporto na Faculdade de Motricidade Humana	36:17	1:03:45	27/06
Paulo Pires	Paulojbdp@gmail.com	40	1	18	Licenciatura em Ciências do Desporto na Universidade de Coimbra	31:53	0:56:50	29/06

## Apêndice D- Entrevistas

### ENTREVISTA PILOTO 1

### **Fernando Marmeleira**

R1- Fiz a minha licenciatura na faculdade de motricidade humana, em ciências do desporto. E depois um mestrado feito em exercício e saúde, também feito na faculdade de motricidade humana, em termos académicos será isso.

R2-Tenho estado e estou a trabalhar na área da educação física, sou professor. Portanto, com o cargo que exerço, neste momento, metade do tempo estou a trabalhar na escola, metade estou a trabalhar no gabinete do DE como coordenador. Em termos profissionais, para além da educação física, tenho me especializado na área do atletismo e do badminton. Fu praticante e treinador de atletismo durante um tempo. Fui colaborador da Universidade de Évora, na área do atletismo e nos últimos anos tenho estado a treinar na área do badminton, em termos de treino, fundamentalmente dentro do âmbito do Desporto Escolar. São estas as minhas áreas de dedicação.

R3-Neste trabalho específico que estou a exercer, de facto é algo que estou a iniciar, comecei apenas no princípio do ano letivo, tenho esta ligação com o lado do terreno porque à muitos anos que estou no desporto escolar a trabalhar com grupos-equipa e de facto houve uma altura que já à algumas décadas em que se percebeu que havia uma separação entre os federados e os não federados por exemplo, existiram federados impedidos de participar em eventos e competições do desporto escolar a algumas décadas atrás, depois houve uma altura em que havia classificações em separado e nos últimos anos tem havido algum consenso em de perceber que estamos todos no mesmo universo de competição desportiva e que de facto não faz sentido esta separação, mas esta é uma discussão antiga, esta questão dos federados e dos não federados competirem lado a lado no desporto escolar. Portanto, eu acho que a tendência passa por tentar chegar a cada vez um maior número de alunos e envolver cada vez mais as escolas e alunos nessas atividades que são realizadas no âmbito do desporto escolar, que tem sido conseguido até um certo ponto, a questão dos objetivos em termos numéricos para este programa, é de facto, estive na altura em

que saiu este programa a curiosidade ver o que que dizia o anterior sobre estes objetivos numéricos, mas percebi que havia repetição da mesma história, ou seja, estamos a falar de uma nova tentativa de chegar a algo que se já pretendia ter chegado de certa forma no programa anterior, mas a perceção que tenho é que de facto continua o grande envolvimento por parte das escolas e dos alunos nas atividades do desporto escolar.

R4- Vamos por partes, penso que em termos de modalidades, hoje em dia existe um maior leque de opções, ou seja, apareceram algumas que vieram possibilitar uma maior escolha por parte dos alunos, em termos de aspetos organizativos penso que não só tem existido um incremento de eventos desportivos como também, em cada evento, de ano para ano, tem havido uma ligeira subida do número de participantes. Em relação ao número de alunos, penso que se mantem o mesmo com poucas oscilações, se me perguntares em termos de percentagem de alunos que participam no desporto escolar acho que tem aumentado, uma vez que, existem menos alunos na escola e o número de alunos no desporto escolar tem se mantido. No meu ponto de vista estamos a percorrer o caminho certo.

R5- O programa prevê um conjunto de atividades que tem vários níveis. Temos o nível só interno, em que as atividades são apenas realizadas ao nível das escolas. Depois temos o nível 2 que implica a competição de inter-escolas que chega na maior parte das modalidades a uma fase de campeonato nacional. São as escolas que se propõe a desenvolver determinado tipo de atividades. Depois há uma serie de condicionantes que levam ou não á aceitação dessas propostas. Uma delas tem haver com o historial de cada escola, ou seja, quando a escola assume, para um nível 2 (que tem competição interescolar), uma determinada modalidade, só em caso de condições muito especiais é que ela não se prolonga durante o resto do quadriénio do programa. Mas numa fase inicial são as escolas que propõe as atividades de acordo com a realidade da escola e aquele que é o interesse maior dos alunos. O que se pretende é que os projetos sejam de escola, ajustados à realidade da escola. Acho

que, no geral, as atividades estão ajustadas a realidade das escolas e inerentes aos interesses dos alunos dentro daquilo que é possível desenvolver.

R6- Na nossa CLDE do Alentejo central não desenvolvemos, mas dentro da região Alentejo existe um conjunto de atividades náuticas como a vela e o surf no baixo/litoral do Alentejo. Depois existem as atividades ligadas as piscinas que acontecem por todas as CLDE do Alentejo. O espaço e localização das escolas condiciona o desenvolvimento de determinado tipo de atividade.

R7- Ao nível dos NEE está muito claro. Para além de haver um conjunto de desportos que são integrados no projeto do programa escolar na perspetiva de envolver esses alunos, estou a falar dos desportos adaptados, e dentro destes existe a possibilidade de desenvolver um leque múltiplo de disciplinas variável de escola para escola de acordo com o tipo de alunos presentes. Ainda existe o Goalball e o Boccia, isto é, Grupos-Equipa são especificamente criados para envolver esses alunos. Existe também a possibilidade destes alunos se envolverem noutra tipo de atividades como os Corta-matos, para além de haver uma prova adaptada, para os alunos que não podiam percorrer toda a distancia que estava prevista para a sua idade e género. Havia sempre em cada um dos escalões género uma classificação para alunos com NEE diferenciada dos outros alunos. E terão também acesso a uma fase Nacional. Nesse aspeto, ao nível dos alunos com NEE a situação está de facto objetivada e funciona. O nº mínimo de praticantes, à semelhança dos outros alunos, não há um número mínimo na maior parte dos grupos-equipa para que possam funcionar ou se existe é um número muito menor que nos outros casos. Há uma flexibilidade maior na forma como se lida com estes grupos específicos na perspetiva que estes se envolvam em atividades do seu interesse.

Em relação ao género, é um objetivo do programa, que passa por envolver mais as raparigas, não é uma questão apenas crítica no desporto escolar, acontece ao nível das outras atividades desportivas fora da escola. Existe uma dificuldade em mobilizar as raparigas para as atividades. As condições, á partida, estão criadas para que, possam estar integradas. Na maioria dos casos existe uma variante masculina e

feminina e até mista. As condições em termos estruturais e de enquadramento legal estão desenvolvidas. O problema poderá estar ao nível das escolas, no terreno, conseguir mobilizar da mesma forma os alunos dos dois géneros. As condições estão criadas, mas a nível de captação as coisas podiam ser melhoradas.

R8- Temos um conjunto de ações de formação que todos os anos acontecem em modalidades específicas, gratuitas. Hoje em dia existe um conjunto de ofertas de ações de formação para professores, mas boa parte pagas. Estas são gratuitas, creditadas e são específicas das atividades que são desenvolvidas no desporto escolar. Brevemente temos uma de badminton com o coordenador nacional da modalidade, uma ação de 25 horas que ocorrerá em abril, Xadrez no início do ano, tivemos a vela que já se desenvolveu no Alentejo. Tem havido um conjunto de ações de formação que são dirigidas fundamentalmente aos professores que estão a trabalhar no desporto escolar.

R9- Dificil resposta, existem múltiplos casos. Temos largas dezenas de professores na CLDE a trabalhar no desporto escolar. Creio que, na maior parte dos casos, estes professores estão a trabalhar nas modalidades e desportos para os quais têm essa competência e formação. Nalguns casos isso poderá não acontecer, contudo não creio que seja um problema. Os projetos querem-se ao nível escola e não projetos de professores ou de alunos. O ideal é juntar os dois aspetos, ter atividades ajustadas à realidade das escolas, do contexto escolar em escolas que têm integradas professores capazes e habilitados para desenvolver da melhor forma as modalidades. As formações que fazemos, tentamos compensar certas situações de professores que não se sintam tão habilitados a desenvolver esta ou aquela modalidade no De. A perceção que tenho é que na generalidade dos casos, os professores estão habilitados e têm vivências de longa data nessas modalidades e que conseguem levar o trabalho a bom porto.

R10- desporto escolar é uma atividade que se pretende que haja uma relação com a Educação Física e com a matéria que la é desenvolvida. Existem algumas diferenças,

a educação física é obrigatória e o desporto escolar é facultativo. Uma das virtudes do desporto escolar em relação ao Desporto Federado é que este último é bastante inclusivo, ou seja, o desporto escolar permite que alunos que queiram e gostem de determinado tipo de desporto e que possam não ser muito dotados para a sua prática de alto nível tenham espaço para integrarem o desporto escolar. A realidade do clube ou realidade federada é diferente, só os melhores é que acedem, muitas vezes de uma forma paga. O desporto escolar embora seja algo opcional, feito de uma escolha pessoal, permite integrar um leque mais heterogéneo de realidades de prática desportiva individual. Por outro lado, as matérias de educação física que pertencem e estão previstas nos programas não são muito diferentes das desenvolvidas no desporto escolar. São basicamente as mesmas, mas com enquadramentos diferentes. A nível interno, as escolas têm possibilidade de desenvolver atividades que são uma extensão daquilo que são as matérias curriculares. O Corta-mato é um desses exemplos. Os torneios inter-turmas e atividades clássicas que são realizadas dentro das escolas são também uma extensão daquilo que se tem desenvolvido em termos curriculares nas áreas da EF

R11- É uma questão crítica, embora aqui no Alentejo tenhamos uma tradição que é de salutar e que em relação a outras regiões nos favorece um bocado. A maior parte das escolas no Alentejo não tem atividades letivas à quarta-feira à tarde, processo que não acontece em todo o lado e que permite concentrar nesse horário a realização das atividades do desporto escolar. Isso tem sido uma ajuda. Contudo, se nalgumas modalidades estas acontecem num tempo previsível e não muito extenso, noutras modalidades complica-se um bocadinho. No caso da ginástica e atividades rítmicas expressivas em que o tempo de realização por vezes é maior. O que quer dizer que, infelizmente, os alunos têm de faltar aos últimos tempos da manhã para conseguir cumprir um horário que se considere razoável, não voltando muito tarde para os seus locais de origem. Este horário facilita imenso a nossa organização. Sei de outras regiões do país, em que o desporto escolar acontece ao fim de semana. Não é que seja um problema, traz algumas vantagens. Por um lado, permite resolver o conflito entre horário letivo e conciliação com a parte desportiva, mas tenho a impressão que

se no Alentejo perdêssemos esta possibilidade durante a semana de ter os alunos envolvidos seria muito mais difícil ao fim de semana, mobilizá-los para a prática desportiva. Como nunca passamos por essa situação não posso ter certezas.

São as escolas que têm autonomia para marcação de horários do Desporto Escolar. Existem realidades muito diferentes, há escolas em que os pavilhões e espaços desportivos têm uma utilização exclusiva, portanto as possibilidades de horário são maiores. Existem outros casos, em que os pavilhões a partir de determinada hora são usados por outras entidades locais. São realidades diferentes, depois existem situações que os horários são mais ou menos apropriados. Cada escola procura fazer a marcação das atividades de treino em horários que possibilitem conciliar os horários letivos, e ao mesmo tempo, horas que não choquem com atividades da educação física, de acordo com os espaços para a prática desportiva. Existe uma preocupação e tenta-se marcar as horas de treino em horas compatíveis. Claro que não acontece sempre a mesma coisa. Existem escolas que optam por fazer nos pós almoço, outras escolas preferem fazê-lo ao final da tarde, num horário entre as 16,17, 18 horas. O grande problema é conseguir conciliar dentro da escola os horários das disciplinas e dos horários dos alunos com as disponibilidades dos espaços para a prática.

R12- Não sei se devia ter um peso maior. Acho que o desporto escolar sempre teve, dentro do leque de atividades que estão nos Planos das maiorias das escolas. O que se tem procurado nos últimos anos é que haja um envolvimento real da escola, nomeadamente ao nível da gestão, do projeto do desporto escolar. O Presidente de cada Clube do desporto escolar é um elemento da direção. Foi uma forma de comprometer e envolver mais quem faz a gestão e administração da escola. Sempre tem havido um largo número de atividades dentro do Plano Anual de Atividades dessas escolas que são atividades desportivas enquadradas dentro do Projeto do Desporto Escolar.

R13- Nós aqui confrontamo-nos com um problema geral que tem haver com o número de alunos que frequentam as nossas escolas. Temos menos alunos nas

escolas, do que tínhamos à uns anos atrás. É uma equação de difícil resolução. Queremos aumentar o número de praticantes tendo um número de alunos presentes nas escolas menor. Quer dizer que estamos a ser muito ambiciosos, a procurar taxas de envolvimento dos alunos em atividades do De muito mais elevadas do que antes. Parece-me que estamos a trabalhar melhor e que em termos relativos estamos a chegar a mais alunos. Mesmo que em termos absolutos não. Estive presente num dos encontros em Lisboa, na altura em que se discutiu este programa, um dos aspetos passa por uma aproximação do desporto escolar ao Desporto Federado. Sem preconceitos, sem olhar para o Desporto Federado como um “papão”, como algo que pode vir a destruir uma realidade mais sensata e mais heterogénea dos praticantes do desporto escolar. Acho que temos a ganhar com aquilo que é o conhecimento, experiência e competência das Federações e Associações desportivas em Portugal, nas diversas modalidades. É um aspeto que deve ser melhorado. O Programa fica um pouco aquém nesse aspeto. Porque até foi um aspeto muito falado na reunião em que estive, onde toda a gente reconhecia que se devem unir esforços, sem desvirtuar um lado ou outro, procurar que haja um contributo e uma participação maior, dentro da parte competitiva, de quem tem esta experiência e responsabilidade oficial no desenvolvimento das modalidades. É um caminho que poderá ser construído, sem haver na entrada do desporto federado nas escolas algo que poderá ser negativo. Acho que há muitos preconceitos há volta disso. Se procuramos ajustar situações a cada realidade concreta poderemos ter a ganhar com isso.

## ENTREVISTA 2

**Francisco Chouriço**



R1- Bom dia João. Quero em primeiro lugar agradecer o teu pedido para este tipo de trabalho e que tenhas sucesso no que estas a fazer. O meu percurso é muito singular. Desde pequeno que sou apaixonado pela prática desportiva. Para mim, estar nestas funções, ter passado por várias escolas, estar ligado ao fenómeno desportivo, estava-me no sangue. Sempre tive como objetivo ser profissional de educação física. Tinha isso intrínseco. Foi sempre a estudar com o intuito de chegar à FMH, onde completei o curso e fiz estágio integrado numa escola em Lisboa. Tentei tirar de todas as cadeiras o sumo que me permitisse trabalhar numa forma mais clara e objetiva. Sempre tive ligado ao fenómeno desportivo, desde os meus 5 anos que sou praticante de hóquei em patins, por razões familiares. Estou ligado ao hóquei em patins há 45 anos, desde pequeno a jogar e a partir dos 30 anos surgiu o bichinho de treinador. Tirei o nível I e II. Em termos académicos, depois do curso, lecionei em Lisboa, numa escola secundária, depois vim para Estremoz, onde tive um projeto de ensino básico e secundário onde os alunos não tinham avaliação em Educação Física, mas podiam chumbar por faltas. Foi um ano extremamente gratificante.

R2- Salto de Estremoz para Borba, há cerca de 25 anos, desde essa altura desempenhei as funções de professor de grupo-equipa, diretor de instalações desportivas, onde entendi que o agrupamento em função do conjunto de recursos materiais e espaciais afetos à escola faria todo o sentido que houvesse alguém responsável por isso. A partir daí entrei na coordenação do desporto escolar na escola e passado ¾ anos comecei a colaborar com a coordenação regional do Alentejo, onde era convidado para participar em alguns eventos e comecei a ter uma relação próxima com o gabinete regional. Há uns anos atrás, fui convidado para professor de apoio, na DGEst, o professor de apoio visava uma modalidade em específico. Criámos a patinagem. Foi com esse intuito que vim para a DGEst inicialmente. Em julho de 2017, fui convidado pelo coordenador regional a assumir o cargo de coordenador local do Alentejo central, cargo que aceitei e estou a desempenhar desde dia 1 de setembro de 2017.

R3- Sim tenho lido, não ainda aquilo que gostaria para aprofundar um pouco mais essa matéria. Parece-me que ainda existe ao nível dos agrupamentos um compromisso que ainda não é ideia face ao desporto escolar. O desporto escolar é algo que existe nas escolas, cria horários para os professores, tem como objetivo global oferecer aos alunos um conjunto de modalidades, que se possam praticar de forma regular e estruturada com competição, mas por vezes parece que falta alguma articulação entre aquilo que é o programa de desporto escolar, o desporto escolar nas escolas e as orientações dos vários agrupamentos ao nível da sua organização de disciplinas, de organização da vida interna em relação ao desporto escolar. Depois transporta-se também para os encarregados de educação e para aquilo que esta externo á escola, por vezes a mensagem não chega, ou não chega como deveria e por vezes existem constrangimentos naquilo que é o compromisso da escola, o compromisso dos alunos e dos pais relativamente ao desporto escolar.

R4- Vou dar um exemplo concreto. Claramente o desporto escolar, na modalidade de Patinagem, neste momento, o facto de existir, está a permitir a um conjunto de alunos de determinadas escolas/agrupamentos/zonas, onde a patinagem não existia, passar a ser uma atividade regular, de conhecimento dos alunos, de aprendizagem, de evolução. Em Borba, neste momento, graças ao desporto escolar e à patinagem, todas as semanas, cerca de 130 alunos fazem patinagem. Poderia ser um exemplo interessante para outras modalidades. Isto implica o tal compromisso, ligação, conhecimento e organização das escolas, dos pais, dos alunos e da perceção do que é o desporto escolar e quais os seus fins. O rugby deu um salto, graças à prestação da seleção nacional sénior, fez-se um conjunto de infraestruturas que, por causa do rugby, passou a acontecer. Isso permitiu o nascimento de alguns clubes e uma ponte de ligação forte entre o que acontecia nas escolas e a ligação dessas escolas com o clube na terra ou na cidade, permitiu aumentar o número de praticantes e criar grupos-equipas dessa modalidade no desporto escolar. Por vezes, existem modalidades que aparecem no desporto escolar que nada têm a ver com a região ou

tradições ou com aquilo que podia ser potenciado, mas por ser novidade faz-se e acaba por descaracterizar. Hoje, ao nível do desporto escolar, vejo um papel importante nas modalidades para alunos NEE, o que antes não acontecia.

R5- As escolas fazem os Projetos num ciclo de 4 anos, supostamente apoiadas em escolhas dos alunos, e deveria ocorrer durante esses 4 anos, mas por vezes não é possível, pelas tais novidades, porque os alunos são muito influenciados e preferem outro tipo de modalidades, ou por vezes as modalidades que existem não têm uma continuidade fora da escola. Já tive numa escola em que o rugby no desporto escolar potenciava muito o Desporto Federado. A partir do momento que o federado deixou de existir houve uma influência direta nos grupos-equipas da escola. Acabou por desaparecer. Ao contrário também existe. A oferta tem este dualismo do que é o federado e do que é a escola. Ainda cria alguma dificuldade na implementação de determinados projetos. Depois ainda existe a situação de quem são os professores. Se uma escola tiver um projeto de 4 anos com 6 modalidades e num dos anos desse ciclo existir mexidas no grupo de docentes, ou têm dificuldade em criar um elo com a modalidade e com os alunos, ou eles próprios sugerem uma modalidade diferente que achem mais adequada e lhes diga mais, devidamente justificada e que muitas vezes estão reunidas condições para que aconteça. Encontrar o equilíbrio é complicado. Ir de encontro às expectativas e gostos dos alunos, ter nas escolas docentes com qualificação para essas modalidades e ter uma ligação ou continuidade dessas modalidades na parte federada é bastante complicado. Nos pequenos centros mais difícil se torna.

R6- Neste momento existem os Centros de Formação Desportiva, no Alentejo temos em Avis e na ponte de Sôr, já existiu judo, esgrima. Estes centros estão virados para as atividades náuticas. Temos algumas zonas de água que estão a ser potenciadas. Para além destas, Mourão, em função do Alqueva, quer avançar como Centro de Formação Desportiva em atividades náuticas.

R7- Recentemente, o Corta-mato em Vendas Novas, teve participação de alunos NEE. Esses alunos foram integrados em determinadas provas da competição e

tiveram a sua classificação diferenciada. Foram medalhados, foram registadas as suas participações e alguns tiveram a sua participação no Corta-Mato nacional. Ao nível do Mega Sprinter, esse projeto permite a participação de alunos NEE. Podem fazer a sua participação nas várias modalidades do Mega Sprinter velocidade, salto em comprimento, quilometro, onde têm a sua classificação diferenciada e medalhada. Existe também o mega lançamento adaptado para alunos de cadeira de rodas, é mais uma opção que pode ir de encontro aos alunos com diferença em relação a outros. Dando um exemplo específico, provavelmente já aconteceu em inúmeras escolas ou agrupamentos. Na minha escola, Há uns anos atrás, foi recebida a informação de que alguns alunos do centro de alunos com problemas graves, ao nível cognitivo e motor, iriam integrar a escola. Naquele momento a escola não tinha nenhuma oferta desportiva para esses alunos. Não havia uma modalidade onde se pudessem inscrever. Nessa altura, eu e os meus colegas de gabinete, propusemos que começasse a existir um grupo de Boccia. Desde esse momento a escola passou a dar resposta em termos desportivos a alguns alunos que se encontravam nessa escola, não só os que vinham do centro com limitações físicas, mas também alguns alunos que já existiam na escola com NEE, mas que não estavam limitados em termos motores. Desde aí que a escola oferece essa modalidade aos alunos, o resultado é que a partir daí até aos dias de hoje a escola sempre participou no quadro competitivo distrital, regional e nacional. É um exemplo para outro tipo de modalidades, isto requer trabalho específico do professor responsável pelo grupo de Boccia, da forma como trabalha com eles e daquilo que pretende que eles façam que são participações contínuas, com elevados graus de aprendizagem e experiência. E o resultado está à vista, eles estão em todas as fases e nalguns casos até têm classificações de relevo.

Em relação à diferença de géneros, é possível que haja algum peso cultural. Por aquilo que vejo, conheço e observo, de facto, existe um decréscimo do género feminino nesse tipo de envolvimento. Não sei se haverá outro tipo de razão aparente que possa justificar esse facto. A escola não faz essa distinção. Haverá, dependendo das modalidades e percebe-se porque alguma desigualdade de géneros na

participação em eventos de desporto escolar. Defendo e não me assusto que haja uma competição mista. Vai de encontro aquilo que é o desporto federado. Há modalidades em que a competição mista é uma realidade. Às vezes no desporto escolar, não sei se por tradição ou cultura, mas parece-me que poderíamos rever algumas modalidades desportivas, no que diz respeito à separação de géneros. Até porque temos menos alunos na escola, temos mais dificuldade em criar grupos-equipas de um só género. Existem modalidades em que desde o escalão de Infantis aos séniores, são mistas. Não queria ir tão longe, não sou contra haver competições só do género feminino. Não me choca que em determinadas modalidades, pelo número reduzido de alunos de um determinado género, a competição pudesse permitir equipas mistas. No futsal só acontece nos Infantis A, a partir desse escalão não existe.

R8- Tem havido alguma formação, no início de março há uma formação de Tag-rugby. A maioria dos professores estão por dentro das modalidades, a sua formação académica assim o diz, no entanto, quando fazemos determinado tipo de eventos questionamos os professores naquilo que eles têm mais dificuldade. Tem existido, não no distrito de Évora, mas a nível nacional, A Semana da Formação, em várias modalidades, as pessoas escolhem, tem sido uma mais valia. Um evento interessante, para se propor esse tipo de formação para todos.

R9- Uma coisa é desporto escolar outra é desporto federado. Por vezes as competências numa área são diferentes da outra. Aquilo que são prioridades numa, não são na outra. Existe algo muito nublado no desporto escolar, falamos em formação, falamos em competição para ganhar, para ganhar de que maneira, como podemos ganhar, como podemos participar. Neste envolvimento dos professores com os alunos e por vezes são os mesmos no federado, as exigências que têm nos federados... existe uma grande confusão entre aquilo que é o federado de formação e aquilo que é o Desporto Escolar, não está claro. Os professores deveriam conseguir separar este tipo de situações e trabalhar em cada uma delas de acordo com o contexto onde estão, com isto não estou a dizer que jogamos para perder. Jogamos

para ganhar, no desporto escolar, no desporto federado, na vida, agora há muitas formas de chegar à vitória. Devo ter em todas as situações condições para me empenhar e lutar para ganhar. Por vezes, ganhar não é vencer determinados jogos ou terminar em 1º na classificação. Saber encontrar o equilíbrio, saber diferenciar, talvez seja uma das falhas

R10- É complicado. O desporto escolar é essencial, existem muitos obstáculos nas escolas. O desporto escolar é um projeto do agrupamento. A maioria das pessoas vê o desporto escolar como um projeto do grupo ou do professor de educação-física e não um projeto da escola. Enquanto não for identificado e assumido como um projeto do agrupamento, de todos os professores e comunidade educativa andamos sempre com dificuldades em encontrar o tal equilíbrio.

R11- Nos meios mais pequenos não é muito complicado trabalhar o desporto escolar numa hora mais tarde, o problema é que depois não há transporte para os alunos que estão nas freguesias. Se vais para os grandes centros o desporto escolar pode chocar com aquilo que é o treino do desporto federado. A organização das escolas propõe horas e tardes livres específicas para o desporto escolar. Mas aparecem sempre os clubes da História, do desenho... e as aulas de apoio. Parece-me importante haver uma reflexão sobre isso de forma a que as várias áreas curriculares e os vários projetos do agrupamento fossem possíveis de executar de uma forma muito mais eficiente de forma a contribuir para uma mais valia de todos. Por vezes, começa a ser curto o dia ter 24h, o ideal seria que cada agrupamento assumisse que o Projeto é do agrupamento.

R12- Penso que o desporto escolar tem um peso extremamente importante. É o tal compromisso, as vezes os pais não conhecem o projeto, a escola não divulga de forma correta e todas essas situações não permitem que o desporto escolar tenha o peso que deve ter e a importância que tem, porque tem. Porque é sobejamente reconhecido por muitos no conjunto de eventos a nível nacional e internacional. Nalguns casos parece que estamos na a da pedra, os pais não estão por dentro daquilo que é o projeto de desporto escolar.

Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

R13- Passa pela escola. Por uma ligação direta das escolas e das federações e se calhar o desporto escolar deveria existir até ao escalão de juvenis e só a partir de aí existir o Desporto Federado.

### ENTREVISTA 3

**Nuno Santinha**

R1- Bom dia, sou Nuno Santinha, tenho 43 anos, sou licenciado em Educação Física no ensino básico, licenciado pelo ISP Viseu, polo de Lamego entre 1993 e 1997.

R2-Iniciei o meu percurso como professor de Educação Física em Reguengos de Monsaraz e a minha ligação ao desporto escolar iniciou nesse mesmo ano, onde organizamos o Corta Mato Distrital, que me projetou na organização e me levou, em 1998 já quando estava a dar aulas em Arraiolos, a um convite feito pela Coordenação Local para começar a colaborar com o desporto escolar nomeadamente através de apoio nas modalidades de Natação e o Volei. Desde então continuei a ser professor de apoio em diversas modalidades, sempre na CLDE do Alentejo central, e em 2007 fui convidado a ser coordenador da CLDE do Alentejo Central, desde então assumi essas funções, organizei todas as atividades que havia ao nível da CLDE, também atividades de âmbito regional e nacional, dentro da minha área de intervenção. Em 2014, fui convidado para assumir o cargo de Coordenador Regional do Desporto Escolar. Estou no meu 4º ano de funções como Coordenador Regional, temos 3 CLDE e sou responsável pela ligação entre o Gabinete Nacional e as 3 CLDE do Alentejo.

R3-Sim, tenho conhecimento das metas propostas no documento orientador do Desporto Escolar.

Temos alcançado as metas na região, nomeadamente o aumento da prática do género feminino, e também na presença de alunos NEE. Temos em todos os distritos a presença desses alunos e este ano abrimos uma exceção positiva, porque mesmo sem estar previsto a participação de alunos NEE em determinadas modalidades demos esse passo e abrimos a participação desses alunos e felizmente tivemos já no campeonato de Monforte, a presença de 3 instituições, 2 não têm inscrição no Plano do desporto escolar mas é legal a instituição solicitar a participação á Direção de Serviços, pedido esse que foi aceite, também se verificou no Mega Sprinter a



presença de alunos NEE o que nos deixa satisfeito, porque mais do que atingir as metas vemos a felicidade e alegria destes alunos em participarem.

R4-Na região Alentejo, temos conseguido, vir a aumentar o número de presenças e participantes em todas as escolas. Presenças a nível distrital, regional e em âmbito nacional. Há cerca de 6 anos, levávamos alunos em 8 modalidades em competições nacionais, hoje em dia, o Alentejo está presente nos campeonatos nacionais em praticamente 18 modalidades o que traduz quase um aumento de 3x mais. Não é só por essa amostra que avaliamos o nosso trabalho, mas a nível de títulos e presença em pódios nacionais temos verificado esse aumento o que confere que as escolas trabalham cada vez mais com maior afinco e conseguem seduzir e convencer para a prática desportiva. Na prática aumentamos o número de alunos no desporto escolar, não relacionado com o número de alunos presente no Sistema Educativo, mas num conjunto de fatores estratégicos e medidas trabalhadas nos anos anteriores, na organização de torneios. Por exemplo, num campeonato que há 4 anos só tinha juvenis, atualmente, já levamos infantis b, iniciados e juvenis, e para o ano ponderamos ter a presença também de infantis A. Aqui nota-se um aumento, estamos a ter mais alunos porque temos mais escalões. A promoção de mais escalões é porque se criou um conjunto de estratégias que possibilita mais praticantes, nomeadamente mais grupos-equipa nas fases locais, porque as próprias organizações das competições foram ajustadas. Na modalidade de atletismo, temos mais grupos-equipa porque as escolas reconhecem que a modalidade está bem organizada e os encontros são de qualidade. Era um dos problemas do desporto escolar do Alentejo anteriormente. Por muitos esforços que eram feitos pelas escolas, não existia qualidade nem eram apelativas as competições fora da escola. Essa qualidade está a ser reconhecida quer pelos professores das escolas quer pelos alunos que participam.

R5-A oferta desportiva no desporto escolar prende-se com um quadro geral que é disponibilizado a cada agrupamento, a nível nacional, e a escolha das modalidades

prende-se com um top 20, são as modalidades que nos últimos anos têm inscrito um maior número de alunos. Anteriormente, só tínhamos 1/3 dessas modalidades, hoje congratulamo-nos por ter quase todas as 20 modalidades. A nossa oferta é integrada no projeto, estamos sujeitos à aceitação e escolhas das modalidades por parte das escolas. Por muito que façamos algum trabalho de apoio técnico com as associações das várias modalidades desportivas, sem dúvida que a seleção da modalidade começa no projeto educativo da escola. A seleção da modalidade compete à escola que deve ter em consideração fatores como os interesses dos alunos, a qualificação dos docentes que pertencem ao agrupamento e a competição.

R6-Temos vindo a aumentar graças aos Centros de Formação Desportiva, que no Alentejo eram uma miragem, mas há cerca de 5 anos começamos com um centro de canoagem sediado em Mértola, e hoje, temos 5. Canoagem em Mértola, remo em Avis, surf em Odemira e Sines e o último, constituído este ano, de vela, no Agrupamento de escolas de Ponte de Sôr, na barragem de Montargil. Graças a estes projetos é possível a qualquer aluno no nosso Alentejo ter acesso à prática dessas modalidades.

São centros qualificados, com professores com formação na área, e estes têm horas no seu horário para receber os alunos. São áreas muito específicas, relacionadas com a água, que não seriam acessíveis até do ponto de vista financeiro, mas que graças a estes projetos se tornam possíveis mesmo no interior como em Mértola ou Avis.

R7-A palavra Inclusão, faz parte do nosso dia-a-dia, o nosso trabalho sempre foi de criar projetos especiais, por exemplo no Mega Sprinter, que só tem programada a presença de alunos NEE no lançamento adaptado, nós decidimos, mesmo não tendo consequências a nível nacional, abrimos e tivemos alunos nas provas de velocidade e no Mega Quilometro. A nível dos géneros, outro projeto que temos em parceria com a federação portuguesa de futebol é o futebol feminino. É uma competição de

futebol de 7, só para raparigas, tem uma fase local e uma fase nacional, no Jamor, onde estarão presentes 2 equipas no mínimo de cada coordenação local. Não sou a favor da participação dos vários géneros ou de alunos NEE só por obrigação, sou a favor da participação livre. Por exemplo, na modalidade de futsal, tem existido mais equipas femininas do que masculinas, nos últimos 3 anos, outra modalidade que é ligada ao género feminino é o voleibol. Modalidades como a patinagem, em Borba, temos 70 alunos na maioria do género feminino. Existe uma procura para a prática de modalidades, tradicionalmente, ligadas ao sexo feminino. Mas isto é um pau de dois bicos, se por um lado procuramos e promovemos modalidades que não existam nas localidades, por outro lado deve-se aproveitar a parte federada de determinadas modalidades. Um projeto de desporto escolar bem concebido deve dar as duas ofertas aos alunos, as modalidades que já existem nas suas localidades e as novas.

R8-Sim, existe, no próprio projeto do desporto escolar o setor da formação, este ano vai ser feita pelo 5º ano, a semana das modalidades em Braga. Já demonstrámos ao ministério a vontade de realizar algo parecido no nosso distrito. Também temos formações pontuais, este ano já fizemos na área da vela e do Xadrez e temos em vista uma na área do badminton. Procuramos fazer formações em modalidades muito específicas e algumas que sejam uma novidade para a região. O ano passado tivemos BTT, ténis de mesa, temos o atletismo. A formação de vela foi um sucesso e temos prevista uma 2ª formação em Montargil. É uma das apostas do projeto do desporto escolar, a qualificação dos docentes.

R9-Os professores têm muitas competências. Resta saber a disposição que eles próprios têm para utilizar as competências ou não. Penso que os professores andam um pouco a arrastar-se no ambiente de crispação e penso que não há motivos para isso. Qualquer pessoa que tenha brio na sua profissão, e felizmente são muitos, têm qualidades e querem-nas por em prática, basta ser sincero e fazer aquilo que lhe compete e existe sucesso. Para mim, sucesso no desporto escolar é ter muitos alunos

a praticar e alunos interessados. Tem que haver um grupo vasto de alunos para existir qualidade, ganhar títulos e ambicionar ganhar. Devem usar as suas competências, devem continuar a formar-se e devem demonstrar um grande espírito de solidariedade. Temos registos de práticas muito boas e de práticas menos boas. Se de um lado corre muito bem e no outro não tão bem é por intervenção do próprio professor. Temos conhecimento, nos vários agrupamentos, professores com 20 alunos de prática regular e outros que não ultrapassam os 7/8 alunos, e não tem haver com a modalidade ou condições de treino, tem haver com a intervenção do professor. Existem também o problema de ser professor e querer ser treinador. São duas coisas distintas. Sou professor e treinador e há que saber distinguir a escola do sistema federado. Creio que em Portugal não existe espaço para os dois tipos de desporto. O desporto escolar deveria dominar e ser a única competição desportiva para jovens até os 12/14 anos e a partir de aí a prática ser só do ponto de vista federado. Não se percebe como temos alunos nas escolas, espaços desportivos e professores qualificados e depois sabemos de casos em que existe treino de desporto escolar de futsal com 6/7 alunos mas depois vai para o clube federado e tem 20 alunos. Não percebemos como os pais pagam mensalidade para ter o filho no clube quando têm oferta gratuita e não participam. São opções. As boas práticas acontecem quando o professor é somente professor no domínio do desporto escolar, quando puxa do cartão de treinador corre menos bem, somos professores, somos pedagogos e não nos devemos esquecer disso.

R 10-Tem haver com a forma como a escola dinamiza o Projeto de desporto escolar no seu projeto educativo. Está adjacente, tem os seus usufrutos, e naturalmente, alunos que têm a possibilidade de praticar o desporto escolar poderão trabalhar matérias que serão uteis nas próprias matérias abordadas na disciplina de educação física, existe uma valorização do seu currículo.

R 11- A maioria dos agrupamentos no Alentejo tem por tradição a disponibilidade da 4ª feira á tarde. Dos 72 projetos, sabemos de 3 agrupamentos que não têm a quarta

à tarde livre. A maioria tem a 6ª feira à tarde livre, mas ainda não estamos a agendar competições para esse horário. O que eu acredito é que a solução da 4ª à tarde, não é solução para o aumento da prática. Já dei aulas em agrupamentos mais interiores, que dependem dos transportes públicos ou da empresa e por vezes não nos vale um horário organizado na escola se esse horário não estiver articulado com o horário do desporto escolar. De que vale ter a 4ª à tarde livre se os alunos ficam sem transportes se não forem para casa a hora de almoço?

Outro dos problemas está relacionado com os horários dos professores, em que o professor deve ter 2 tempos não letivos para dinamizar as atividades e muitas vezes esse horário não é compatível com o horário dos alunos. Tem que existir uma melhor articulação. Uma das soluções passa por passar na escola desde as 8 da manhã às 18H em que o último tempo da manhã e da tarde sejam não letivos e dedicados ao funcionamento dos projetos de cada escola. Só assim temos os horários dos professores e alunos compatíveis para a prática. No ensino privado já começa a funcionar assim e nesses colégios conseguem ter 30 ou 40 alunos e um professor com horário compatível para dar treinos.

O problema não está nos horários, mas sim na articulação e compatibilidade de horários entre alunos, professores e muitas das vezes, de transportes escolares.

R12- Deveria ter um peso mais significativo, acredito que a maioria dos agrupamentos do Alentejo não lhe dá a devida importância e não o utiliza para combater problemáticas como o insucesso e abandono escolar. São objetivos do nosso projeto. A prática desportiva escolar serve para criar bom ambiente, para tornar a escola mais apelativa e somos a única área que possibilita esta competitividade e que oferece atividades desde o âmbito local até ao nacional. Nas escolas onde já lhe dão a devida importância, através da disponibilidade quer dos docentes para participar nas atividades, quer na própria organização das atividades dentro da escola, é notório a satisfação dos alunos por a escola estar organizada. É uma luta, é um desafio que nós gestores do desporto escolar no Alentejo temos para

sensibilizar os agrupamentos para cada vez “usem” mais o desporto escolar para prolos seus alunos e restante comunidade escolar.

R13-Acredito que passe por um maior diálogo. A relação que temos com os Professores e com a escola é ótima. Temos vindo a encher a nossa carruagem, queremos que o comboio ande mais rápido, as ideias que temos apresentado aos professores são válidas, reconhecem interesse embora sintam constrangimentos dentro do agrupamento, mas temos promovido reuniões com os Professores, com as direções dos agrupamentos, com os municípios e temos apresentado as nossas ideias e têm sido aceites. Não estão a ser implementadas a 100 %, mas queremos continuar a ter um grande acompanhamento, uma grande proximidade com as escolas e todos juntos vamos conseguir aumentar estes números e principalmente aumentar a qualidade. Que não seja só em 4 modalidades que vamos ao pódio frequentemente, mas que daqui a 4 anos estejamos presentes em quase todos os pódios do desporto escolar em competições nacionais.

#### ENTREVISTA 4

## **Paulo Carreiro**

R1 e 2- Tirei o curso na universidade de Trás Os Montes e alto douro, entrei em 1992 e saí em 1997. Comecei, em setembro de 1997 comecei a lecionar na Escola Secundária de Reguengos de Monsaraz, onde estou agora efetivo. Passado 3 ou 4 anos fui convidado para vir coordenar o Desporto Escolar na coordenação do Alentejo Central, onde estive 1 ano e seguidamente fui convidado para ser coordenador regional do desporto escolar durante aproximadamente 10 anos, após ter feito o tempo suficiente de estar requisitado para esta profissão, voltei á escola a meio tempo, mas mantive sempre a ligação com a coordenação. Agora estou como professor de apoio á CLDE do Alentejo Central.

R3- São metas sempre progressivas com vista ao aumento da prática do Desporto Escolar. Tem que se analisar a oferta para possibilitar aos alunos escolher o que mais lhes seduz. Temos um país dividido em zona litoral e zona interior. Grande parte do desenvolvimento ocorre na zona litoral sendo a parte interior pouco requerida.

As metas são viáveis, são nos colocadas questões nos finais dos anos letivos que servem como feedbacks para que estas metas sejam propostas, ou seja, o Ministério aconselha-se junto das CLDE, que por sua vez reúnem informação junto das escolas. Esta transmissão de conhecimentos sobre a realidade do Desporto Escolar serve e é bastante útil para que as metas formuladas sejam ajustadas e adequadas.

R4- Começando pelas modalidades, quem escolhe são as unidades escola, tendo em conta diversos aspetos. As modalidades têm vindo a diversificar-se, contudo, existe um conjunto de modalidades base que se mantêm. Existem umas que aparecem e outras que se extinguem. A unidade escola tem um peso muito importante no desenvolvimento desportivo da sua área.

R5- A escolha da oferta vai de encontro aos interesses dos alunos. No final de cada ano letivo ou logo no início são feitas fichas que são entregues aos professores, para que os alunos possam escolher de entre um leque de modalidades. Penso que os fatores principais na altura da escolha da oferta escolar desportiva são: os interesses dos alunos, pelas modalidades que a escola pode desenvolver e pela existência de campeonato local ou regional dessa modalidade, sendo que no caso de não existir, a coordenação procura noutras coordenações regionais de forma a oferecer aos alunos competição.

R6- Falando em modalidades náuticas existe um grande problema de transporte quer dos alunos, quer do material para o local onde decorre a modalidade. No entanto, continuamos a ter uma ligação com esse tipo de atividades quer no baixo Alentejo litoral, quer em Mourão e principalmente em Mértola onde existe um centro de formação desportiva, onde foi criada uma pista, através de parcerias, que possibilita a oferta aos alunos desse tipo de modalidades.

R7- Ultimamente, com aprovação superior, é possibilitada a criação de grupos-equipa extra de alunos com necessidades educativas especiais ou equipas apenas do género femininas, no sentido de promover a igualdade. Por outro lado, foram criados eventos para esse tipo de alunos, como Bóccia e também foram inseridos, em eventos já existentes, provas dedicadas aos alunos com necessidades educativas especiais, existem várias modalidades onde estes alunos já estão inseridos, por exemplo na natação.

R8- A coordenação regional tem tentado puxar para a nossa zona diversas ações de formação, apenas podemos trabalhar em parceria com os centros qualificados para dar essas ações. Ainda agora vai haver uma de ginástica de 25 horas, já houve de badminton em Beja, entre outras. Tentamos fazer esse tipo de ações creditadas, para



que os professores das nossas coordenações tenham acesso, para melhorar as suas qualificações e ajudar os grupos-equipas a evoluir.

R9- Na minha opinião tem que haver uma distinção entre o desporto escolar e o federado, embora exista uma aproximação. Os professores das modalidades do Desporto Escolar devem ser mais assertivos, muitas vezes não cumprem as partes burocráticas, têm um grande foco no treino, mas deviam também catalisar esse foco a este aspeto. Como em todo, há professores que trabalham melhor, que conseguem ter uma maior capacidade de liderança, que conseguem cativar os alunos para a modalidade. Vamo-nos apercebendo das lacunas e apostamos nas formações para as colmatar, para que haja evolução quer dos professores, quer dos alunos e claro da competição.

R10- Podia ser melhorado. Os alunos do desporto escolar, de um modo geral têm melhores notas, têm mais rigor, o desporto dá disciplina, dá rotinas, transmite entreajuda. Potencia diversos fatores que podem ser aproveitados noutras disciplinas. Existe um projeto de Desporto Escolar, aprovado em conselho pedagógico, que muitas vezes é descorado. O empenho, o esforço, as classificações em campeonatos poderiam ser compensadas de outra forma, cativando os alunos para o Desporto na escola.

R11-Os horários podiam ser melhorados. A escola sabe da existência de determinado espaço, mas muitas vezes, esse espaço é utilizado também por clubes de fotografia, de teatro, da poesia... Se isso fosse previsto pela escola, certamente mais alunos, praticariam Desporto Escolar. Existem manchas horárias que não são utilizadas devidamente. Há quarta-feira, a maioria das escolas tem a tarde livre, mas depois acontece que são colocadas reuniões de departamento, de grupos, conselhos pedagógicos que impossibilitam o professor dar treino ou de ir a competições.

Poderia colocar-se os treinos e os jogos ao fim de semana, mas surgem outros problemas como o transporte dos alunos.

R12- O peso do Desporto Escolar depende de cada Direção da escola, existem direções que dão mais peso que outras, este assunto foge muito à coordenação do desporto escolar, embora o nosso trabalho seja sensibilizar as direções para a prática e nesse ponto pensamos que fizemos corretamente o nosso trabalho.

R13- O desenvolvimento do desporto escolar passa muito pela unidade escola e pela parte política. Saber onde se está e saber para onde queremos ir ou onde queremos chegar. Muitas vezes duplicamos, em Portugal, os serviços. Os professores das modalidades são os mesmo que dão treinos nos clubes federados, porque não a formação ser feita na escola até ao escalão juvenil, toda a formação poderia ser feita ao nível escola, se fossem criadas essas condições. Os alunos, os atletas da escola, são os mesmos e estão todos na escola. Claro, até um certo escalão. Nos Estados Unidos, a NBA, recruta diretamente à universidade. Em Espanha também já se trabalha muito assim, muitos clubes de formação em Espanha pertencem a colégios. Penso que é por aqui que o Desporto Escolar pode evoluir

## ENTREVISTA 5

**Vitor Bela**

R1- o meu percurso em Torres Novas até ao 12º ano e depois fui para Castelo Branco fazer a licenciatura em Educação Física.

R2- A nível do desporto escolar comecei com um grupo-equipa de Basquetebol e depois outras modalidades e faço parte da coordenação do desporto escola desde este ano, ou seja, é o primeiro ano que cá estou.

R3- Não fui informado, concretamente, das metas, mas tenho uma ideia dos objetivos.

R4- A nível de alunos a faixa etária com mais participantes são os Infantis, do 5º ao 7º. Do 7º para cima é difícil termos competições com mais gente. No baixo Alentejo, temos vários 34 equipas de futsal, 28 de badminton e 19 de ténis de mesa. No baixo Alentejo temos 19 desportos espalhados pelas 40 escolas, todas elas têm que ter pelo menos 18 alunos. Há uma tendência para o aumento das modalidades, mas temos um constrangimento que é a distância entre escolas, como estão muito dispersas abdicam de determinadas modalidades para conseguirem ter competição mais próximo. O número de modalidades nesta coordenação tem-se mantido, o futsal com mais participantes, seguido das modalidades mistas.

R5- Geralmente a oferta desportiva vai de encontro ao que os professores de cada escola têm competências para lecionar. Há um questionário dado aos alunos com as modalidades que a escola pode oferecer e os alunos escolhem de acordo com os seus gostos. Ou seja, existem 3 fatores: espaço físico e material da escola, gosto dos alunos e competência dos professores.

R6- Temos um centro de formação em Mértola que trabalha a canoagem, como não existe mais nenhuma escola dessa modalidade no Alentejo, competem com a CRDE do Algarve, fazendo várias competições ao longo do ano. Temos também surf em Grândola e Sines, que também participam na CRDE do Algarve mas que acarreta um grande esforço financeiro em transportes. Felizmente temos aproveitado a costa.

R7- Criámos o Desporto Adaptado que é um campeonato com um conjunto de atividades entre escolas, que permite a prática competitiva para este tipo de alunos. Existe também o Boccia e para além disso conseguimos colocar em eventos como o Corta-mato e o Megasprinter provas para este tipo de alunos. Tem havido uma grande aderência por parte destes alunos. Quanto ao género, conseguimos ter algum equilíbrio, claro que depende da modalidade, no futsal, vemos um aumento muito grande de grupos-equipa de raparigas derivado do facto da aposta no futebol feminino no nosso país, isso é bastante notório, contudo claro que existe um maior número de praticantes do sexo masculino. Mas essa modalidade é talvez a mais desnivelada, no volei, no badminton e em outras já existe um maior equilíbrio entre rapazes e raparigas.

R8- O desporto escolar compromete-se a fazer formações durante o ano, já tivemos de badminton, vamos ter uma semana de formação em Évora, mas onde os professores da nossa coordenação se inscrevem mais são nos centros de formação locais. As escolas propõem e as formações vão parecendo, este ano já tivemos em Mértola, Beja e Aljustrel.

R9- Alguns professores poderiam empenhar-se mais, ter mais vontade e prazer em realizar um bom trabalho. Outro problema tem haver com separar o federado do escolar. Sendo os professores do desporto escolar, treinadores federados, muitas vezes transpõe os objetivos e valores e isso não deve acontecer porque há que saber distinguir os momentos. Eu, pessoalmente, proponha ás minhas equipas, abdicar do resultado final para todos poderem participar e terem hipótese de intervir em todos os jogos, porque isso é que é importante no desporto escolar.

R10- Em termos das aulas de Educação física existe um grande transfere das aprendizagens e conhecimentos que se retêm do desporto escolar. A prática nota-se.

Em desportos com gestos específicos, como o volei, que é difícil de aprender, a diferença é gritante.

R11- Acho que a ideia de quarta feira à tarde livre para o desporto escolar é excelente, o problema é que muitas escolas não as cumprem, colocam apoios, outros clubes, reuniões para os professores e pior, aulas normais, o que obriga muitas vezes os alunos a não ir a eventos, competições e treinos do desporto escolar, por incumprimento das próprias direções das escolas que calendarizam aulas para esse horário. Mas claro depende de escola para escola, de direção para direção.

R12- Eu acho que tem pouco impacto no projeto educativo de cada escola. Não há plano anual de atividades da escola que seja tão amplo como o desporto escolar. Temos os jogos, em casa e fora dos grupos-equipas, temos o Megasprinter, o Quilometro, o Corta-mato distrital e regional, o 3x3, o futebol feminino, a taça do desporto escolar... temos uma panóplia tão grande de atividades, que acabam por muitas vezes não resultar para alguns alunos por entraves como testes que não são mudados. Devia-se ver por outro prisma porque deveria ser um orgulho para a escola ser representada pelos alunos em competições a nível local. Quem é prejudicado é o aluno. Se calhar no papel, tem um peso significativo, mas na prática não.

R13- Penso que temos de começar a intervir logo desde as faixas etárias mais novas, as escolas de 1º ciclo estão integradas no agrupamento, sabemos que as AECS trabalham muito bem e é perceptível que os eventos têm grande aderência ou seja, conseguem cativar os alunos mais novos para a prática. Esses alunos gostam de praticar as atividades, devíamos aumentar o número de eventos para esses escalões para inculcar hábitos e para os cativar para o Desporto Escolar.

## ENTREVISTA 6

### **Nuno Mamede**

R1- Estudei até ao 12º na Escola Secundária de Diogo Gouveia, entrei em Vila Real em Trás Os Montes, em Desporto, entre 1991 e 1996. Nesse ano comecei a dar aulas. Fiz pos graduação em treino de alto rendimento em 2002 e 2004, na FMH. Depois fui coordenador da Associação de Futebol de Beja e treinador.

R2- Entrei em 2017 para coordenador do desporto escolar da CLDE do baixo Alentejo e Alentejo Litoral, sou professor do agrupamento nº1 de Beja, desde 2002, estou ligado ao desporto escolar desde que comecei a dar aulas há 22 anos.

R3- De uma forma concreta não, não as consigo enumerar, mas de uma forma geral tenho conhecimento.

R4- Em termos comparativos não tenho muitos dados porque só entrei para a coordenação este ano. Em quanto professor, penso que, segundo a minha experiência, a diminuição de 4 para 3 tempos letivos, levou a uma redução do tempo de trabalho com os alunos, foi uma quebra bastante grande. Daí para em diante, as coisas têm vindo a ser recuperadas. Na nossa CLDE os grupos-equipas e modalidades têm se mantido. Temos umas que são mais relevantes e outras mais residuais.

R5- O desporto escolar é o maior clube nacional. Nenhum tem tantas modalidades como este. Depende de cada escola. Nós tentamos no final do ano letivo anterior ou no início do presente, saber as expectativas desportivas e que modalidades queriam praticar. Deveria ser assim em todas as escolas, ouvir a população de alunos e ir de encontro aos seus interesses. Não deveria ser assim, mas obviamente que os espaços físicos de cada escola devem ser levados em atenção bem como os gostos ou tendências dos professores, contudo o mais importante deve ser os interesses dos alunos.

R6- Temos em Mértola um Centro de Formação de Canoagem e temos na costa alentejana o Surf e Bodyboard, desenvolvemos essas modalidades e temos Centros de Formação Desportiva dedicados a essas modalidades, como são em número reduzido, participam com as escolas do algarve a nível competitivo.

R7- Temos desníveis em algumas modalidades. As escolas deveriam diversificar a oferta para os gostos das raparigas e dos rapazes, de forma a que todos tenham acesso a modalidades que gostem. Muitas das vezes as escolas optam por modalidades mistas como atletismo, badminton, ténis de mesa. Na CLDE temos tido mais preocupação com a inclusão dos alunos NEE e crianças com deficiência. Para além da modalidade de Boccia, temos uma modalidade denominada Desporto Adaptado que inclui vários jogos desportivos onde podem participar e dentro dos projetos complementares, Corta-mato, megasprinter, temos provas onde estes podem participar.

R8- Regularmente fazemos formações em várias modalidades a nível distrital. No final do ano temos, durante uma semana em Braga, um conjunto 15 temas de formação de 3 dias mais 20 workshops de 4 horas onde cada professor pode escolher uma formação mais um workshop e durante esses dias os professores de acordo com os seus interesses escolhem.

R9- As competências que devem ser melhoradas são a liderança, o estudo dos comportamentos, a parte dos projetos e da gestão desportiva. Acontece com regularidade e é natural que muitos professores por serem ligados ao treino e competição, fazem o transfer para a escola esquecendo as diferenças de comportamentos e objetivos. São casos pontuais, ninguém gosta de perder. Há outros que conseguem distinguir. Ma quando estamos em competição é normal que todos queiram ganhar.

R10- No desenvolvimento de alguns projetos complementares há uma adequação do programa da disciplina de Educação Física, na altura do corta-mato lecionávamos atletismo, na altura do 3x3 abordávamos o basquetebol, isto acontece com maior regularidade com os professores ligados ao desporto escolar e aos grupos-equipas. O mesmo também ocorre no sentido inverso, em algumas modalidades, nota-se quais são os alunos que praticam esse desporto de forma mais continua.

R11- Os horários deveriam ser, cada vez os alunos têm mais horas na escola, dentro da sala o que lhes retira tempo para a prática desportiva. Estão sobrecarregados com aulas, explicações e apoios. Varia de escola para escola, mas em muitas o desporto não tem a importância que deveria ter.

R12- Depende de escola para escola. Existem escolas que têm um projeto de desporto escolar bem desenvolvido e com impacto no projeto educativo e no plano anual de atividades e outras em eu o desporto escolar só serve para passar horas. Depende de quem está nas direções das escolas, com a sensibilidade, com a proximidade e política de intervenção nas escolas.

R13- Temos tido dificuldades em termos de suporte financeiro, as escolas recebem do Ministério tranches que têm vindo a ser cada vez menores, é difícil ter as contas em dia. Existe um défice em termos de orçamento e nós aqui na nossa CLDE temos as escolas muito dispersas e gastamos muito em transporte. Combatemos isso com mudanças dos quadros competitivos, tentamos adaptar a falta de recursos, principalmente a nível de transportes. Agregamos competições de diferentes modalidades para facilitar.

## ENTREVISTA 7

**Pedro Cravo**



R1-Sou licenciado em Ciências do Desporto e Educação Física pela Faculdade de Motricidade Humana, fiz uns cursos no centro de estudo de fitness, tenho alguma ligação a essa área.

R2- Leciono Educação Física maioritariamente a 3º ciclo e ligado ao desporto escolar como professor das modalidades e este ano passei para a coordenação atuando como coordenador da CLDE do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral.

R3- Já tive acesso a essas metas e objetivos, penso que são viáveis e são suportadas por feedbacks dos coordenadores regionais, por isso fazem sentido do ponto de vista de quem atua perto das escolas.

R4- Como coordenador é difícil responder, pela experiência que tenho como professor da modalidade e em contacto com a realidade do desporto escolar, posso dizer que o número de envolvidos nas atividades do desporto escolar tem sido bastante superior, tem crescido, quer em eventos a nível regional, quer também a nível dos quadros competitivos das várias modalidades, que de forma flutuante, no total tem vindo a aumentar. Por tudo o que tem ligação com apuramentos com fases regionais e nacionais tem havido um crescimento no número de praticantes.

R5- Considero que a oferta está condicionada por fatores físicos e materiais de cada escola ou na proximidade e fundamentalmente condicionada pelos recursos humanos, as escolas tendem a colocar os grupos-equipa a cada professor segundo a sua área de formação e isso por vezes superioriza-se aos interesses dos alunos, o que é lamentável. No entanto, as escolas procuram saber os interesses dos alunos através de inquéritos, não acontece em todas as escolas, mas em muitas acontece.

R6- Neste momento existe, em Avis e em Ponte de Sôr, estas duas escolas têm atividades relacionadas com atividades náuticas associadas a um centro de formação

desportiva, que dedica um número de horas dedicadas á escola e está aberto a visitas de estudo e lecionação de aulas. A de Avis dedica-se ao Remo e em Ponte de Sôr aborda-se a Vela.

R7- Há modalidades em que a expressão é muito maior para o género masculino, como o futsal. Existem outras em que a distribuição é equiparada, estão equilibradas. Existem modalidades mistas em que a participação é homogénea. Ainda existem outras como as atividades rítmicas expressivas e a ginástica que tem um número de praticantes do género feminino superior. Não existe um desequilíbrio muito grande entre géneros.

Em relação aos alunos com deficiência, temos atividades especificamente para eles. Os desportos adaptados, permitem organizar atividades regulares onde se abordam muitas modalidades adaptadas. Temos também o Boccia com bastantes praticantes com e sem deficiência. Depois temos atividades de carácter pontual em que convidamos instituições a participar, como no Corta-mato e no Megasprinter.

R8- Todas as formações que são propostas pelos centros de formação local, relacionadas com o desporto, são divulgadas junto dos professores das modalidades, contudo acho que deveriam existir mais. Muitas vezes os professores têm que se deslocar vários quilómetros para a ter. Recentemente tivemos uma formação de Vela em Ponte de Sôr.

R9- Muitas vezes as práticas federadas vêm parar ao meio escolar. Há colegas que devido ás suas colocações, ficam a centenas de quilómetros de casa o que se torna um condicionante há prática, não é geral, mas acontece casualmente. Não há uma competência específica, mas o desporto escolar devia ser levado mais a sério.

R10- Existe uma boa relação entre o desporto escolar e a Educação Física principalmente por os professores das modalidades serem os mesmos da disciplina

de Educação Física. O desporto escolar permite, num nível de prática maior e mais exigente, praticar conteúdos abordados dentro da disciplina e isso nota-se nas aulas, os alunos de desporto escolar têm uma maior facilidade. Se as práticas forem as corretas adquire-se uma cultura de trabalho e organização e são transmitidos valores de respeito e fairplay que permitem uma melhor cidadania por parte dos envolvidos.

R11- Os horários são os mais adequados se forem cumpridos, é normal que o desporto escolar sendo uma atividade extracurricular é normal que ocorra após o período letivo. A mancha horária dos alunos é muito densa, não havendo espaço dentro dessas horas letivas onde caibam os treinos. Os finais de dia são o mais adequado. O que não está devidamente articulado são esses horários com os transportes públicos dos alunos para zonas rurais que muitas vezes impossibilitam essa prática. A organização horária de cada escola depende de muitos fatores, do número de docentes, do número de salas, das disciplinas e cursos... aquilo que são diretrizes de órgãos superiores para desimpedir a quarta feira à tarde infelizmente não tem sido posta em prática e acabam por outros clubes ocupar essas horas vagas e há sempre incompatibilidade. A prática da competição também sofre com esse incumprimento das diretrizes, geralmente as competições são às quartas feiras à tarde e muitos alunos são impedidos de participar.

R12- Depende das direções e órgãos de gestão de cada escola e da valorização e importância que estes dão ao desporto escolar. Há escolas que valorizam e acolhem bem os projetos e a nível de funcionamento nota-se, por exemplo através da organização de horários, muitas vezes não há essa preocupação e nós percebemos logo se estas lidam com o desporto escolar como sendo uma fonte de problemas ou, se por outro lado, percebem os benefícios para os alunos destas práticas.

R13- Há uma perceção positiva, no crescimento do desporto escolar. Considero que para os projetos funcionarem há que lutar pela motivação dos professores, eles são

os principais agentes do desenvolvimento do desporto escolar. Se a motivação dos professores for melhorada, o desporto escolar melhorará. Para os professores houve uma diminuição do tempo atribuído, foram criadas várias modalidades de funcionamento como o Desporto Escolar+ e os centros de formação desportiva que, aproveitando recursos e motivação dos professores, fomentam a prática do desporto escolar. Por exemplo, a nível das atividades regionais e nacionais, os professores que acompanham os alunos são movidos pela sua boa-vontade, prescindindo do seu tempo familiar e pessoal, para dormir em escolas e comer em cantinas, acrescentando as responsabilidades que têm sobre os alunos. Essa boa-vontade não é reconhecida, muitas vezes, pela própria escola. Há uma sobrecarga incompreendida pela escola. Os professores têm que sentir a sua prática reconhecida e valorizada. Nunca houve tanto dinheiro para materiais, as escolas, muitas delas, foram remodeladas, nunca houve tantas condições para a prática desportiva e por pequenos constrangimentos a prática não aumenta.

## ENTREVISTA 8

### **Paulo Pires**

R1- Conclui o meu secundário em Leiria e tirei a minha licenciatura na Universidade de Coimbra, terminei em 2003.

R2- Como professor de grupo-equipa, desde que comecei a dar aulas em 2000, como coordenador apenas este ano.

R3- Já li todas as metas e objetivos, não os sei de cor, mas estou consciente, no geral, do estabelecido.

R4- A visão que tenho enquanto grupos-equipas, é que o número de praticantes não tem descido, o que não é mau, mas não é bom, temos vários problemas ao crescimento do número de alunos, as escolas dão pouca importância e transmitem essa informação aos pais e há sempre problemas às participações dos alunos, ou a realização de testes de outras disciplinas, ou por maus resultados os pais retiram-lhes o desporto escolar, os próprios colegas professores são um constrangimento, os apoios escolares são colocados sobre os horários do desporto escolar, tudo junto condiciona a prática, seria normal no Alentejo haver mais praticantes até porque a oferta desportiva fora da escola, basicamente resume-se ao futebol. Em termos de modalidades, tem aumentado, por exemplo tiro com arco, hipismo, são modalidades que apareceram. O número de grupos equipas também se tem mantido.

R5- Normalmente tem se em conta os interesses dos alunos. Também se considera a formação dos professores, existem modalidades comuns como o basquetebol, o futsal, o andebol, o atletismo que qualquer professor deveria ter competências para lecionar, depois existem desportos mais específicos como a ginástica que a partir de um certo nível tem que se ter conhecimentos adicionais, a dança também, para além do conhecimento é preciso haver um trabalho continuado, estar na mesma escola vários anos. Quando se muda de professor ano após ano é difícil manter esses grupos equipas. Tanto que os grupos-equipas que têm melhores resultados são aqueles que têm os professores há vários anos. Cada escola também tem em conta o espaço ou

infraestruturas nas proximidades, uma escola sem piscina nas proximidades certamente não irá ter grupo-equipa de natação.

R6- Temos dois centros de formação desportiva no Alto Alentejo, dedicados a atividades náuticas, um com vários anos, com muita tradição em Avis que aborda a modalidade de Remo mas também canoagem, tem muitas atividades ao longo do ano e também outro centro de formação que começou este ano, de Vela, junto à barragem de Montargil. Existe uma equipa de Remo nesse centro desportivo.

R7- Ao nível dos alunos NEE, no Alentejo, felizmente, temos uma participação muito positiva, temos vários grupos-equipa de Desporto Adaptado, que se dedicam a várias modalidades, que se dedicam principalmente á atividade interna, tendo em conta o espaço físico e os alunos. Juntam-se 3 ou 4 vezes por ano com as outras escolas que têm desporto adaptado. A ideia é que cada encontro ofereça atividades diferentes. O principal trabalho é ao nível interno, mas também temos alunos que integram grupos-equipas normais, quer desportos coletivos que individuais. Temos também o Boccia para alunos com e sem NEE. É dos desportos em que o Alentejo é mais competitivo, com classificações bastante boas. Para além disso temos tido a participação destes alunos no Megasprinter, no Corta Mato, e nós com 3 CLDES, apresentamos, proporcionalmente, muito mais alunos NEE do que as outras regiões. Em relação aos géneros, temos alguma desigualdade no número de grupos-equipas masculinos e femininos que existem nos desportos coletivos, nos desportos individuais não há tanta diferenciação porque os grupos são mistos. Na maior parte dos sítios, embora haja interesse de algumas alunas, é difícil arranjar 18 alunos para formar um grupo-equipa. Em escolas pequenas é difícil isso acontecer, tanto que a maior parte dos grupos-equipa que existem no Alentejo são nas grandes cidades. Se no caso masculino é difícil, nos femininos a dificuldade é maior porque existem menos praticantes, mas a situação acontece a nível nacional não só no Alentejo.

R8- Nos últimos anos tem havido bastantes formações organizadas pelo desporto escolar no Alentejo, todas grátis e também tem havido ultimamente a nível nacional, onde existe grande variedade de formações, poderia haver mais, mas comparando com as outras disciplinas, a educação física e o desporto escolar estão bastante acima da média.

R9- Alguns deviam ter mais empenho nas atividades do desporto escolar, porque são horas letivas nos horários dos professores, um grupo nível II, que tem competição fora da escola corresponde a 3 tempos letivos e em alguns casos, há falta de empenho, falta de preparação como ler os regulamentos, sei que é difícil para professores que são colocados longe de casa ou se lhes é atribuída uma modalidade com a qual não estão tão familiarizados mas há eu tentar ser sempre o mais profissional possível e fazer o trabalho bem feito. Não nos podemos sentar á espera dos alunos, devemos incentivá-los e motivá-los para a prática. Tendo muitos professores de longe no Alentejo, muitos destes não estão dispostos a abdicar do seu tempo pessoal para ir a competições, preferindo que as equipas não sejam apuradas para fazes seguintes para ter mais tempo livre, isto acontece porque os professores que trabalham bem não são valorizados, não têm benefícios, bem pelo contrário. Infelizmente é assim.

R10- O desporto escolar desenvolve-se com uma boa articulação com a Educação Física. As escolas que tem determinadas modalidades no desporto escolar abordam mais essas disciplinas e planificam a lecionação das modalidades para a altura em que existem competições do desporto escolar dessas mesmas modalidades. Existe uma boa articulação nesse aspeto

R11- O problema não está nos horários do desporto escolar. As diretrizes impostas pelo ministério na formulação dos horários não são cumpridas. O ideal seria que no

máximo duas turmas tivessem aulas de Educação Física ao mesmo tempo e a verdade é que chegam a estar quatro e depois há períodos em que apenas está uma ou nenhuma. Mas passando para os horários do DE estes, segundo ordens superiores, acontecem à quarta-feira à tarde, quer para treinos quer para competições, mas muitas vezes a escola não cumpre com estes horários, ou mesmo que cumpra, coloca, nessas horas apoios ou reuniões impossibilitando que alunos e professores de estarem presentes. Há muito a melhorar, os treinos terão que ser sempre ao final do dia e os treinos à quarta também não são o mais aconselhado porque se houver competição de uma determinada modalidade nessa escola, as restantes modalidades não poderão treinar se o espaço físico ocupado for o mesmo. Depois alguns professores são responsáveis por 2 grupos-equipas, se um dos grupos tiver competição o outro não terá treino e vice-versa e não havendo rotinas e hábitos os miúdos deixam de aparecer.

R12- Deveria ter um peso mais significativo. Todos os agrupamentos têm um projeto do desporto escolar, mas não lhe dão o valor ou importância, até porque, já está provado que, um dos grandes problemas da sociedade atual e futura é a obesidade derivada da falta de prática desportiva e a Educação Física e o desporto escolar, são uma das melhores ferramentas a utilizar para combater esse problema.

R13- Será necessário melhorar a formulação de horários, tornando possível a prática a um maior número de alunos, será preciso maior financiamento às escolas para cumprirem com os quadros competitivos, aqui no Alentejo temos um problema particular que é a distancia entre escolas, que torna muito dispendioso a organização de eventos, porque os quadros competitivos abrangem uma área muito grande. Quando existem mais escolas, os quadros competitivos são mais próximos. Os transportes públicos são quase inexistentes, apenas existem transportes escolares. Todas as escolas no Alentejo se não tiverem apoios por parte das camaras municipais para transportes, teriam muita dificuldade e o financiamento dado pelo ministério



Programa de Desporto Escolar 2017-2021. As perceções dos coordenadores locais de Desporto Escolar sobre as metas propostas.

não é suficiente para os transportes, alimentação e materiais específicos para as modalidades.